

A RELAÇÃO SINTÁTICO-SEMÂNTICA DOS VERBOS E SEUS ARGUMENTOS NA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS (LIBRAS)

VOLUME I

TANYA AMARA FELIPE DE SOUZA

(Departamento de Lingüística e Filologia)

Tese de Doutorado em Lingüística apresentada à
Coordenação dos Cursos de Pós-Graduação da
Faculdade de Letras da Universidade Federal do
Rio de Janeiro.

Orientadora:

Prof. Dra. MARIA ÂNGELA BOTELHO PEREIRA

RIO DE JANEIRO, 1998

Rio de Janeiro, 1º semestre de 1998

TESE DE DOUTORADO

FELIPE, Tanya Amara de Souza. *A relação sintático-semântica dos verbos e seus argumentos na Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS)*. Tese de Doutorado em Lingüística. Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, UFRJ, 1998. 298 pp. mimeo.

BANCA EXAMINADORA

Maria Ângela Botelho Pereira

Orientadora: Professora Doutora Maria Ângela Botelho Pereira -
Faculdade de Letras. Depto. Lingüística. UFRJ / R.J.

Claudia Níria Roncarati de Souza

Professora Doutora Claudia Roncarati de Souza - Faculdade
de Letras. Depto. Lingüística. UFF / R.J.

Maria das Graças Dias Pereira

Professora Doutora Maria das Graças Dias Pereira. Departamento
de Letras/ Área de atuação Língua Portuguesa e
Lingüística - PUC / R.J.

Humberto Peixoto Menezes

Professor Doutor Humberto Peixoto Menezes - Faculdade de
Letras. Depto. Lingüística. UFRJ / R.J.

Lúcia Quental

Professora Doutora Lúcia Quental- Faculdade de Letras
Lingüística. UFRJ / R.J.

Suplentes:

Professora Doutora Miriam Lemle - Faculdade de Letras.
Depto. Lingüística. UFRJ / R.J.

Professor Doutor Celso Vieira Novaes - Faculdade de Letras.
Depto. Lingüística. UFRJ / R.J.

Defendida a Tese

Conceito:

Em: / / 98

FELIPE, Tanya Amara.

A Relação Sintático-Semântica dos Verbos na Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) / Tanya Amara Felipe -- Rio de Janeiro: UFRJ, 1998.

pp.298; 8,5"x11" (Polegadas).

Tese (Doutorado em Lingüística) -- Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, Pós-Graduação, Departamento de Lingüística, 1998.

Bibliografia: 135-143

1. Língua de Sinais; 2. Língua de Sinais Brasileira; 3. Classificação de Verbo; 4. Regras Temáticas; 5. Frame, Frame Temático, Frame Proposicional; 6. Argumentos de Verbo; 6. Formação de Palavra; 7. Flexão Verbal; 8. Classificador.

I. UFRJ/Fac. Letras

II. Título/Série/Volume I

SINOPSE

Tipologia dos verbos da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) a partir da relação morfológica, sintática e semântica dos verbos e seus argumentos, destacando a formação de palavra e os tipos de flexão verbal.

A linguagem do silêncio

Gustação

Audição

Olfato

Visão

Tato

Formas de apreensão do mundo

Nos gestos e movimentos

a dança dos olhos

despe a alma

aguça o

VER

Dedico esta tese a Flausino Gama, primeiro pesquisador surdo brasileiro, em memória, e às comunidades surdas do Brasil que têm me ensinado a apreender o mundo através de sua língua:

Recife, São Paulo, Porto Alegre, Caxias do Sul, Belo Horizonte, Maceió e, em especial, Rio de Janeiro.

Agradecimentos

Esta tese foi um trabalho difícil, dispendioso, cansativo e, em alguns momentos, frustrante, mas muitas pessoas foram meus alicerces em cada momento ou em todos eles e, por isso, posso me sentir feliz e vitoriosa por ter conseguido realizá-lo:

Ângela Botelho, minha verdadeira orientadora, que teve a coragem de assumir a orientação deste trabalho mesmo tardiamente: dignidade, sensatez, serenidade e seriedade acadêmica;

Ted Supalla, meu coorientador: descobertas e aprendizagem de línguas de sinais;

Myrna, meu braço direito: coração, amizade e muito compromisso com as pesquisas;

Alex, meu informante e pesquisador: persistência, paciência e amizade e espírito de grupo;

Emeli, Arthur, Sônia, João Carlos, Jorgival, meus pesquisadores e suporte: persistência, paciência, amizade e espírito de grupo;

Ana, Francisco, meus filhos e pesquisadores: amor, paciência e descobertas;

Hindenburgo, meu marido e pesquisador: amor, paciência, descobertas e companheirismo;

Deize e René, meu braço esquerdo: amizade, força e apoio na hora certa;

Tadeu, meu desenhista: paciência, persistência e ingenuidade;

Minha mãe, dignidade, coragem e esperança;

Amigas e Amigos: paciência e coragem;

Lúcia, companheira de trabalho da UPE: revisão de texto;

Diretoria da FENEIS - Rio de Janeiro e Belo Horizonte, suporte institucional e financeiro para o grupo de pesquisa, através do MEC/SEESP: respeito, confiança e amizade;

Coordenação da Pós-graduação e do Depto. de Lingüística e professores do curso de doutorado da UFRJ: descobertas, postura acadêmica e ética;

CNPQ: Bolsa de Doutorado no País e Bolsa Doutorado Sandwich - University of Rochester.

Universidade de Pernambuco - FFPNM: licença com vencimento para realização do doutorado e apoio acadêmico para finalização da pesquisa.

RESUMO

Esta pesquisa teve como principal objetivo estudar o verbo em uma língua de modalidade gestual-visual e estabelecer uma classificação para os verbos da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS).

Para se fazer este estudo foi necessário repensar sobre tipologia de línguas, categorias gramaticais e fazer uma pesquisa de campo para, através de dados elicitados, propor uma classificação para os verbos dessa língua.

A constituição do verbo, enquanto item lexical, possuidor de uma raiz onde se agregam outros elementos que ou são marcas de concordância ou são satélites, foi o foco de estudo. Através de uma abordagem morfológica, sintática e semântica, o verbo foi apresentado como uma rede que, devido a regras de seleção restritiva, seleciona seus argumentos, suas regras temáticas e suas alterações diátesis. Há, portanto, um *frame* verbal que induz a um *frame* temático que induz a uma *frame* proposicional.

Assim, os verbos da LIBRAS foram divididos em classes a partir do seu sistema de flexão: gênero, número-pessoal e locativo.

Os resultados obtidos neste estudo trará uma contribuição que ultrapassa o entendimento das línguas de sinais, oferecendo subsídios à teoria geral da linguagem, demonstrando a aplicação àquelas de princípios que vêm sendo propostos para a análise de línguas orais-auditivas.

ABSTRACT

This work is a study about Brazilian Sign Language (LIBRAS) verbs and the main objective is to do a classification of them through their morpho-syntactic-semantic components.

For doing this study, it was necessary to rethink about language typologies, grammatical categories and to do a field researching.

The verb was presented as a lexical item that has a root where aggregate other elements: the agreement marks and satellites. So the verb is a net and its arguments must be submitted to rules that select the theta roles and the diathesis alternations.

There is a verbal frame that induces to a theta frame that induces to a phrasal frame.

The Brazilian sign language verbs were divided into classes in order to their agreement system: gender, discourse person/number and locative.

The research results give a contribution to general language theory because they demonstrate the application of the same principles used to oral languages.

ÍNDICE

Sinopse	iv
Dedicatória	v
Agradecimentos	vi
Resumo	vii
Abstract	viii
Índice de Figuras	xii
Sistema de Notação Simplificado	xiii
Apresentação	xv
Introdução	1
Capítulo 1: O Processo de Formação de Palavra na Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS)	
1.1. A LIBRAS: uma Língua Gestual-Visual	7
1.2. As Categorias Gramaticais nas Línguas de Sinais: o Verbo	18
1.3. Os Processos de Formação de Palavras na LIBRAS - o Verbo	22
1.3.1. Processos de Modificação de Raiz	23
1.3.1.1. Modificação por Adição à Raiz	23
1.3.1.2. Modificação Interna da Raiz	32
1.3.2. Processos de Derivação Zero	33
1.3.3. Processos Miméticos ou Icônicos	37
1.3.4. Processos de Composição	39
Capítulo 2: Os Classificadores enquanto Marcadores de Flexão de Gênero - o Sistema de Flexão Verbal na LIBRAS	
2.1. Os Classificadores nas Línguas Orais-Auditivas	41
2.2. Os Classificadores nas Línguas Gestuais-Visuais	55
2.3. A Flexão Verbal na LIBRAS	66
Capítulo 3: A Rede Verbal na LIBRAS	
3.1. O Conceito de <i>Frame</i> e de <i>Frame</i> Temático	70
3.1.1. Os papéis de caso implícito	76
3.1.2. O Conceito de Valência: Seleção e Subcategorização do Argumento de Verbo	77

3.1.3. O <i>Frame</i> Proposicional	79
3.2. A Representação Lexical, segundo Jackendoff	82
3.3. O Verbo e as Alternâncias Diatesis	89
3.4. A Rede Verbal	93
3.4.1. A Raiz Verbal Principal	94
3.4.2. Casos Proposicionais e Modais	94
3.4.3. Qualidades Semânticas do EVENTO e dos Participantes	96
3.4.4. Características Relacionais do EVENTO com os Participantes em Contexto	98
3.4.5. Esquema da Rede Verbal	100

Capítulo 4: A Relação Sintático-Semântica dos Verbos na LIBRAS

4.1. Metodologia para Coleta de Dados	102
4.1.1. Teoria da Gramática ou Teoria do Uso?	102
4.1.2. A Coleta de Dados	105
4.1.2.1. Sistema de Notação para a Transcrição de Dados	107
4.2. As classes de Verbos na LIBRAS e suas Representações Sintático-Semânticas	112
4.2.1. Verbos sem Flexão	114
4.2.1.1. Verbos sem Sujeito	116
4.2.1.2. Verbos sem Objeto	117
4.2.2. Verbos com Flexão para Pessoa do Discurso	117
4.2.3. Verbos com Flexão para Gênero	119
4.2.3.1. Verbos com direcionalidade implícita	121
4.2.3.1.1. Verbos com Raiz de_	122
4.2.3.1.2. Verbos com Raiz _para	123
4.2.3.1.3. Verbos Multi-Direcionais	124
4.2.4. Verbos com Flexão para Locativo	125
4.2.5. Sentenças Copulativas	127

Conclusão	130
------------------	-----

Bibliografia	135
---------------------	-----

Apêndice:

a) As Categorias Gramaticais da LIBRA	145
b) Índice das Fotografias de Verbos	159
c) Fotografias de Verbos	195

Anexos:

a) Fitas :

A: Cópia das Fitas Originais 1, 2, 3 e 4

B: Cópia das Fitas Originais 5, 6, e 7

b) Disquete com Transcrição de Dados:

1. Arquivos de Transcrição da **Fita A (1ª Parte: 1 e 2)**

2. Arquivos de Transcrição da **Fita A (2ª Parte: 3 e 4)**

3. Arquivos de Transcrição da **Fita B**

RELAÇÃO DE FIGURAS

Figura 1: Alfabeto Manual da FSL (Moody, 1983)	10
Figura 2: Alfabeto Manual da ASL (Wilbur, 1987)	10
Figura 3: Alfabeto Manual da LIBRAS (FENEIS)	11
Figura 4: Verbo PERGUNTAR	14
Figura 5: Verbo FALAR	15
Figura 6: Verbo TELEFONAR	15
Figura 7: Verbo MOSTRAR	15
Figura 8: Verbo AVISAR	16
Figura 9: Verbo AJUDAR	16
Figura 10: Verbo RESPONDER	16
Figura 11: Verbo SAIR (1)	25
Figura 12: Verbo SAIR (2)	25
Figura 13: Verbo SAIR (3)	25
Figura 14: Verbo SAIR (4) IR	25
Figura 15: Verbo VIAJAR	25
Figura 16: Verbo VIR/VOLTAR	26
Figura 17: Verbo CHEGAR/VOLTAR	26
Figura 18: Verbo ABRIR-JANELA	26
Figura 19: Verbo BUSCAR	26
Figura 20: Verbo PEGAR	26
Figura 21: Verbo CONQUISTAR/ARRANJAR	26
Figura 22: Verbo QUERER/QUERER-NÃO	28
Figura 23: Verbo GOSTAR/GOSTAR-NÃO	28
Figura 24: Verbo SABER/SABER-NÃO	28
Figura 25: Verbo TER/NÃO-TER	29
Figura 26: Verbo ENTENDER/NÃO-ENTENDER	29
Figura 27: Verbo PODER/NÃO-PODER	30
Figura 28: Verbo CREDITAR/NÃO-ACREDITAR	30
Figura 29: Verbo ENTENDER-NÃO	31
Figura 30: Verbo SABER-NÃO	31
Figura 31: Verbo GOSTAR-NÃO	31
Figura 32: Verbos de Derivação Zero	36
Figura 33: Morfemas Classificadores na LIBRAS	63
Apêndice:	
Estampa 13: Pronomes	149
Estampa 17: Advérbios	151
Estampa 18: Preposições	152
Estampa 19: Conjunções	153
Estampa 20: Interjeições	157
Estampa VI: Explicações da Estampa 6	158

SISTEMA DE NOTAÇÃO SIMPLIFICADO

1. **Sinal da LIBRAS:** item lexical da Língua Portuguesa em letras maiúsculas.
Exemplos: CASA, ESTUDAR, CRIANÇA.¹

2. **Sinal traduzido por duas ou mais palavras:** separadas por hífen.
Exemplos: CORTAR-COM-FACA, QUERER-NÃO "não querer", MEIO-DIA, AINDA-NÃO.

3. **Sinal composto:** símbolo ^.
Exemplos: CAVALO^LISTRA "zebra", MULHER^BENÇÃO "mãe".

4. **Datilologia (alfabeto manual):** hífen, letra por letra.
Exemplos: J-O-Ã-O, A-N-E-S-T-E-S-I-A.

5. **Sinal soletrado:** datilologia do sinal em itálico.
Exemplos: *R-S* "reais", *A-C-H-O*, *QUM* "quem". *N-U-N-C-A*.

6. **Símbolo @ - ausência de desinência.**
Exemplos: AMIG@ "amiga(s) e amigo(s)", FRI@ "fria(s) e frio(s)", MUIT@ "muita(s) e muito(s)", TOD@, "toda(s) e todo(s)". ME@ "minha(s) e meu(s)".

7. Traços não-manuais:
a) **tipos de frase (expressões faciais):** interrogativa ou ... neg negativa ou ... neg

Exemplos: interrogativa NOME exclamativo ADMIRAR;

b) **advérbio de modo ou um intensificador (expressões faciais):**
muito rapidamente exp.f "espantado"

Exemplos: muito LONGE rapidamente ANDAR exp.f "espantado" ESTRANHO.

c) **bimodalismo:** item da LIBRAS coarticulado com item lexical da Língua Portuguesa.

Exemplos: <vou> IR. <viaja> VIAJAR;

d) **sons que complementam o sinal:**

Exemplos: <bbrrrrr> MOTO. <pppprrrrrr> HELICÓPTERO.

¹ Este Sistema de Notação para a transcrição de dados está mais detalhado nas páginas de 107 a 111, no *Capítulo 4*.

8. Categorias semânticas IDENTIDADE, POSSE e LUGAR:

a) **IDENTIDADE (pronomes pessoais)**: ind_{1s} "eu", ind_{2s} "você", ind_{3s} "ele/ela"; ind_{1d} "nós dois/duas", ind_{2d} "vocês dois/duas"; ind_{3d} "eles dois/elas duas"; ind_{1p} "nós", ind_{2p} "vocês", ind_{3p} "eles/elas";

onde: ind = índice ou deixis;

b) **marca de flexão para as pessoas do discurso**:

1s, 2s, 3s = 1^a, 2^a e 3^a pessoas do singular;

1d, 2d, 3d = 1^a, 2^a e 3^a pessoas do dual;

1p, 2p, 3p = 1^a, 2^a e 3^a pessoas do plural;

c) **LUGAR (locativo)**: loc_i "este, esta, isso/aqui"; loc_j "esse, essa, isso/aí"; loc_k = "aquele, aquela, aquilo/alí";

onde: variáveis: i = ponto próximo à 1^a pessoa,

j = ponto próximo à 2^a pessoa,

k e k' = pontos próximos às 3^{as} pessoas

e = esquerda do emissor

d = direita do emissor;

d) **POSSE (pronomes possessivos)**: ind_i "meu/minha/ nosso"; ind_j "teu(s)/tua(s)"; ind_k "seu/sua/dele/dela"; ind_{k'} "seu/sua/dele/dela". O "k'" foi usado quando mais de um ponto estava sendo convencionado para 3^{as} pessoas diferentes.

9. **Concordância de gênero (animado/inanimado)**:

Exemplos: pessoa_{ANDAR}, veiculo_{MOVER}, coisa-arredondada_{COLOCAR}.

10. **Concordância de lugar ou de número-pessoal**:

Exemplos:

a) **EVENTO de raiz de...** -> i---k: i IR_k, i VIAJAR_k;

b) **EVENTO de raiz ...para** -> k---i: k VIR_i, k ABRIR-GAVETA_i;

c) **EVENTO multi-direcional**: kd ANDAR_{ke} "andar da direita para a esquerda;

d) **flexão para pessoa do discurso**: i_s DAR_{2s} "eu dou para "você".

11. **Marca de plural**: cruz no lado direito acima do sinal que está sendo repetido:

Exemplo: GAROTA ⁺

12. **Mesmo sinal com duas mãos ou dois sinais estão simultaneamente**:

Exemplos: IGUAL (md) muit@-pesso@ ANDAR (me)

IGUAL (me) 1-pesso@ EM-PÉ (md)

onde: me = mão esquerda;

md = mão direita.

APRESENTAÇÃO

Esta pesquisa é fruto de dez anos de trabalho com algumas comunidades surdas do Brasil (Recife, Rio de Janeiro, Resende, Belo Horizonte, Florianópolis, Porto Alegre, Caxias do Sul e Maceió).

Em minha dissertação de Mestrado - *O Signo Gestual-Visual e sua Estrutura Frasal na Língua de Sinais dos Centros Urbanos do Brasil (LSCB)*, defendida, em 1988, junto ao Programa de Pós-Graduação do Mestrado em Letras e Lingüística na Universidade Federal de Pernambuco, pesquisei os tipos de frases da língua de sinais brasileira a partir do tipo de verbo. Foi um trabalho pioneiro em relação à coleta de dados tanto da comunidade lingüística pesquisada - a comunidade surda do Recife, quanto ao sistema de notação para os dados sobre verbos e frases dessa língua.

Esta tese será uma continuidade da pesquisa desenvolvida anteriormente, mas abordando o verbo pelo prisma sintático-semântico a partir, também, de outros pressupostos teóricos, do aprendizado, com mais profundidade, da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), através do convívio com outras comunidades surdas, que ocasionaram pesquisas e publicações na área.

Participando de muitos eventos, pude observar que sempre as perguntas sobre essa língua eram as mesmas e, para tentar respondê-las, tive de problematizar também sobre a estrutura e funcionamento desta língua:

- Que tipo de língua é a LIBRAS?

- Há categorias gramaticais nesta língua e como se dá seu processo de formação de palavra?
- O que são classificadores e como eles se realizam nas línguas de sinais?
- Existe flexão verbal na LIBRAS?
- Como classificar os verbos a partir desse sistema de flexão verbal?
- Como representar a estrutura sintático-semântico do verbo na LIBRAS?

Para responder a estas questões que se tornaram o problema que norteou toda a pesquisa, foram feitas:

- pesquisas bibliográficas aqui no Brasil e nos Estados Unidos;
- filmagens de verbos em contextos, a partir de desenhos;
- transcrição desses dados coletados, digitação e arquivamento em disquetes;
- listagem e fotografia dos verbos.

O objetivo principal desta pesquisa foi, portanto, classificar os verbos a partir de sua flexão e aprofundar em questões polêmicas sobre as línguas de sinais como, por exemplo, os classificadores; além de organizar um banco de dados, filmado e transcrito, que poderá servir a outras pesquisas e pesquisadores.

Assim, com este trabalho, espera-se poder contribuir com questões teóricas que esclareçam sobre a formação e funcionamento de uma língua gestual-visual e que isso possa ser repensado, rediscutido e reformulado.

INTRODUÇÃO

INTRODUÇÃO

INTRODUÇÃO

São inúmeras as pesquisas sobre verbo e, desde a antiguidade grega, Aristóteles já havia tido uma preocupação metodológica para classificar as categorias do discurso, conceituando o verbo ($\rho\eta\epsilon\mu\alpha$), como aquela parte do discurso sem flexão de caso, mas com flexão de tempo, pessoa e número, significando atividade ou processo executado ou experimentado (Kristeva, 1969; Robins, 1979).

A tradição dos estudos sobre verbos vieram até nossos dias, atravessando teorias medievalistas, comparativistas e históricas, neogramáticas, estruturalistas, gerativistas e funcionalistas, mas sempre o verbo tem permanecido como uma categoria universal intrigante devido à sua complexidade morfológica, sintática e semântica.

Para estudar o verbo em uma língua de modalidade gestual-visual, esta pesquisa teve como principal objetivo estabelecer uma classificação para os verbos da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS)¹, e para isso foi necessário repensar sobre tipologia de línguas, categorias gramaticais e fazer uma

¹ Ainda não há um consenso quanto ao nome para a língua de sinais utilizada pelos surdos no Brasil, como aconteceu e acontece em outros países. Nos estudos lingüísticos sobre esta língua, há uma década, ela vinha sendo denominada de Língua de Sinais dos Centros Urbanos do Brasil - LSCB, mas como as comunidades surdas não gostaram desta denominação, dada por lingüistas, ela foi substituída, em estudos posteriores, por Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS, nome que as Comunidades Surdas anteriormente já haviam legitimado e que era usado também por professores de surdos. Atualmente, há um grupo de surdos na Federação Nacional de Educação e Integração de Surdos (FENEIS) que, pesquisando e ensinando esta língua, estão querendo modificar o nome para Língua de Sinais Brasileira - LSB, mas como para a oficialização desta língua os diretores atuais da FENEIS, juntamente com o Comitê Pró-Oficialização da LIBRAS, insistiram para que o nome fosse LIBRAS, como a maioria dos surdos do Brasil a denominam, nesta pesquisa será esta a denominação adotada.

pesquisa de campo para, através de dados elicitados, propor uma classificação para os verbos da língua de sinais brasileira.

A constituição do verbo, enquanto item lexical, possuidor de uma raiz onde se agregam outros elementos que ou são marcas de concordância ou são satélites, será o foco de estudo. Através de uma abordagem que leva em conta aspectos morfológicos, sintáticos e semânticos, o verbo será apresentado como uma rede que, devido a regras de seleção restritiva, seleciona seus argumentos, suas regras temáticas e suas alterações diátesis. Há portanto um *frame* verbal que induz a um *frame* temático que induz a uma *frame* proposicional.

Portanto, os verbos da LIBRAS serão divididos em classes a partir do seu sistema de flexão: gênero, número-pessoal e locativo.

Os resultados obtidos neste estudo poderão trazer uma contribuição que ultrapassa o entendimento das línguas de sinais, oferecendo subsídios à teoria geral da linguagem, demonstrando a aplicação àquelas de princípios que vêm sendo propostos para a análise de línguas orais-auditivas (Levin, 1993).

Assim, a partir destes objetivos e destas reflexões, este trabalho está dividido em:

Capítulo 1: a partir da classificação da LIBRAS enquanto língua flexional, devido a seus aspectos morfológicos, será apresentada a categoria gramatical VERBO nas línguas de sinais, bem como o processo de formação de palavras na LIBRAS. Os objetivos deste capítulo serão o de mostrar como as categorias gramaticais vêm sendo tratadas em relação às línguas de sinais e apresentar os processos de formação do verbo porque isso é importante para compreender o porque da flexão verbal.

Capítulo 2: estuda o conceito de classificadores, aprofundando-o relativamente às línguas de sinais, apresentando abordagens deste tema em vários autores que estudaram os classificadores tanto em línguas orais-auditivas como em línguas gestuais-visuais. Os objetivos deste estudo minucioso serão o de abrir discussão para uma questão polêmica que envolve o que vem ser classificador nas línguas de sinais e apontar os pontos frágeis do sistema de classificadores da American Sign Language proposto por Supalla (1982, 1986).

A partir da releitura sobre classificadores tanto em línguas orais-auditivas quanto em línguas de sinais, pretende-se mostrar que os sistemas de classificadores, independentemente da modalidade de língua, são de âmbito restrito e formados por morfemas.

Tomando como referência a LIBRAS, nas línguas de sinais os classificadores entram no sistema de flexão verbal. Esta língua possui classificadores, enquanto categoria semântica, realizados morfo-sintaticamente como marca de concordância de gênero: animado (pessoal/nãopessoal) e inanimado (coisa/veículo/animal).

Capítulo 3: partindo dos pressupostos teóricos relacionados à valência e às regras temáticas, o verbo é apresentado enquanto rede verbal que especifica sua relação sintático-semântica em relação a seu(s) argumento(s) e suas alterações diatesis.

Capítulo 4: apresenta uma classificação para os verbos da LIBRAS em grupos e subgrupos devido a suas propriedades morfológicas, sintáticas e semânticas apresentadas nos capítulos anteriores.

Conclusão: ressalta a importância de se ter feito um levantamento dos verbos da LIBRAS a partir de uma classificação baseada em critérios de

caráter universal e que apresenta a relação sintático-semântica dos verbos em relação ao processo de concordância verbal. Esta pesquisa, a partir do seu Banco de Dados, facilitará, a outros pesquisadores, o estudo de outras questões gramaticais sobre a LIBRAS não abordadas nesta Tese.

Apêndice: está subdividido em três partes:

- na primeira, está um estudo sobre as **Categorias Gramaticais na LIBRAS**, feito a partir do livro de Gama (1876). Esta primeira publicação sobre a LIBRAS foi descoberta durante as minhas pesquisas bibliográficas, material adquirido pela FENEIS, através da Biblioteca de Paris, e foi divulgada para os pesquisadores e instituições brasileiras que desconheciam a existência desta obra, citada pela primeira vez nesta tese;
- na segunda, há um **Índice das Fotografias dos Verbos** pesquisados, com os respectivos números da fita, onde podem ser vistos em contextos, e da página onde está a foto;
- na terceira, estão as **Fotografias dos Verbos**, que foram listados em ordem alfabética no índice das fotos. O objetivo desta parte do apêndice foi exemplificar os verbos para facilitar a compreensão do que foi exposto sobre eles, uma vez que a LIBRAS é uma língua ágrafa e precisa ser visualizada.

Anexos: devido ao grande volume do material pesquisado, foi organizado o **Banco de Dados** (Felipe, 1998) em duas Fitas de vídeo gravadas em EP (**A:** 1, 2, 3, e 4; **B:** 5, 6, e 7), que armazenam os dados filmados (sete fitas gravadas em SP), e **Disquete** que contém os arquivos digitados das transcrições dos dados filmados (1.313 páginas).

CAPÍTULO 1

O PROCESSO DE FORMAÇÃO DE UM LINGUAGEM DE PROGRAMAÇÃO

CAPÍTULO 1

CAPÍTULO 1

O PROCESSO DE FORMAÇÃO DE PALAVRA NA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS (LIBRAS)

“First of all, let’s be careful about deaf people. If deaf people have developed sign language, then there are no intellectual defects at all. Many people who are not deaf think that deaf people have deficits because we just don’t understand their language.” (Chomsky, 1987:196)

1.1. A LIBRAS: UMA LÍNGUA GESTUAL

As classificações de línguas têm evidenciado várias tendências metodológicas que tornam difícil um posicionamento quanto à aceitação do monogenismo lingüístico já que as pesquisas, distinguindo aproximadamente 200 famílias distintas, tendem a mostrar um poligenismo lingüístico¹.

As propostas tipológicas sempre descreveram somente línguas orais-auditivas, não incluindo as várias línguas de sinais usadas em todo o mundo porque os estudos sobre estas línguas só começaram a despertar interesse entre os lingüistas a partir da década de sessenta, quando estas propostas tradicionais e as estruturalistas já estavam sendo questionadas.

Nos Estados Unidos, Stokoe (1960) e Stokoe et al. (1965) iniciaram pesquisas sobre a American Sign Language (ASL), que têm norteado todos os estudos nesta área de Lingüística Aplicada às Línguas de Sinais, mas isso não equivale a dizer que não tenha havido pesquisas ou dados sobre a ASL anteriores a este período porque, lá como aqui, há fontes bibliográficas que permitem análises diacrônicas destas línguas.

¹ As várias vertentes teóricas tradicionais e tipos de classificações de línguas estruturalistas estão em: Trombetti (1923). Gladstone (1975). Fonseca (1985). Sapir (1939). Greenberg (1961). Anderson (1985). entre outros.

No Brasil, há uma publicação de mais de cento e vinte anos sobre a LIBRAS (Gama, 1875)², mas somente agora, através das pesquisas bibliográficas desta tese, este livro, feito por um surdo, pôde ser encontrado e divulgado nos meios acadêmicos e mesmo no Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES). Flausino Gama estudou na segunda turma desse instituto e, após conclusão de seus estudos, recebeu incentivo para fazer aquela publicação, uma vez que havia sido contratado pelo diretor para ser um Repetidor.

Trabalhos como este podem, também, ter se perdido ou não estar sendo divulgados em outros países mas, hoje, em todo o mundo, lingüistas têm se interessado pela(s) língua(s) de sinais de seus países e, na Universidade de Bristol, na Inglaterra, já estão fazendo estudos comparativos de várias línguas de sinais para se traçar as famílias lingüísticas, ou seja, os troncos comuns, grupos e subgrupos, reforçando o poligenismo lingüístico, também, para as línguas de sinais (Kyle, 1991)³.

A ASL e a LIBRAS têm um parentesco com a Língua de Sinais Francesa (FSL) porque tanto para os Estados Unidos quanto para o Brasil, no século passado, vieram professores franceses surdos ensinar em escolas para surdos⁴.

² No **Apêndice (a)** dessa tese, esse trabalho de Gama, primeiro pesquisador surdo brasileiro a pesquisar sua própria língua, foi analisado em detalhes.

³ Estes dados foram obtidos no curso de “Metodologia de pesquisa de campo sobre língua de sinais”, ministrado pelo Prof. Dr. Jim Kyle da University of Bristol, na Universidade Federal do Rio de Janeiro, Departamento de Lingüística e Filologia, no período de 5 a 19 de abril de 1991.

⁴ Estes professores utilizavam um método de ensino desenvolvido por L'Abbé de L'Epée, que utilizava um bimodalismo, o francês sinalizado, para ensinar a língua francesa para surdos. Este método surgiu a partir da experiência de L'Epée com suas irmãs surdas que lhe ensinaram a FSL enquanto ele lhas ensinava francês. Seu método “methodical signs”, desenvolvido para ensinar francês, passou a ser utilizado por professores surdos e ouvintes em escolas para surdos desde 1774. Entretanto Epée, em

A FSL, enquanto superestrato, utilizada pelos professores⁵, deve ter exercido forte influência sobre as outras línguas de sinais, enquanto adstrato, que deveriam já existir e que eram utilizadas pelos estudantes surdos das primeiras escolas para surdos nos dois países, por isso, hoje, embora a ASL e a LIBRAS sejam línguas distintas, é possível encontrar semelhanças no léxico, no uso de classificadores e até no alfabeto manual (datilologia)⁶.

Ao se comparar as datilologias nas três línguas utilizadas pelos surdos hoje pode-se ver a semelhança e possivelmente influência da FSL sobre a ASL e a LIBRAS:

vários momentos em seu livro. insistiu na necessidade de se ensinar aos surdos em sua própria língua (Lane, 1980).

⁵ No Brasil, foi o Professor surdo E. Huet, ex-diretor do Instituto de Bourges em Paris que, em 1855, chegou ao Brasil com a intenção de abrir uma escola para surdos, conseguindo fundá-la em 1857. Essa escola tornou-se, posteriormente, o Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), que fez 140 anos de existência em 1997.

Nos Estados Unidos, Thomas Hopkins Gallaudet foi à França aprender com o professor surdo, Laurent Clerc, o método de Epée e, quando do seu regresso, convidou Clerc para voltar com ele. Os dois fundaram a primeira escola para surdos, o Connecticut Asylum, em Hartford, Connecticut, em 1817 (Moore & Levita, 1993).

⁶ Felipe (1996), a sair, está fazendo um estudo histórico-comparativo da LIBRAS e ASL, analisando verbos da LIBRAS em uso atualmente com verbos usados há cem anos atrás (Gama, 1875), e verbos da ASL usados hoje. Nesta pesquisa diacrônica pode-se perceber um grau de parentesco destas duas línguas. Estão sendo comparados também os dados acima com dados da Língua de Sinais Francesa a partir da pesquisa que Woodward (1980) fez, comparando alguns aspectos sociolinguísticos das línguas de sinais francesa e americana.

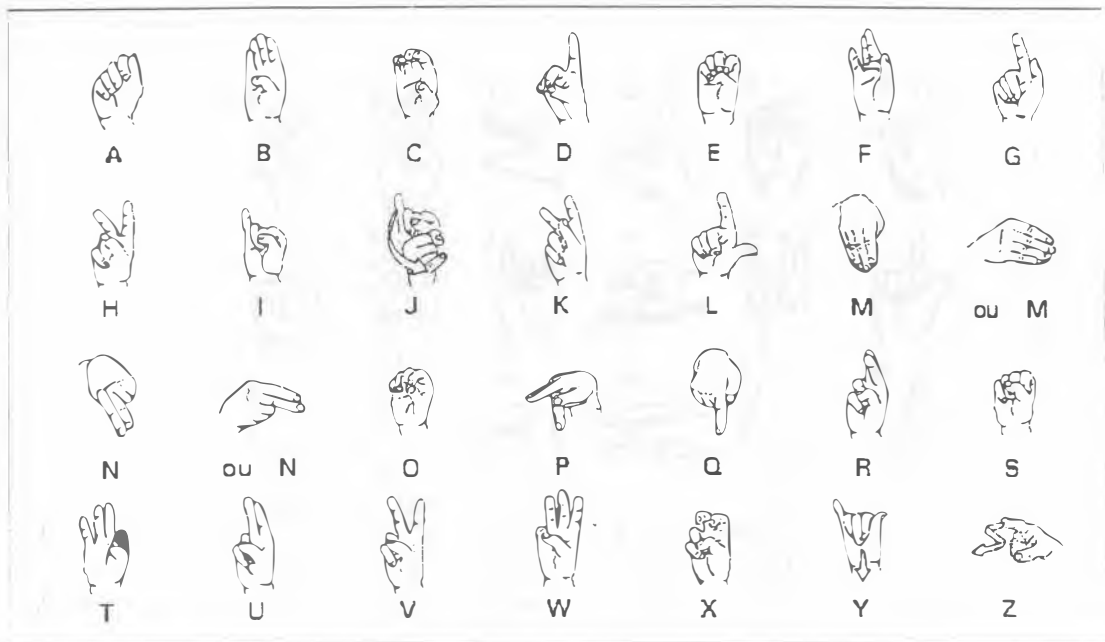


Figura 1: Alfabeto Manual da FSL (Moody, 1983)

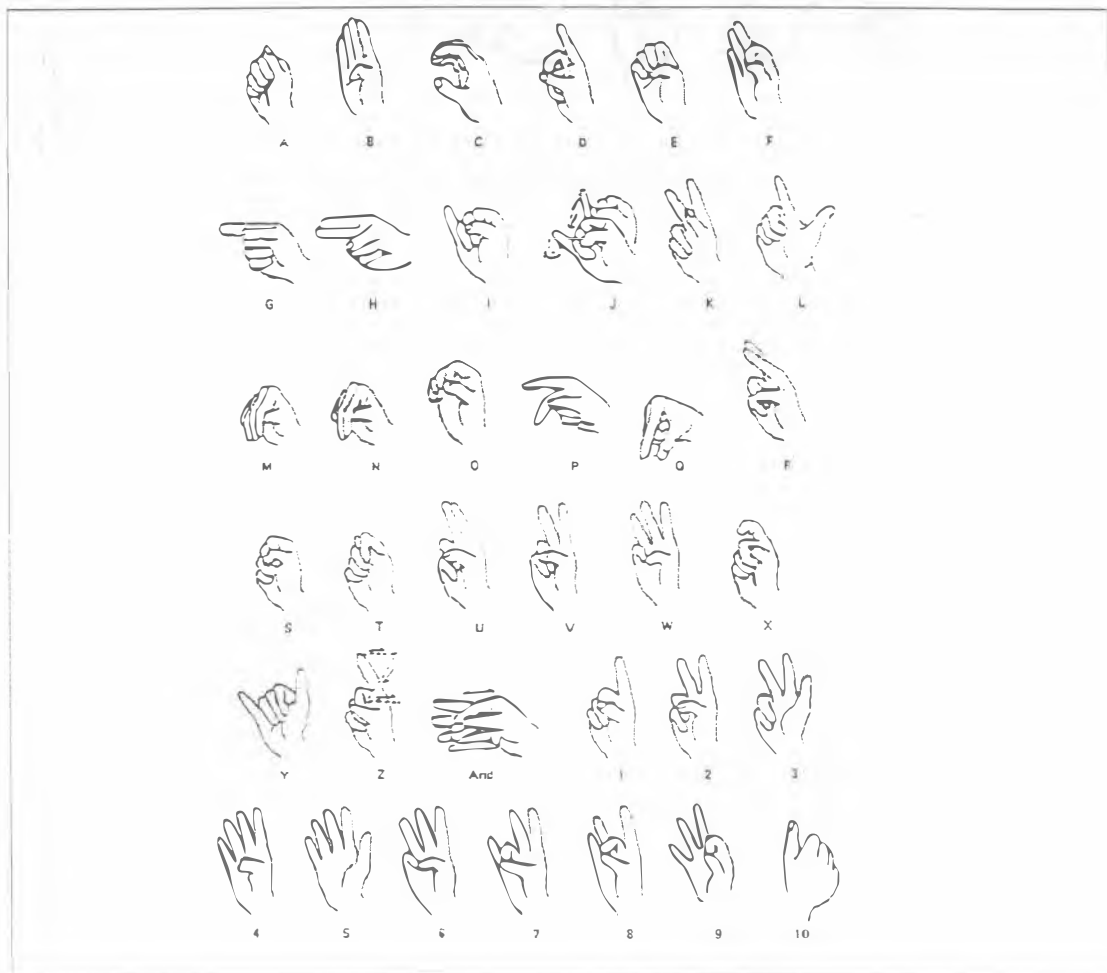


Figura 2: Alfabeto Manual da ASL (Wilbur, 1987:23)



Figura 3: Alfabeto Manual da LIBRAS (FENEIS)

Após quase três décadas de pesquisas sobre as várias línguas de sinais no mundo, precisa-se repensar sobre as classificações para as línguas e, por isso, a primeira diferenciação para as línguas deve ser uma **Classificação quanto à modalidade**, ou seja, quanto ao canal utilizado para a realização de uma língua no que diz respeito ao tipo de signo, (Felipe, 1988), e a questões relacionadas aos conceitos de arbitrariedade e iconicidade⁷ nestas línguas, podendo-se dividir as línguas do mundo em dois grandes grupos:

a) *Línguas orais-auditivas* - aproximadamente cinco ou seis mil no mundo hoje (Gladstone, 1975);

⁷ O termo iconicidade aqui está baseado nos conceitos de Peirce (1980) e de Croft (1990). Muitos signos lingüísticos gestuais-visuais podem ser icônicos por terem uma motivação em relação ao referente que representam, mas sendo signos lingüísticos, sempre estarão sujeitos às regras convencionais do sistema fonológico de cada língua que estabelecem as possíveis combinações de suas unidades discretas para formação do signo.

Segundo Croft (1990: 164):

“The other major type of external motivation for linguistic structure is iconicity. The intuition behind iconicity is quite simple: the structure of language reflects in some way the structure of experience. that is to say, the structure of the world, including (in most functionalists’ view) the perspective imposed on the world by the speaker.”

Atualmente este termo iconicidade vem sendo largamente utilizado em trabalhos de muitos lingüistas, principalmente dos funcionalistas, mas com diversos sentidos, como: isomorfismo (Bolinger, 1977); iconicidade de distância e de independência (Haiman, 1985; Givón, 1985); iconicidade de ordem (Jakencioff, 1972; Greenberg, 1963); iconicidade de complexidade (Bybee, 1965); iconicidade de categorização (Croft, 1991; Givón, 1979; Hopper & Thompson, 1982/1984); e aqui no Brasil, com Votre (1992) que apresenta o princípio da iconicidade e os subprincípios da quantidade, proximidade e ordenação linear. Estes trabalhos abordam vários aspectos das línguas e não somente a iconicidade em relação ao signo e seu referente, como comenta Newmeyer (1992:758), ao abordar este conceito em relação à gramática gerativa:

“Unfortunately, the waters are muddied somewhat by the fact that linguistic properties are often referred to as ‘iconic’ when neither Peirce’s characterization nor ordinary English sense of the term suggests that they should be. Indeed, there is a tendency to label virtually any functional motivation for a linguistic structure as an ‘iconic’ one, a practice which, carried to its logical conclusion, renders the terms ‘functionally motivated’ and ‘iconic’ all but interchangeable.”

b) *Línguas gestuais-visuais* (Línguas de Sinais) - não há estimativa quanto ao número aproximado. No Brasil, até as presentes pesquisas, foram encontradas duas línguas de sinais: a LIBRAS e a Língua de Sinais dos Urubu Kaapor (Kakumasu, 1968), (Kakumasu & Kakumasu, 1977), (Ferreira Brito, 1984).

A LIBRAS, por ser uma língua espaço-visual, pode expressar idéias simultaneamente já que possui signos lingüísticos que utilizam o espaço tridimensional para a sua configuração sígnica e, portanto, não estão somente sujeitos à linearidade de seus significantes, como nas línguas orais-auditivas cujos significantes são imagens acústicas que podem ser símbolos (signos arbitrários), ícones (onomatopéias) ou índices (déiticos), (Peirce, 1980).

As línguas de sinais, como as línguas orais-auditivas, também possuem signos que podem ser símbolos, ícones e índices e, na estrutura fonológica, são formados a partir da configuração de unidades discretas, feixes de traços distintivos, que são os quatro parâmetros: configuração de mão (CM), movimento (M), direcionalidade (Dir) e ponto de articulação (PA) (Stokoe, 1960)⁸. A partir de pesquisas sobre os traços não-manuais (Liddell, 1977), (Ekman, 1978), (Aaron, Bahan, Kegl & Neidle, 1992), pode-se falar de um quinto parâmetro: as expressões faciais e corporais. Em LIBRAS, por exemplo, há sinais realizados somente através de expressões faciais como BALA, LADRÃO, RELAÇÃO-SEXUAL.

Estes cinco parâmetros, através de algumas configurações de mão, de alguns movimentos direcionados, de algumas alterações na frequência

⁸ Ferreira Brito (1990). a partir das pesquisas de Stokoe (1960) e Klima & Bellugi em Klima. Bellugi et al. (1979). descreveu estes parâmetros na LIBRAS.

do movimento e de alguns pontos de articulação na estrutura morfológica, podem expressar morfemas que, através de alterações em suas combinações, formam os itens lexicais das línguas de sinais; são morfemas lexicais ou gramaticais que podem ser, diferentemente, uma raiz/radical (M), um afixo (alterações em M), uma desinência (Dir) ou uma marca de concordância (PA e CM). Por exemplo:

a) a **direcionalidade** - movimento circular horário e anti-horário - pode caracterizar um advérbio de tempo, por exemplo, os sinais: ANO (sentido horário) e ANO-PASSADO (sentido anti-horário); a direcionalidade para direita/ para a esquerda pode ser uma marca de mudança de turno⁹; a direcionalidade - movimento retilíneo: ponto inicial - ponto final - pode ser uma flexão verbal de pessoa do discurso, exemplos: 1_S PERGUNTAR 2_S ; 2_S PERGUNTAR 1_S ¹⁰:

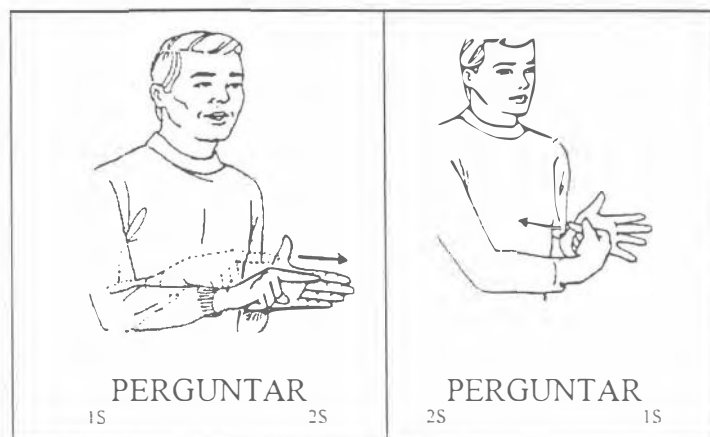


Figura 4: Verbo PERGUNTAR

⁹ O Movimento do corpo direcionado na enunciação pode ser marca de mudança de turno, indicando o discurso direto, ou seja, a cada mudança na direção, um interlocutor diferente assume o discurso (Felipe.1991c).

¹⁰ Exemplos de verbos com concordância número-pessoal, apresentados no II Encontro Latino Americano de Bilingüismo (língua Oral - língua de sinais) UFRJ - 1993.



FALAR
1s 2s

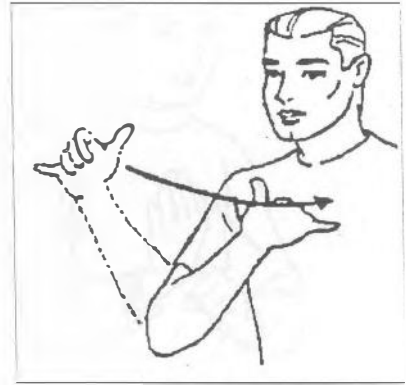


FALAR
2s 1s

Figura 5: Verbo FALAR



TELEFONAR
1s 2s



TELEFONAR
2s 1s

Figura 6: Verbo TELEFONAR



MOSTRAR
1s 2s



MOSTRAR
2s 1s

Figura 7: Verbo MOSTRAR



AVISAR
1s 2s



AVISAR
2s 1s

Figura 8: Verbo AVISAR



AJUDAR
1s 2s



AJUDAR
2s 1s

Figura 9: Verbo AJUDAR



RESPONDER
1s 2s



RESPONDER
2s 1s

Figura 10: Verbo RESPONDER

- b) A alteração na freqüência do movimento pode ser marca de aspecto temporal (TRABALHAR-CONTINUAMENTE); de modo (FALAR-DEMASIADAMENTE), ou um intensificador (COMER-MUITO)¹²;
- c) o **ponto de articulação** pode ser uma marca de concordância do verbo com seu argumento enquanto caso locativo intrínseco¹³. Para os verbos que possuem esta marca, sempre a sua finalização do movimento é no local onde foi realizado o sinal que corresponde ao locativo, quando isso não ocorre a frase se torna agramatical, por isso, o verbo COLOCAR sempre terá uma coindiciação representada, na frase abaixo, pela variável ‘i’:

(1) MESA_i COPO objeto-arredondado COLOCAR_i

“colocar o copo sobre a mesa”

O ponto de articulação também pode ser um ponto de referência do índice pronominal. Os sinais para as pessoas do discurso ou para os argumentos de verbo são articulados em um espaço neutro específico, isso faz com que não haja ambigüidade porque sempre que se voltar a mencionar um argumento, no discurso, apontar-se-á para o ponto onde este foi primeiramente articulado e convencionado enquanto locativo. Por exemplo na frase abaixo:

(2) ONTEM RUA IND_{1sk} Cl:1_k MARIA_k Cl:1_k

PASSAR-PARALELO-EM-SENTIDO-CONTRÁRIO_k

“Ontem eu, que estava vindo de um lado da rua, passei por Maria,

¹² Ver fotografias dos verbos COMER, FALAR e FALTAR no Apêndice (d), localizando-as, primeiramente, através do Índice de Fotografias, no Apêndice (b).

¹³ No Capítulo 3 serão detalhadas as regras temáticas a partir dos pressupostos teóricos da gramática conceitual de Jackendoff.

que estava vindo em sentido contrário”¹⁴;

d) a **configuração de mão**, enquanto marcador de gênero (animado/inanimado), pode ser um classificador¹⁵, exemplo:

PESSOA CL:1_k CARRO CL:5_k· veículo k'COLIDIR_k pessoa

“O carro bateu em uma pessoa”;

Na junção destas unidades, tem-se o item lexical de uma língua gestual-visual, que icônica, indexical ou arbitrariamente representa o referente.

Se algumas das configurações de mão podem ser classificadores e se algumas direções do parâmetro direcionalidade e alguns dos pontos de articulação podem ser marca de concordância, pode-se afirmar que a LIBRAS é uma língua que possui flexão verbal.

1.2. AS CATEGORIAS GRAMATICAIS NAS LÍNGUAS DE SINAIS - O VERBO

As línguas de modalidade espaço-visual têm características peculiares e os estudos para classificação de seus itens lexicais em categorias gramaticais primárias (as partes do discurso) sempre fazem readaptações para poder utilizá-las, como se pode constatar nas pesquisas abaixo:

Friedman (1976) estudou os tipos de verbos na American ASL, classificando-os em: *verbos ancorados*, os que são produzidos com o contato em alguma parte do corpo; *os multidirecionais*, que são produzidos

¹⁴ Esta frase é hipotética e gramaticalmente correta mas, por ser uma frase da LIBRAS, e não um enunciado, não está contextualizada.

¹⁵ Ver as fotos dos verbos CAIR e COLIDIR no **Apêndice (c)** e o **Sistema de Transcrição Simplificado** na **página X** ou nas páginas de 107 a 111 do **Capítulo 4**.

no espaço neutro (espaço à frente do emissor), tendo vários pontos diferentes, indicando iconicamente a direção; *os não-multidirecionais*, que são produzidos em um único ponto no espaço neutro; e *verbos com incorporação do objeto*, que em sua configuração sígnica trazem simultaneamente a informação sobre a ação e o objeto. Esta classificação se baseou mais no nível fonológico da língua, ao estudar a produção dos verbos em relação ao usuário.

O trabalho de Friedman foi interessante e pioneiro, mas sua tipologia para verbos, embora tenha partido de critérios fonéticos e sintáticos, não aprofundou na relevância sintático-semântica do fato de um verbo ter ou não ter uma configuração ancorada ao corpo, ou seja, ter uma realização sígnica rente ao corpo, como por exemplo, os verbos de cognição PENSAR, ESQUECER, LEMBRAR¹⁶.

Por ser esta característica específica à modalidade de línguas espaço-visuais, ela pode não ter importância para uma discussão sobre universais relacionados a verbos.

Fischer & Gough (1978) e Supalla (1978) fizeram também pesquisas sobre verbos da ASL. As primeiras estudaram vários processos de flexão verbal, mostrando que a frequência do movimento do sinal em uma localização pode ser marca de aspecto. Supalla analisou a morfologia dos verbos de movimento e de localização na ASL e, concordando com Frishberg (1975) e com Kegl & Wilbur (1976), mostrou que as configurações de mão funcionam similar a certos tipos de morfemas que nas línguas orais-auditivas os lingüistas têm denominado de classificadores.

¹⁶ Ver as fotografias destes verbos no **Apêndice (c)**.

Klima, Bellugi et al. (1979), trabalhando com os *nomes e adjetivos derivados* e, também, com o *verbo* e com *advérbios* que são expressões faciais, mostraram os *processos flexionais* do verbo da ASL. Estes processos são: *indexical* - flexão de pessoa para certos verbos; *reciprocal* - flexão para relação ou ação mútua; *aspecto distribucional* - relação da ação distribuída com cada participante; *aspecto temporal* - pontual, continuativo, gradual; *modo* - realização da ação: rapidamente, lentamente. Esta pesquisa também foi importante para se analisar a LIBRAS porque esta língua também possui as mesmas categorias encontradas na ASL e as expressões faciais e a frequência do movimento também são modificadores restritivos que coocorrem com a raiz-Movimento do sinal, nas funções *modo* e *aspecto*.

Padden (1983, 1990) traçou uma tipologia de verbos da ASL, classificando-os em: *flexionais*, os que possuem flexão número-pessoal; *espaciais*, os que utilizam o espaço para dar informações de localização do emissor ou referente; e *planos*, os que são produzidos no espaço neutro e em um único ponto. Analisou as flexões e concordâncias, e também estabeleceu diferenças em relação às classes: *nome*, *verbo*, *adjetivo* e *advérbio*. Essa classificação foi feita para as relações sintáticas, mostrando como cada classe pode se diferenciar em combinação umas com as outras na frase. Revelou a ordem das palavras, sua gramaticalidade na ASL e identificou o sujeito e o objeto a partir do tipo de verbo.

Kegl (1985), diferentemente, quis evitar estas categorias e propôs a categoria neutra/nula. Trabalhando os sinais da ASL sob um prisma morfológico e sintático, analisa-os como uma cadeia, um sintagma que possui uma raiz (localização/movimento) e afixos (terminais, marcadores de localização e de concordância número-pessoal, e classificadores-configuração de mão - que estabelecem a associação temática).

Dos estudos citados, pode-se perceber a preocupação também dos lingüistas que pesquisam línguas de sinais, em descrever as categorias gramaticais, nestas línguas.

Em relação às pesquisas sobre a LIBRAS, depois da publicação de Gama (1875), que é um glossário com explicações sobre os sinais desenhados, como também o livro de Oates (1969), há o livro de Hoemann et al. (1983) que traz desenhos e estudo sobre a LIBRAS, exemplificando com transcrições de conversações gravadas em fita de vídeo que acompanha o livro.

Em relação às pesquisas sobre as categorias e tópicos da gramática de LIBRAS, atualmente há estudos sobre: a ordem sintática e a repetição, (Namura, 1982); a estrutura temporal (Castro, 1982); os pronomes (Berenz, 1989/93/96), (Berenz & Ferreira Brito, 1987); as categorias gramaticais (Felipe, 1988); os verbos (Felipe, 1988/89b/91a); os classificadores (Felipe, 1988), (Ferreira Brito, 1989), (Ferreira Brito et al., 1995); narrativas pessoais (Felipe, 1991c), (Caldas, 1992); a Negação (Ferreira Brito & Langevin, 1994); a interação e construção do sistema gestual por crianças surdas (Pereira, 1989); a aquisição do parâmetro configuração de mão (Karnapp, 1994); as Categorias Vazias Pronominais (Quadros, 1995) e ato de fala (Faria, 1995), (Ferreira Brito, 1995).

1.3. OS PROCESSOS DE FORMAÇÃO DE PALAVRAS NA LIBRAS - O VERBO

Todas as línguas podem ser agrupadas em relação à maior produtividade de seus processos de formação de palavras, devido ao grande número de palavras em que podem ser verificados ou porque, em certas novas palavras criadas pela língua, eles podem reaparecer.

Nos estudos sobre os processos de formação de palavras (composição, aglutinação, justaposição e derivação), as línguas são sempre apresentadas em relação aos seus morfemas lexicais (raízes/radicais) que se prendem a morfemas gramaticais formantes (desinências e vogais temáticas) e/ou a derivacionais (afixos e clíticos)¹⁷.

As classificações para as línguas deram um enfoque aos resultados (outputs), destacando a estrutura formal das palavras, e não à natureza da relação, porque o interesse destas classificações era uma proposta mais genérica. Entretanto, as regras de formação de palavras de uma língua específica apresentam uma diversidade nas classes e relações estruturais sintática e semântica que devem ser também mostradas. Por isso, ao se considerar os processos de formação de palavras, segundo Anderson (1985), deve-se destacar os inputs, que são as diferenças básicas entre as *regras de modificação de raiz* - alterações sistemáticas de uma base através da adição

¹⁷ A diferenciação entre palavras e afixos, segundo Taylor (1991), é complexa:

“by the existence of another unit of linguistic structure, the clitic. In some respects, clitics are rather like words, in other respects they are like affixes. In addition, certain characteristics suggest the clitics form a category of their own (1991:179)... It is largely because of their freedom to attach to practically any part of speech that clitics are recognized as a special linguistic unit... Affixes change the semantic content and/or the syntactic function of a word. Clitics, on the other hand, do not affect word meaning or word function, but generally have to do with text structure or speaker attitude.” (1991:180-181).

ou supressão de afixos ou modificações internas, e *as regras de composição* - conjunto de duas ou mais bases, que se combinam em uma outra forma, a partir de outro elemento ou modificações concomitantes.

Tomando o verbo como objeto de estudo, na LIBRAS, seu processo de formação de palavra pode ser realizado através da modificação da raiz, da derivação zero, de processos miméticos e de regras de composição.

1.3.1. Processos de modificação de raiz

O processo de modificação de raiz pode se dar a partir da adição de afixos ou de modificação interna.

O conceito de raiz, nesta pesquisa, será o mesmo atribuído à língua portuguesa, ou seja, àquela parte da palavra que permanece ao serem retirados os afixos, as desinências e vogal temática. Esta raiz, na maioria das vezes, não é um morfema livre, (Bloomfield, 1933). Esses processos produtivos aparecem na LIBRAS como:

1.3.1.1. Modificações por adição à raiz

Alguns verbos na LIBRAS, como na ASL (Kegl, 1985), possuem um movimento centrífugo - para fora do emissor, sendo denominados de verbos de raiz de_ (Felipe, 1988), como por exemplo, os verbos IR, SAIR, VIAJAR, FECHAR-PORTA, FECHAR-GAVETA, etc. Outros possuem o movimento inverso, centrípeto - vindo para a frente do emissor, sendo

denominados de verbos de raiz _para como por exemplo, os verbos VIR, CHEGAR, ABRIR-PORTA, ABRIR-GAVETA, etc.

Estes verbos iconicamente em seu movimento apresentam características semânticas que, em línguas orais-auditivas, fazem parte do seu sistema. A oposição entre IR e VIR, por exemplo, está relacionada a “de_” e a “_para”. ‘IR’ implica sair de um lugar onde está: “de_” e ‘VIR’ implica sair de um lugar e ir para outro no ou próximo ao lugar do emissor: “_para”. Essa oposição de movimentos pode ser verificada nos desenhos abaixo:

• Verbos de raiz de _:



Figura 11: Verbo SAIR (1)



Figura 12: Verbo SAIR (2)



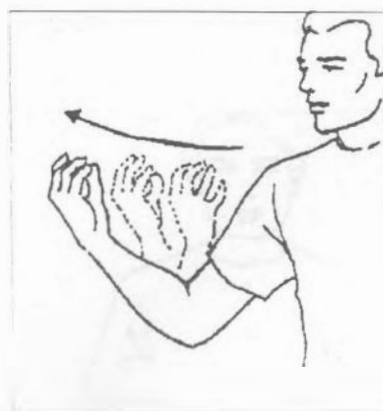
Figura 13: Verbo SAIR (3)



Figura 14: Verbo SAIR (4)



VRJ



VSP

Figura 15: Verbo VIAJAR

• Verbos de raiz _ para:



Figura 16: Verbo VIR/VOLTAR



Figura 17: Verbo CHEGAR/
VOLTAR



Figura 18: Verbo ABRIR- JANELA



Figura 19: Verbo BUSCAR



Figura 20: Verbo PEGAR



Figura 21: Verbo ARRANJAR/
CONQUISTAR

A incorporação da negação pode ser realizada pelo processo de modificação por adição à raiz porque:

- como **sufixo**, ela se incorpora à raiz de alguns verbos que, possuindo uma raiz *de_* em um primeiro momento, finalizam-se com um movimento *_para*, que caracteriza a negação incorporada, como nos verbos QUERER / NÃO-QUERER; SABER / NÃO-SABER (VPS); GOSTAR / NÃO-GOSTAR¹⁸;
- como **infixo**, ela se incorpora simultaneamente à raiz verbal através de alternância no movimento ou através de expressão corporal (movimento da cabeça) concomitantemente ao sinal, como nos verbos: TER / NÃO-TER; NÃO-ENTENDER (VRJ); PODER / NÃO-PODER.

A negação, além de poder ser expressa por esses processos morfológicos, pode também ter supressão por construção sintática, porque através dos sinais 'NÃO' e 'NADA' pode-se fazer a negativa, como nos verbos: SABER NÃO (VRJ); ENTENDER NÃO (VSP); ENTENDER NADA (VRJ).

Todos esses processos estão exemplificados a partir dos seguintes desenhos:

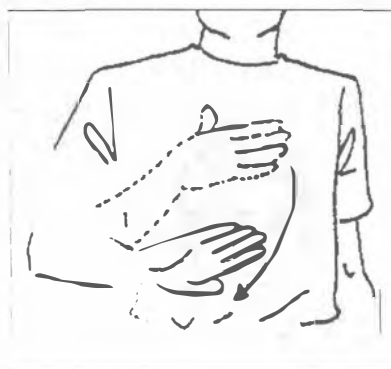
¹⁸ As abreviaturas (VSP) e (VRJ) correspondem às variantes de São Paulo e do Rio de Janeiro respectivamente.

(1) Verbos com incorporação da negação enquanto sufixo:



QUERER-NÃO

Figura 22: Verbo QUERER



GOSTAR-NÃO

Figura 23: Verbo GOSTAR



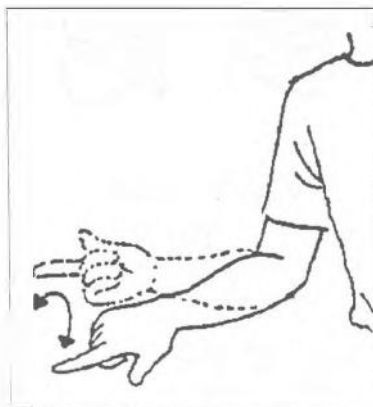
SABER-NÃO

Figura 24: Verbo SABER

(2) Verbos com incorporação da negação enquanto infixo:



TER



NÃO- TER
VSP / VRJ

Figura 25: Verbo TER



NÃO- TER
VRJ



ENTENDER



NÃO- ENTENDER
VRJ

Figura 26: Verbo ENTENDER



PODER

NÃO-PODER
VSP

Figura 27: Verbo PODER

NÃO-PODER
VSP/VRJ

ACREDITAR



NÃO-ACREDITAR

Figura 28: Verbo ACREDITAR

(3) Verbos com construção sintática para a negação:



NÃO- ENTENDER- NADA
VRJ



ENTENDER- NÃO
VSP

Figura 29: Verbo ENTENDER- NADA



Figura 30: Verbo SABER- NÃO
VRJ



Figura 31: Verbo GOSTAR- NÃO/
NÃO TER VONTADE
VRJ

Nesse processo de modificação por adição à raiz está também a incorporação do intensificador MUITO, ou de casos modais, que alteram também a frequência do movimento da raizM, como pôde ser verificado a partir da coleta de dados de alguns verbos da LIBRAS. Quando se pesquisou sobre a incorporação do advérbio “rapidamente” (movimento repetido e acelerado) e do intensificador “muito” (movimento lento e alongado para a frente do emissor), pôde-se perceber diferenças entre:

TRABALHAR-MUITO TRABALHAR-RAPIDAMENTE;
 ANDAR-MUITO ANDAR-RAPIDAMENTE;
 ESCREVER-MUITO ESCREVER-RAPIDAMENTE.

1.3.1.2. Modificação interna da raiz

Uma raizM pode ser modificada através de três mecanismos de modificação interna:

- a) o da **flexão de pessoa do discurso**, através da direcionalidade - movimento retilíneo - que marca as pessoas do discurso, fazendo com que a raizM se inverta ou até adquira uma forma em arco para flexionar em relação às pessoas do discurso;
- b) a **flexão de aspecto verbal**, através de mudanças na frequência ou na velocidade do movimento da raizM que marcam os aspectos durativo, distributivo, contínuo;
- c) a **flexão de gênero**, através de algumas configurações de mão que podem funcionar como classificadores que marcam a concordância de gênero (animado e inanimado).

O verbo ‘COLOCAR’, um verbo de raiz M--de (movimento para fora do emissor: de_), incorpora à sua raiz configurações de mão (classificadores) que especificam a coisa colocada em algum lugar (tema): a configuração poderá ser a de um objeto plano vertical ou horizontal ou redondo, ou ter a forma da mão ao segurar o objeto que é colocado em algum lugar. Isso gera vários sentidos contextualizados para este verbo.

Ao assumir na raiz traços que repetem características do tema, pode-se afirmar que existe um processo de concordância entre o verbo e o tema.

1.3.2. Processos de derivação Zero

A LIBRAS possui muitos verbos denominais ou substantivos verbais que possuem a mesma forma para os pares verbo/nome.

Este processo de derivação zero pode ser encontrado também na língua inglesa, como os itens lexicais *brush; comb, shelve, cloth*, que somente o contexto lingüístico os identificam como verbos ou nomes, e estes, quando verbos, incorporam semanticamente, enquanto caso instrumental, sua significação nominal.

Supalla e Newport (1978) fizeram uma pesquisa com cem pares de substantivo-verbo da ASL e constataram que havia uma modificação em relação ao parâmetro movimento que diferenciava o substantivo do verbo: AVIÃO / IR-DE-AVIÃO; CADEIRA / SENTAR, FERRO / PASSAR-COM-FERRO, PORTA / ABRIR-PORTA¹⁹.

¹⁹ Ver o Sistema de Transcrição Simplificado, na página X, ou o Sistema de Transcrição nas páginas de 107 a 111 no *Capítulo 4*.

Não se pode afirmar que esta diferenciação ocorre também nos pares existentes na LIBRAS porque os informantes para esta pesquisa não conseguiram identificá-la. A partir dos dados coletados para esta pesquisa, pôde-se verificar as seguintes diferenças em alguns pares equivalentes aos trabalhados por Supalla e Newport:

a) o verbo possuía uma marca de concordância com o objeto, apresentando uma estrutura O_iV_i como, por exemplo, o verbo CORTAR-COM-TESOURA no par de sentenças abaixo onde há tesouraN e tesouraV e suas distintas representações:

(3) ONTEM Ind_{1s} COMPRAR TESOURA

(Ontem eu comprei uma tesoura)

(4) CORTINA_i Ind_{1s} CORTAR-COM-TESOURA_i

(A cortina, eu corto com a tesoura);

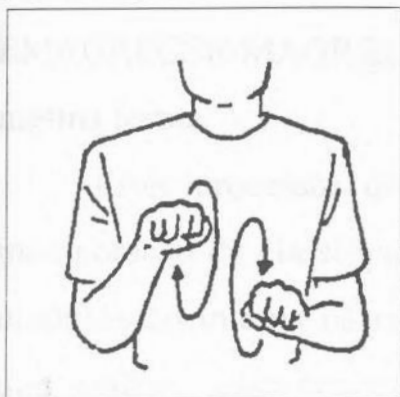
b) o par apresentou uma diferença em relação ao parâmetro movimento. Como por exemplo, os verbos IR-DE-AVIÃO, que apresenta um movimento mais alongado, em relação ao substantivo AVIÃO, e PASSAR-COM-FERRO, que apresenta um movimento mais repetido e alongado, em oposição ao movimento repetido e retido para o nome FERRO.

Devido ao fato dessas diferenças não poderem ser aplicadas a todos os pares da LIBRAS, este tipo de formação de palavra continuará sendo tratado como derivação zero: itens lexicais com formas que são diferenciadas somente a partir da sua função no contexto lingüístico onde está inserida e, quando estão na função de verbo possuem o caso

instrumento implícito: BRINCADEIRA / BRINCAR; CADEIRA / SENTAR; TESOURA / CORTAR-COM-TESOURA; BICICLETA / ANDAR-DE-BICICLETA; CARRO / DIRIGIR-CARRO; VIDA / VIVER.

Exemplos:





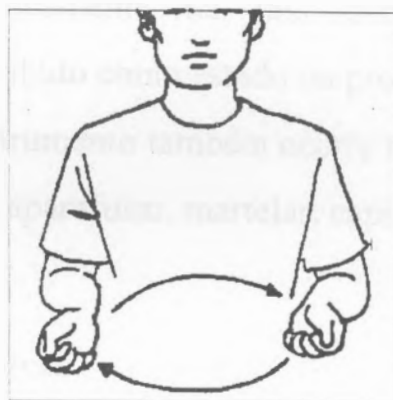
GUIAR- BICICLETA



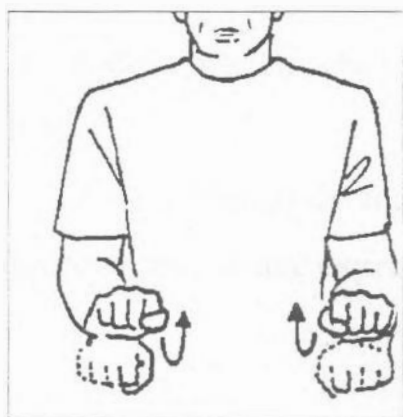
GUIAR- CARROÇA



DIRRIGIR- CARRO



DIRIGIR- ÔNIBUS/ CAMINHÃO



GUIAR- MOTO



CORTAR- COM- TESOURA

Como em LIBRAS não há o verbo copular SER em contexto com um atributo predicativo, pode-se falar também de derivação zero para o par verbo/adjetivo, como nos verbos de mudança de estado na LIBRAS: EMAGRECER/MAGR@, AMARELAR/AMAREL@ que possuem a mesma forma.

Estes processos de derivação zero são diferentes do processo de incorporação de classificadores à raiz porque, neste segundo caso, há uma modificação interna na raiz verbal, o que não acontece no primeiro caso que, embora tenha transformado um nome em verbo, ou um adjetivo em verbo, eles continuam com a mesma forma e somente o contexto lingüístico é que mostra a função do item lexical. O verbo denominal terá a sua significação nominal implícita semanticamente na raiz como caso instrumento ou terá, quando adjetivo, o atributo como estado ou processo.

Esta incorporação semântica do instrumento também ocorre na língua portuguesa, como por exemplo os verbos: aparafusar, martelar, capinar, etc.

1.3.3. Processos miméticos ou icônicos

A LIBRAS, como outras línguas de sinais, devido a sua característica gestual-visual, pode introduzir no contexto lingüístico a mímica e por isso um objeto, uma qualidade de um objeto, um estado, um processo ou uma ação podem mimeticamente ser representados juntamente com a estrutura frasal.

Este processo de formação de palavra, altamente produtivo, permite uma economia já que expressões faciais e corporais podem complementar os

itens lexicais estabelecendo contextos lingüísticos uma vez que essas se estruturam a partir das convenções da língua.

O processo mimético transforma a mímica em uma forma lingüística que representa iconicamente o referente a partir dos parâmetros de configuração sígnica e da sintaxe da língua. Na verdade não se faz a mímica simplesmente, esta é incorporada pela língua e se estrutura a partir dos parâmetros de cada língua de sinais, como as onomatopéias nas línguas orais-auditivas.

Assim, a mímica é a substância do plano de expressão²⁰ que, a partir das regras morfológicas e sintática gera a forma do plano de expressão.

Por exemplo, para se dizer em LIBRAS que, em um contexto determinado, havia um homem em pé com um jornal embaixo do braço direito e com um saco de pipoca na mão esquerda, basta utilizar os sinais HOMEM JORNAL PIPOCA e representar a situação, ficando a frase:

HOMEM JORNAL coisa -arredondada COLOCAR-EM-BAIXO-DO-BRAÇO-ESQUERDO PIPOCA coisa-arredondada SEGURAR-COM-A-MÃO-DIREITA.

Da mesma forma, muitos verbos podem ser derivados de outros através da mudança no modo de se fazer a raiz-movimento simultaneamente às expressões facial e corporal, como por exemplo, os verbos: SALTITAR, DESFILAR, ANDAR-LIGEIRO, ANDAR-DEVAGAR, ANDAR-CAMBALEANDO que derivam do verbo ANDAR.

²⁰ O conceito de “substância” aqui está sendo o mesmo de Saussure e Hjelmslev: “A língua é forma e não substância”. Assim como o som é a substância do plano de expressão nas línguas orais-auditivas, a mímica é a substância do plano de expressão das línguas de sinais.

Estes processos também não podem ser confundidos com o sistema de classificadores da LIBRAS, já que se trata de um processo mimético e não um acréscimo de morfemas à raiz.

1.3.4. Processos de composição

Nestes processos de formação de palavra, muito produtivos na LIBRAS, duas ou mais raízes se combinam, em uma outra forma a partir de outro elemento ou modificações concomitantes, como nos itens lexicais CAVALO^LISTRA-PELO-CORPO “zebra”²¹; MULHER^BEIJO-NA-MÃO “mãe” CASA^ESTUDAR “escola” (VR); CASAR^SEPARAR “divorciar”; COMER^MEIO-DIA “almoçar”.

Tendo mostrado vários processos de formação de palavras na LIBRAS, pode-se concluir que esta língua é flexional.

²¹ O símbolo ^ (circunflexo) está sendo usado para especificar palavras compostas em LIBRAS. Ver Sistema de Transcrição.

CAPÍTULO 2

OS CLASSIFICADORES ENQUANTO
MARCADORES DE FLEXÃO DE GÊNERO -
O SISTEMA DE FLEXÃO VERBAL NA LIBRAS

2.1 OS CLASSIFICADORES NAS LÍNGUAS
ORAIS-AUDITIVAS

CAPÍTULO 2



CAPÍTULO 2

OS CLASSIFICADORES ENQUANTO MARCADORES DE FLEXÃO DE GÊNERO - O SISTEMA DE FLEXÃO VERBAL NA LIBRAS

2.1. OS CLASSIFICADORES NAS LÍNGUAS ORAIS-AUDITIVAS

O ser humano, em seu processo de apreensão do mundo, percebe as entidades a partir de características essenciais ou contextuais e as coloca em classes ou paradigmas. As culturas e suas línguas concretizam esta significância através de sistemas semióticos. Assim, as línguas refletem esta cognição através da categorização: o universo é representado através de palavras que estão em classes que se combinam para expressar entidades, que são mostradas como coisas, eventos, qualidades em um contexto.

Há línguas que fazem subclassificações separando as coisas em animadas (pessoas, animais) e inanimadas (não-pessoas, coisa, veículos); essas coisas podem ser ainda reclassificadas quanto ao gênero (masculino, feminino, neutro); quanto ao número (singular, dual, plural; unidade, grupo); quanto à visibilidade ou proximidade em relação ao emissor (perto, mais ou menos distante, distante / visível, não-visível / aqui, aí, lá); quanto ao formato, à consistência e ao tamanho. Os eventos são reclassificados em ações, processos e estados, podendo ser mostrados também em relação ao modo, tempo, aspecto, e seu sistema de flexão para a concordância com seu(s) argumento(s).

As línguas que fazem essas classificações e subclassificações através das categorias gramaticais estão sendo denominadas de **línguas de classes nominais ou não-classificadoras** e as que, além destas classes gramaticais (nomes, verbos, adjetivos, advérbios, pronomes), fazem uso de um sistema de morfemas obrigatórios, que especificam nas classes gramaticais algumas ou várias dessas subclassificações estão sendo denominadas de **línguas classificadoras**.

As gramáticas tradicionais, fundamentadas em uma tradição greco-latina, descreveram as várias línguas indo-européias a partir dos processos morfológicos da declinação (desinências para gênero, número, pessoa, caso para os nomes, adjetivos e pronomes) e conjugação (desinências para número, pessoa, tempo, modo aspecto para os verbos). Essas línguas que possuem estes tipos de flexões não vêm sendo nomeadas de línguas classificadoras. Mas se percebermos com mais profundidade, comparando com as línguas que estão sendo chamadas de classificadoras, estas línguas que têm sistemas de morfemas para representarem certas características das coisas e eventos também deveriam estar no grupo daquelas línguas classificadoras.

O fato é que essa terminologia começou a ser utilizada por lingüistas que, pesquisando línguas de famílias indígenas, africanas, australianas e asiáticas, descobriram que muitas destas línguas possuíam sistemas de morfemas obrigatórios para classificar outras propriedades não mencionadas pelas gramáticas tradicionais e passaram a nomeá-las de línguas classificadoras¹.

¹ É interessante observar que os pesquisadores destas línguas, que começaram a estabelecer esta distinção, são falantes de língua inglesa e nesta língua não há flexão de

Analisando essas pesquisas, pode-se perceber que todas têm mostrado também que os classificadores, enquanto categoria semântica, podem ser realizados como item lexical ou como morfema, mas somente estão sendo denominadas línguas classificadoras as que têm um sistema de morfemas obrigatórios: um sistema de morfemas gramaticais dependentes formantes.

Hjelmslev (1956), em seu trabalho *Animado e Inanimado, Pessoal e Não Pessoal*, fez um estudo da categoria gramatical gênero e estabeleceu uma diferença entre as línguas que possuem um sistema de gênero - como as várias línguas indo-européias, americanas, do nordeste do Cáucaso, semítico, bantu, tâmul e santali - e as que possuem um sistema numerativo, como o chinês, japonês, siamês e malaio. Embora não tenha estabelecido, explicitamente, os termos “classificador” e “língua classificadora”, estudando a evolução da categoria de gênero nas línguas eslavas, fez uma distinção entre línguas com classificador numérico e línguas com classificador para gênero animado / inanimado, pessoal / não-pessoal, masculino / feminino / neutro. Neste estudo comparativo-histórico, Hjelmslev foi buscar questões teóricas e dados nos estudos dos primeiros pesquisadores que abordaram esta questão².

gênero para os nomes, adjetivos e artigos, e as flexões verbais são em pequeno número comparadas com as línguas neolatinas, a alemã, o polonês, entre outras.

² A diferenciação entre “animado” e “inanimado” já foi assinalada em certas línguas americanas (desde 1810, ver H.E. Bindseil, *Abhandlungen zur allgemeinen vergleichenden Sprachlehre*, 1838, pp. 497-498, 503-533, com remissões). Mas independentemente de tais desenvolvimentos, a mesma distinção foi constatada em eslavo e descrita no *Lehrgebäude der böhmischen Sprache*, de Josef Dobrovsky (1814), traduzida, como se sabe, em alemão (*Kleine serbische Grammatik*, 1824), por Jacob Grimm, que no prefácio, pp. XXXIX e ss., se vale dessa distinção tão característica do eslavo, comparado-a a certos fatos do velho e do médio alto-alemão, que na realidade indicam uma distinção entre “pessoal” e o “não-pessoal (diferença no masculino pessoal entre o nominativo e o

Atualmente, o termo “classificador” vem sendo utilizado, às vezes, destacando somente o seu aspecto morfológico, mas não especificando precisamente o que ele representa semântico-sintaticamente, ou seja, qual sua significação-função em um dado contexto e o que esta estrutura representa em relação ao sistema de uma determinada língua. Esta é a perspectiva de Dubois et al. (1993:112) que o definem:

“Chama-se *classificador* um afixo utilizado, em particular nas línguas negro-africanas, para indicar a que classe nominal pertence uma palavra (Sin.: índice de classe).”

Esta conceituação, além de não especificar que tipo de afixo pode ser um classificador, menciona somente uma família de língua como exemplo.

Lyons (1977), agrupando os classificadores com as categorias determinantes e quantificadores, analisa-os enquanto modificadores. Mostra que em línguas como Tzeltal, Mandarin chinês e Vietnamita, os classificadores são obrigatórios em frases contendo numeral, em relação à primeira língua, e com demonstrativos, no caso das duas últimas³. Divide os

acusativo, sincretismo entre dois casos, aliás) (ver Bindseil, pp. 503-511). A distinção entre “pessoal” e o “não-pessoal havia também sido assinalada, ao que parece, para o polonês e o sorábio (Bindseil, pp. 511,512-513, que se fundamenta nas gramáticas de Bandtke e de Seiler). Coisa curiosa: uma distinção análoga fora analisada para o árabe por Silvestre de Sacy (Grammaire arabe, I, 1810, pp 261 e ss): o fato é que no árabe clássico o plural (*pluralis fractus* e plural do feminino) de um nome substantivo que designa um objeto “não-pessoal” (ou inanimado) é na maioria das vezes seguido de um adjetivo epíteto (ou atributo) no feminino singular, ao passo que existe uma concordância entre o nome e seu epíteto (ou atributo) no plural, desde que o nome designe uma pessoa (ou um ser animado) (Hjelmslev, 1991: 246).

³ “If one wanted to translate into Tzeltal (a Mayan language spoken in Mexico) the English phrases ‘three trees’ or ‘four men’, one would have to use, in each instance, a three-word phrase, rather than a two-word phrase (cf. Berlin, 1968: ‘os-tehk te?’ (“tree trees”), ‘can-tul qinik (“four men”). The first word in these phrases (‘os’, ‘can’) is a numeral; the third (‘te?’, ‘winik’) is a common noun and the second (‘tehk’, ‘tul’) is a classifier. Classifiers are syntactically obligatory elements in all such expressions; and the classifier that is employed depends upon the nature of the entity or set of entities that is

classificadores em: de espécie (*sortal classifier*), que individualizam o que eles referem em termos de tipo de entidade; e os classificadores de medida (*mensural classifier*), que individualizam em termos de quantidade⁴.

Os classificadores de espécie, segundo Lyons (1977:464), na sua maioria, utilizados pelas línguas classificadoras, são nomes, embora de um subtipo particular e, como ressalva, é este o fato, mais do que outro, que motiva a distinção entre línguas classificadoras e línguas de classe de nome (*noun-class language*).

Devido ao modo como são utilizados, pode-se perceber uma conexão sintático-semântica tanto entre os classificadores de espécie e os determinantes, quanto entre os classificadores de medida e os quantificadores. Por isso, para se diferenciar estas três categorias, precisa-se conhecer a estrutura semântica da frase onde estão inseridos para perceber a diferença morfo-sintática.

Allan (1977), distinguindo o plano semântico (ao qual se refere como estrutura profunda) do plano da forma (ao qual se refere como estrutura de superfície), definiu os classificadores a partir de dois critérios⁵:

being referred to. The classifier for plants is 'tehk'; the one for human beings is 'tul'; the one for animal is 'koht'; and so on" (Lyons, 1977: 460-461).

⁴ "A *sortal classifier* is one which individuates whatever it refers to in terms of the kind of entity that it is. The Tzeltal classifiers 'tehk', 'tul' and 'koht' are all *sortal* in this sense. The *mensural classifier* is one which individuates in terms of quantity. The function of *mensural classifiers* is comparable with that of such words as 'pound' or 'pint' in English (cf. "two pounds of butter', 'three pints of milk')" (Lyons, 1977:463).

⁵ Segundo Allan (1977:285):

"... classifiers are defined on two criteria: (a) they occur as morphemes in surface structures under specifiable conditions; (b) they have meaning, in the sense that a classifier denotes some salient perceived or imputed characteristic of the entity to which an associated noun refers (or may refer). Perhaps all languages have classifiers..."

- a) eles se realizam como morfemas na estrutura de superfície sob condições específicas;
- b) eles têm significado, já que os classificadores denotam alguma característica saliente ou imputada a uma entidade que é referida por um nome.

Tendo pesquisado mais de cinquenta línguas classificadoras, Allan concluiu que os sistemas de classificadores encontrados constituem um conjunto completo e universal em línguas que foram agrupadas em quatro tipos:

1. **línguas de classificador numeral:** são línguas em que um classificador é obrigatório em muitas expressões de quantidade e em expressões anafóricas e dêiticas, por exemplo na a língua Thai (Allan, 1977:286):
 - (1) *ma- tua nán* ‘cachorro corpo aquele’ = ‘aquele cachorro’
 - (2) *tua nán* ‘corpo aquele’ = ‘aquele(a) [animal, casaco, calças ou mesa]’
 - (3) *sì- tua* ‘quatro corpos’ = quadro (deles, entre eles) [animais, casacos, calças ou mesas];
2. **línguas de classificador concordante:** são línguas em que os classificadores são afixados (geralmente prefixos) aos nomes e seus modificadores, predicados e pró-formas como, por exemplo, em muitas línguas africanas e australianas. Por exemplo, na língua Tonga da família Bantu (Allan, 1977:286; Collins, 1962)
 - (4) *ba-sika ba-ntu bo-bile* ‘ba + ter + chegou ba + homem ba + dois’ = dois homens têm chegado’ (*ba* é um classificador para humano plural);
3. **línguas de classificador predicativo:** são línguas que possuem verbos classificadores, que variam seu radical de acordo com as características

das entidades que participam enquanto argumentos do verbo, por exemplo, verbos classificadores em outras línguas Athapaskan, verbos classificadores em línguas de sinais e os verbos de movimento/localização em Navajo (Hoijer, 1945):

(5) *béésò sì-?á* ‘dinheiro perfeito-estar em (entidade redonda)’ = ‘uma moeda está em (lá)’

(6) *béésò sì-nil* ‘dinheiro perfeito estar em (coleção)’ = algum dinheiro está em (lá)’

(7) *béésò sì-ltsòòz* ‘dinheiro perfeito-estar (entidade flexível)’ = uma nota está em (lá)’;

4. **línguas de classificador intra-locativo:** são línguas nas quais classificadores nominais são embutidos em expressões locativas que obrigatoriamente acompanham nomes em muitos contextos. Existem apenas três línguas: Eskimó, Dyirbal, uma língua do noroeste da Austrália, e Toba, uma língua sul-americana. Por exemplo, em Toba (Denny, 1980) há um sistema de prefixos nominais locativos para objetos: ‘está sendo visto’, ‘não está sendo visto’, ‘fora de alcance da visão’, ‘ao alcance da visão’. Para este último, há três prefixos que classificam o nome de acordo com o arranjo ou forma de seus referentes: ‘objeto vertical ao alcance da visão’, ‘objeto horizontal ao alcance da visão’, ‘objeto tridimensional ao alcance da visão’.

O número de classificadores nas línguas pode variar, mas sete categorias de classificação podem ser encontradas: (i) material; (ii) formato; (iii) consistência, (iv) tamanho; (v) localização; (vi) arranjo e (vii) quanta.

Os classificadores podem combinar duas ou mais destas categorias e elas podem ser também subdivididas.

A categoria material pode ser subclassificada em animado (línguas Thapaskan, Nootka, Ojibway, Yucatec) e inanimado. Segundo Allan, provavelmente todas as línguas que possuem a categoria material fazem esta distinção.

Há línguas que subclassificam ainda mais a categoria material animado, dividindo-a em animais (línguas orientais, africanas e algumas ameríndias, como Tzeltal e Yurok) e pessoas (línguas orientais, da Oceania). Estas ainda podem ser reclassificadas em mulher, homem e criança. A LIBRAS faz uma distinção entre animal e pessoa em relação ao formato do pé e da pata e em relação ao número de patas. Por exemplo: o radical do verbo ANDAR vai variar em relação à pessoa (magra - Cl:V↓, gorda - conf. de mão Y) e ao tipo de animal (quadrúpede - Cl: Ḃ↓, aves - Cl: 3̇↓, aracnídeos/crustáceos - Cl 5̇)⁶.

A categoria inanimado quase sempre é representada por vários morfemas diferentes, como nas línguas de sinais que possuem a categoria inanimado sincretizada com a categoria formato, mas o mais comum, entre as línguas classificadoras orais-auditivas, são os classificadores usados para árvores, objetos de madeira, geralmente barco. Nessas línguas esses

⁶ A abreviatura Cl corresponde a classificador, as letras maiúsculas representam as configurações de mão e as setas ↑; ↓; →; ← representam a direcionalidade da configuração da mão, quando os dedos estão para cima, para baixo ou perpendicular para frente ou para um dos lados do emissor respectivamente. Ver a **Figura 33**: Morfemas classificadores da LIBRAS na página 63.

morfemas podem ser também sincretizados, ou seja, conectados com outros tipos como, por exemplo, com formato.

A categoria formato é geralmente subdividida em objetos longos, planos e arredondados, mas tem-se preferido a denominação em objetos de uma, duas ou três dimensões que geralmente podem ser associados com outras categorias - consistência, textura. As línguas ameríndias têm sido classificadas como as que mais possuem este tipo de classificador e a Taracan só possui este tipo. As línguas de sinais também possuem esse tipo de classificador que sempre vem preso à raiz verbal.

Associado a estas três dimensões dos objetos, há três subcategorizações:

- em relação à proeminência de curva exterior, ou seja, objetos de determinada dimensão que são amontoados, ou são montes, estão empilhados, como nas línguas Yucatec, Navajo, Proto-Banto. Na LIBRAS esta proeminência é apresentada iconicamente sincretizada no formato e arranjo do objeto que é colocado de uma determinada maneira em um determinado lugar: Objeto arredondado empilhado; Objeto plano empilhado; Objeto fino e comprido empilhado;
- em relação a um classificador quanta, ou seja, mais do que a forma, o objeto está também associado a quantidade. A categoria quanta especifica uma quantidade e pode ser subdividida em classificadores para coleção, volume, peso e tempo.

A LIBRAS sincretiza ao classificador para pessoa (Cl:G), o número e por isso há uma modificação na configuração de mão para representar '2

‘pessoas’ - Cl:2, ‘3 pessoas’ - Cl:3, ‘4 pessoas’ - Cl:4, ‘muitas pessoas’ - Cl:5).⁷

As categorias arranjo e quanta, por não classificarem propriedades inerentes de objetos, não estão limitadas somente às línguas classificadoras e podem estar associadas uma com a outra; assim, nas línguas de classificadores de predicado e coordenantes podem aparecer as subclassificações para número e gênero como, por exemplo, na LIBRAS que pode acrescentar à raiz principal um classificador com um quanta simultaneamente: _{1pessoa}PASSAR; _{2pessoas}PASSAR; _{3pessoas}PASSAR;

- em relação a ser oco ou vazio, ou seja, classificadores que representam recipientes, objetos com o interior vazio. Como exemplo, pode-se pensar em classificadores para objetos como barco, potes, bambu.

A categoria consistência possui três subdivisões: flexível, rígido e não-definido. Esta categoria geralmente está associada às de material e forma.

A categoria tamanho está subdividida em grande e pequena/o e também está quase sempre associada à de forma.

A categoria localização especifica um lugar que pode estar associado com o tipo de objeto. Como nas línguas Yucatec, Kiriwina, Burmese, Núngetc, que têm classificador para pontos na terra e, também, muitas línguas orientais que têm classificadores específicos para país, jardim, campos, cidades.

A categoria arranjo especifica objetos colocados de uma maneira específica. Esta classificação pode estar incorporada semanticamente ao

⁷ Ver a Figura 33: Morfemas classificadores da LIBRAS na página 63.

verbo, como na LIBRAS e em português: enrolar, empilhar, enfileirar, amontoar.

Destas divisões e subdivisões de classificadores pode-se perceber que elas se baseiam, também, na perspectiva do falante em relação ao contexto, portanto o nível pragmático da língua deve ser, também, avaliado porque não se trata somente de morfemas específicos para objetos específicos mas, em alguns casos, de morfemas associados a objetos a partir de um determinado contexto porque a escolha pode estar relacionada à perspectiva do emissor em relação ao objeto ou ao contexto extra-lingüístico.

Kiyomi (1992), a partir das definições de classificadores e das classificações de línguas classificadoras propostas por Adams e Conklin (1973), Denny (1980), Allan (1977) e Schachter (1985), mostra que os classificadores da língua Jacalteco, que são morfemas livres, não poderiam ser assim considerados devido ao fato da definição de Allan contemplar somente morfemas que são formas presas, e propõe, por isso, uma divisão dos classificadores em:

- a) morfemas livres, que incluiriam os classificadores de número e os classificadores não-numerais;
- b) morfemas presos, que incluiriam os classificadores coordenantes, os de predicado (nos verbos classificadores) e os intra-locativos.

Analisando, mais profundamente, os classificadores de predicado, Kiyomi (1992), a partir das pesquisas de Hoijer (1945), Carter (1976), e Haas (1967), afirma que eles estão limitados às línguas Athapaskan (Navaho, Chipewyan e Hupa) e que as categorias animado e forma estão entre as categorias semânticas encontradas nos classificadores destas línguas e conclui que os classificadores para as categorias animado e forma

são categorias semânticas fundamentais e independentes e que, embora não haja universal implicacional em relação ao seus usos, elas estão sempre presentes em todos os sistemas de classificadores e, realmente, isso pode ser comprovado em relação às línguas de sinais, tomando como exemplo a LIBRAS e a ASL que possuem classificadores para estas categorias.

Hojjer (1945:15) descobriu que os verbos classificadores em Navaho estão distribuídos em doze raízes: objetos redondo, longo, seres vivos, conjunto de objetos, recipiente rígido com conteúdos, objeto de fabricação, objeto volumoso, conjunto de objetos em paralelo, massa, massa de madeira, objeto de formato torcido, objeto com textura pastosa. Por esta classificação pode-se perceber que a categoria inanimado está associada às subcategorias formato: longo, arredondado e torcido. Estes classificadores são prefixos de raízes de verbos classificadores, pois estes variam de acordo com a classe do(s) seu(s) argumento(s), ou seja, se o verbo for intransitivo, o prefixo varia com relação à classe do sujeito, se for transitivo, varia com relação ao objeto. Na LIBRAS, os predicados classificadores também possuem classificadores para seres inanimados associados a subcategorias formato e estes concordam com o sujeito ou o objeto da frase, dependendo da transitividade do verbo no contexto.

Carter (1976), pesquisando a língua Chipewayan, também como Hoijjer, diferenciou raízes verbais em função do tipo de classificador mas, embora algumas raízes coincidam com as de Hoijjer, os dez padrões encontrados são, na maioria diferentes: seres acordados (rã, aranha, urso sentado, pessoa sentada); seres dormindo (pessoa, bebê, urso, garota); seres mortos (pessoa, carcaça de urso, cachorro, peixe); objetos sólidos inanimados (lagoa, faca, pedra, laranja); líquidos (lama, sangue, leite, água

fervendo, café); massas granulares (monte de areia, de açúcar, ovos, peixe); objetos com formato contorcido; objetos em conjuntos ou plural de objetos (corda, livro, jogando cartas, óculos); objetos como varas ou recipientes vazios (avião, caixa vazia, canoa, cadeira); recipientes com conteúdo (caixa com algo dentro, lata de cerveja, pacote de cigarros) e objetos de fabricação (calendário, luvas, folha de papel).

Haas (1967:360) fez um estudo comparativo dos classificadores de número em Yurok com os classificadores de predicado em Hupa e concluiu que, embora eles estejam agrupados em classes sintáticas diferentes, eles têm categorias semântica similares e mostrou o que eles possuíam em comum:

Classificadores Numerais em Yurok	Classificadores de predicado em Hupa
Seres humanos, Animais	Seres Vivos (humanos e animais)
Objetos finos ou como vara	Objetos longos ou como vara
Objetos como corda	Objetos como corda (ou muitos objetos)
Objetos arredondados	Objetos arredondados

Friedrich (1970), em seu estudo sobre a língua Tarascan, uma língua ameríndia, analisou verbos classificadores também e mostrou o que ele chamou de verbos classificadores encobertos (*covertly classificatory verbs*). Este tipo de verbo traz semanticamente, e não sintaticamente, uma classificação e por isso podem conter na sua significação o caso instrumento, paciente ou tema.

Pode-se comparar estes verbos com verbos em Português como perfurar, parafusar, cavar, pentear, escovar, em cujo significado está

implícito o tipo de instrumento usado na ação. Mas este tipo de verbo como também os verbos que trazem semanticamente incorporada a categoria arranjo, enquanto caso modal, não podem ser considerados verbos classificadores no sentido em que está sendo utilizado pelos pesquisadores acima porque neste caso a classificação ou modo de colocação ou utilização do referente está somente no plano de conteúdo, não havendo um sistema de morfemas na estrutura morfológica, enquanto paradigma desta língua para uma subclasse de verbos que concordam com seu sujeito ou objeto em relação às categorias material, formato, arranjo. Na LIBRAS esta incorporação semântica ocorre com verbos que possuem um processo mimético na sua formação enquanto item lexical.

Pode-se concluir, a partir de todas estas pesquisas apresentadas, que existe uma certa regularidade em relação à utilização dos classificadores associados aos tipos de língua classificadora e, embora as pesquisas tenham apontado diferentes tipos de classificadores, eles estão associados a uma função morfo-sintática, já que o processo de classificar, através deles, ocorre como acréscimo a um radical nominal ou verbal, ou como uma derivação interna de raiz, ou mesmo em todos os elementos da frase, como nas línguas classificadoras coordenantes.

Nesta perspectiva morfo-sintática, estes morfemas classificadores podem ser vistos como marca de concordância de gênero, de número e de lugar.

2.2. OS CLASSIFICADORES NAS LÍNGUAS GESTUAIS-VISUAIS

Vários lingüistas que têm pesquisado línguas de sinais têm demonstrado que estas línguas possuem vários tipos de classificadores e, como os lingüistas que têm pesquisado sobre classificadores nas línguas orais-auditivas, aqueles também estão tendo posicionamentos diferenciados ao fazerem tipologias dos classificadores ou especificarem as funções que os classificadores exercem. O ponto em comum está na definição de classificador como sendo certas configurações de mãos que funcionam como morfemas que marcam certas características de um objeto nas línguas de sinais, Frishberg (1975), Kegl e Wilbur (1976) e Supalla (1978/86).

As divergências estão nos enfoques em relação a estes morfemas classificadores:

- Klima, Bellugi et al. (1979) apresentaram um sistema de configurações de mãos que seriam classificadores na ASL, ou seja, as configurações de mãos especificariam uma característica do objeto ou do modo como se seguraria um objeto;
- Kegl (1985) apresentou estas configurações como sendo clíticos formantes das raízes verbais, existindo o clítico de proeminência e o de fundo;
- Padden (1990) apresentou verbos classificadores, que possuíam configurações de mãos que concordavam com o sujeito ou objeto na frase, mas não especificou qual seria este tipo de concordância;
- Edmondson (1990), como Pedersen & Pedersen (1983), preferiu o termo pró-forma ao termo classificador e, analisando o fenômeno na língua de

sinais dinamarquesa, concluiu que as configurações nos verbos de movimento e localização seriam morfemas que caracterizariam os referentes, de modo icônico, em situações estáticas ou dinâmicas, já que a iconicidade⁸ estaria mais em relação às categorias animado/inanimado, dimensionalidade, orientação, entre outras, do que em relação à forma.

Todas estas pesquisas apresentaram aspectos fonológicos, morfológicos ou sintáticos dos classificadores enquanto afixos ou itens lexicais.

Na tipologia e morfologia dos Classificadores da ASL de Supalla (1986), pesquisa que sistematiza seus trabalhos anteriores e que tem sido ponto de referência para vários pesquisadores, os classificadores foram divididos em:

- a) **Classificador semântico:** estes são configurações de mãos que representam os referentes enquanto categorias semânticas: classificadores de objetos com pernas (pessoa, cachorro, aranha); classificadores de objetos horizontais, verticais;
- b) **Classificador corpo:** todo o corpo do emissor pode ser usado para representar seres animados;
- c) **Classificador parte do corpo:** a mão ou alguma outra parte do corpo do emissor é usada para representar uma parte do corpo do referente. A parte do corpo é também uma localização específica. Este tipo de classificador foi dividido em: especificadores de tamanho e forma de parte do corpo (dentes na boca, listras de um tigre) e classificadores dos membros (mãos e antebraço; pernas e pé);

⁸ Há vários estudos sobre iconicidade em línguas de sinais: (Frishberg, 1975); (Klima & Bellugi, 1979), (Morford, 1993), (Wilbur, 1987); e aqui no Brasil: (Ferreira Brito, 1992) .

- d) **Classificador instrumento:** através de uma representação mimética ou visual-geométrica do instrumento pode-se mostrar o objeto sendo manipulado, mas este não é diretamente referido. Este tipo foi subdividido em: classificador mão como instrumento - usados para contrastar os vários meios que a mão interage com objetos sólidos de tamanho e formato diferentes; classificadores ferramenta - usados para operar ferramentas manualmente;
- e) **Especificadores de tamanho e forma:** estes classificadores são configurações de mãos que representam vários aspectos do referente. Foram subdivididos em especificadores de tamanho e forma estáticos (SASSes) - objetos longo, redondos; e especificadores de tamanho e forma em traço - a mão, movendo-se no espaço, traça as linhas do referente em duas ou três dimensões;
- f) **Morfemas para outras propriedades de classes de nomes:** usados para mostrar consistência e textura (líquido, gasoso, macio); integridade física (quebrado, despedaçado); quantidade (coleção, muitas pessoas); posição relativa (uma pessoa acima de outra, status).

Relacionando esta tipologia para classificadores com verbos de movimento e de localização, Supalla apresentou a raiz destes verbos como sendo formada por: um pequeno número de **movimentos** possíveis (existência, localização ou movimento); um pequeno número de **caminhos** (linear, arco e círculo); um **morfema classificador** (mão ou outra parte do corpo, configurando uma forma particular e localizada em um lugar particular e orientada ao longo de um caminho) e **relações locativas** entre o nome central (objeto que move - tema) e o secundário (o objeto fundo). A forma da mão nestes verbos refere-se à classe do objeto que está envolvido

no evento. Os morfemas internos destes verbos seriam o morfema classificador, o movimento e os pontos básicos, e os morfemas externos seriam as flexões de número e de aspecto.

Embora este estudo de Supalla tenha sido muito detalhado, tenha contribuído para as pesquisas sobre classificadores e tenha servido de base para outros trabalhos, já mencionados acima, alguns pontos precisam ser revistos.

Primeiramente precisam ser revistos os especificadores de tamanho e forma traçados porque estes, também, não podem ser considerados classificadores, no sentido que se vem trabalhando este termo para línguas orais-auditivas.

Ao se traçar um formato com um tamanho específico no espaço neutro, este traço tem autonomia morfológica não podendo ser classificado como afixo e muito menos obrigatório, corresponderia em português a adjetivo e expressão adjetiva, por exemplo: *camisa listrada*, *planície ondulada*, *espaço arredondo e cercado verticalmente ou horizontalmente*; e pode ser um objeto descrito em relação ao seu tamanho, formato e textura, por exemplo: *jarro longo e fino*, *jarro arredondado e pequeno*.

Esses especificadores, enquanto morfemas livres, não formam um sistema de morfemas gramaticais fechado e obrigatório que deve ser afixado a morfemas lexicais e, por isso não podem ser classificadores no sentido que se vem trabalhando o termo.

Outra questão ainda que precisa também ser revista é o que Supalla chamou de classificadores “corpo e parte do corpo” que também não constituem classificadores, mas itens lexicais que são as próprias partes corpo. Quando se fala de mão, mostra-se a mão, quando se fala de cabeça,

olho, orelha, mostram-se estes órgãos, as partes internas podem ter sinais ou usada a datilologia.

As línguas de sinais usam o corpo do falante em vez de criar um sinal arbitrário. As partes do corpo funcionam como um ponto de referência da Raiz Movimento. Por exemplo, se se quer dizer, em LIBRAS, que alguém deu um soco no olho esquerdo de outra pessoa, a frase terá a estrutura: SOV, trazendo a raiz verbal toda a informação mimeticamente representada por um movimento através da configuração de mão “punho fechado” simulando um soco no olho esquerdo do emissor da frase. Este processo mimético de formação de palavras é muito produtivo e não pode ser confundido com um sistema de classificadores.

A mesma confusão, no sistema de Supalla, ocorreu ainda em relação aos classificadores para instrumento porque não se trata, também, de classificadores, enquanto morfemas presos que anaforicamente concordam com um referente que é um argumento do verbo classificador. Ocorrem, na verdade, dois processos diferentes na formação de verbos: um para os verbos que possuem configurações de mãos que representam mimética ou iconicamente o objeto, enquanto instrumento, e outro para os verbos que possuem configurações de mãos que representam a forma de se pegar um objeto.

No primeiro caso, na verdade, há dois itens lexicais homônimos: um nominal e outro verbal. Este último, formado através do processo de derivação zero, traz implícito semanticamente o caso instrumental; a incorporação é, portanto, semântica e não morfológica e sintática.

Quando se diz em LIBRAS ‘tomar café’, a frase enunciada é ‘CAFÉ BEBER-COM-XÍCARA’. O item lexical XÍCARA, neste contexto, torna-se

verbo; quando se diz ‘cortar’ em LIBRAS, há sempre, semanticamente, a incorporação do instrumento porque é a coisa cortante que se torna o próprio verbo: LÂMINA > CORTAR-COM-LÂMINA; FACA > CORTAR-COM-FACA; TESOURA > CORTAR-COM-TESOURA.

Pode-se comparar este caso instrumento implícito que aparece em certos tipos de verbos na LIBRAS, com verbos, em português, que trazem também, semanticamente, o instrumento incorporado, como por exemplo os verbos: pentear que quer dizer “passar pente”; escovar “passar a escova”; marretar “fazer uso de marreta”.

Este processo de derivação zero na LIBRAS pode ser enquadrado no que Friedrish (1970) chamou de verbos classificadores encobertos, comentado anteriormente.

No segundo caso, a forma de segurar/pegar um objeto, que é o instrumento, a configuração das mãos é um dos semas do significado do verbo, está portanto na estrutura semântica, também, e não na estrutura morfo-sintática, não se tratando aqui também de um sistema de classificadores.

É como se dissesse, em português: ensacar - colocar no saco, parafusar - colocar parafuso, unhar - arranhar com as unhas, ciscar, bicar, beijar, abraçar, pinçar, agarrar, segurar, maquiagem, tricotar. Como as línguas de sinais possuem uma iconicidade visual, seus sinais para representar essas ações e outras que trazem a idéia de ‘manipulação de uma determinada maneira’, são mais transparentes, motivados, e as configurações de mão mostram icônica ou mimeticamente esta manipulação. Este caso também deve ser analisado como sendo verbos classificadores encobertos, ou seja, é

na estrutura semântica e não na morfológica e sintática que se realiza a classificação.

Por último, como também observou Edmondson (1990), a divisão dos classificadores em semânticos é redundante, já que classificador é uma categoria semântica que se concretiza em itens lexicais ou em tipos de morfemas específicos para cada língua, portanto, todo classificador é semântico e, conseqüentemente, o que deve ser pesquisado é em que estrutura da língua (morfológico ou sintático) se realiza esta representação semântica e como ela ocorre.

Relacionando as sete categorias de classificação, encontradas nas cinquenta línguas pesquisadas por Allan (1977), com a proposta de gêneros de Hjelmslev (1956) - animado/inanimado: pessoal/não-pessoal, obter-se-ia um tratamento mais universal, como nas línguas orais-auditivas, caracterizando-se o que Supalla denominou de classificador semântico, como sendo o que Allan denominou de categoria material (animado/inanimado).

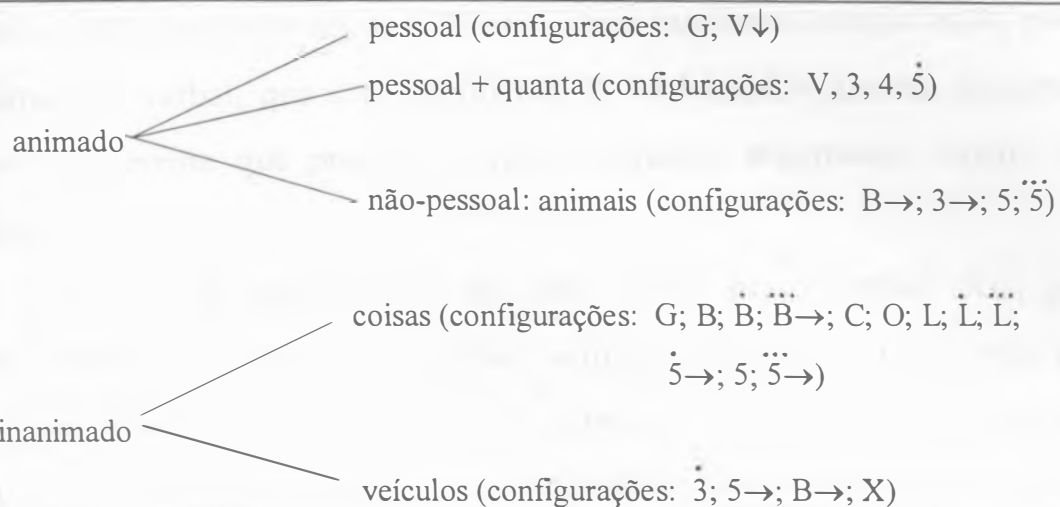
Como em línguas orais-auditivas, nas línguas de sinais também ocorre o sincretismo das categorias de classificação, coocorrem, assim, com os morfemas do sistema de gênero (configurações de mãos), outros que estão relacionados às outras categorias que podem estar iconicamente representadas na raiz Movimento ou na orientação ou no ponto de localização (onde um caminho começa e finda ou onde a coisa é localizada).

Assim, a categoria material nas línguas de sinais, tomando como exemplo a LIBRAS e a ASL, está subdividida em animado: pessoal e não-pessoal (animal), e o inanimado: veículo e coisa (formato: objetos planos, longos, arredondados; tamanho: grande, médio, pequeno).

Esta última subcategoria da categoria material (coisa), em verbos de raiz mimética, sempre vem sincretizada com uma ou mais das outras quatro categorias de classificação encontradas por Allan (1977):

- a) consistência: flexível, rígido, não-definido - marcada pelo modo de realização do movimento ou da configuração de mão;
- b) localização - marcada pelo ponto de articulação da raiz-M;
- c) arranjo: enrolado, em círculo, empilhado, enfileirado - marcada pelo modo de realização do movimento;
- d) quanta: coleção, volume, peso - marcada pelo modo de realização do movimento e pela configuração de mão. O classificador quanta também pode ser sincretizado com a categoria material animado, por isso um verbo classificador pode flexionar para concordar com o número: dual, trial, quatrial, plural.

Após toda esta análise dos classificadores tanto em línguas orais-auditivas quanto em línguas de sinais, o sistema de classificador para gênero na LIBRAS pode ser, assim, esquematizado em relação às configurações de mão:



Esquema do Sistema de Classificadores da LIBRAS.

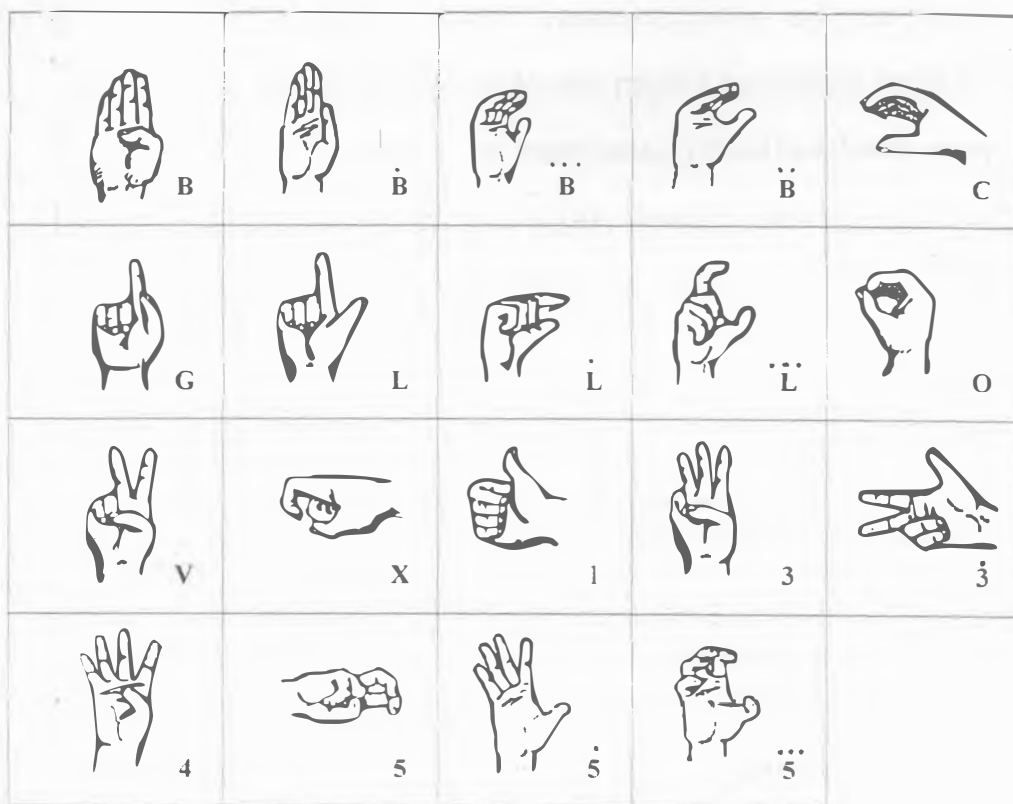


Figura 33: Morfemas classificadores da LIBRAS.

Todas essas configurações de mãos são componentes do sistema de flexão verbal para gênero da LIBRAS. Estes morfemas sempre estão presos a uma raiz verbal, que é o movimento (+ /-) e anaforicamente concordam com o referente que precede o verbo enquanto argumento: sujeito e/ou objeto.

A mesma configuração de mão, como por exemplo “G”, pode arbitrariamente representar entidade animado pessoal e inanimado não-pessoal, referindo-se a uma pessoa ou a uma coisa plana fina, porque o tipo de verbo e o contexto impedem a ambigüidade. Quando a configuração está representando entidade animado - pessoa, ela anaforicamente concorda com o referente animado (pessoa) que, nos verbos intransitivos, será o sujeito e, nos verbos transitivos, pode ser o sujeito (agente) ou o objeto (tema). Quando a configuração estiver representando um referente inanimado (coisa), ela só pode estar associado aos papéis temáticos tema e locativo.⁹

Na estrutura sintática, os morfemas classificadores ocupam o lugar específico para a concordância (Agr) com o sujeito ou o objeto, onde também ficam os clíticos¹⁰, já que os classificadores comportam como estes:

⁹ Estas papéis temáticos serão analisados no *Capítulo 3*.

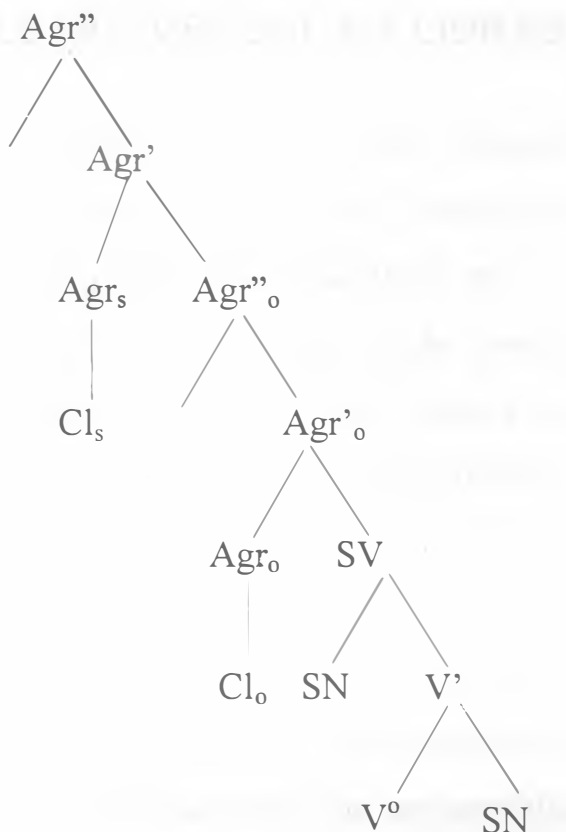
¹⁰ Neste esquema, o sujeito está como argumento (aquele que possui papel temático) interno do sintagma verbal (SV).

O SV está onde o verbo e seus argumentos (sujeito e complementos) são gerados.

A concordância (agr) domina o SV e está relacionada ao sujeito e ao objeto. O nó da concordância refere-se às flexões, é a posição dos morfemas flexionais tanto para o sujeito quanto para o objeto.

Segundo a hipótese de flexão repartida de Pollock (1989), a estrutura interna da flexão (I) pode ser expandida para incluir a concordância com o sujeito, com o objeto, com o tempo verbal e a negação.

Agr_s e Agr_o = concordância com o sujeito e concordância com o objeto respectivamente; Cl_s e Cl_o = classificador para o sujeito e classificador para o objeto respectivamente.



Portanto estes morfemas classificadores não têm uma função sintática independente, eles se realizam como desinências que vêm sempre afixadas às raízes verbais e, anafóricamente, estabelecem concordância de gênero animado/inanimado com o referente que é argumento do verbo.

Após estas reflexões, retirando o que impropriamente foi considerado classificador, ficam somente algumas configurações de mãos que, sendo morfemas, serão consideradas nesta pesquisa como sendo desinências de gênero animado/inanimado. Assim, nas línguas de sinais, tomando como exemplo a LIBRAS, há um sistema complexo de desinências que estabelece as flexões verbais.

2.3. A FLEXÃO VERBAL NA LIBRAS

Cada língua, a partir de uma Gramática Universal, possui a sua gramática particular. As estruturas fonológicas, morfológicas e sintáticas têm portanto aspectos idiossincráticos específicos a cada língua. Assim, cada língua tem seu sistema de flexão formado por morfemas presos ou livres que são relevantes para a sua sintaxe e suas regras sintáticas.¹¹

A partir do exposto anteriormente neste Capítulo, pode-se sistematizar um sistema de flexão específico para a LIBRAS.

Na flexão para pessoa do discurso, pode-se dizer que a desinência que concorda com o sujeito e o objeto é simultânea à raiz-M verbal porque este tipo de flexão é expresso pela direcionalidade (caminho “path”) da Raiz-Movimento, mas há também uma seqüencialidade já que sempre o ponto inicial concorda com o sujeito (agente) e o final com o objeto (paciente ou alvo).

Além do parâmetro direcionalidade, o ponto de articulação também pode funcionar como um tipo de flexão verbal porque pode marcar a localização nos verbos que possuem uma valência com locativo intrínseco. Para se compreender esta flexão verbal, precisa-se fazer uma distinção em relação a este parâmetro porque há dois tipos de ponto de articulação a serem considerados: o ponto que faz parte da configuração sígnica do verbo,

¹¹ Este posicionamento da flexão neste nível da língua está baseado em Emonds (1985: 195), que afirma:

“ Since transformations are exactly that part of syntax which involves the non-equivalence of deep structure and surface forms, my claim is that inflection includes any bound morphemes inserted by transformation (e.g., agreement) or s-structure-dependent principles (case), and any whose presence permits otherwise expected syntactic categories in their environment to be phonologically unrealized.”

que é somente traço distintivo, estando somente em um plano fonológico da língua, e outro ponto de articulação que pode funcionar como um morfema que tem uma função e um significado. Neste segundo caso, o ponto de realização sígnica é um local real ou convencionalizado onde o movimento termina e este índice é marca de concordância com um argumento do verbo, ou seja, ele se refere ao sintagma locativo obrigatório¹² onde a raiz-M do verbo finaliza, como por exemplo, na frase:

MESA_k COPO coisa-arredondada COLOCAR_k “colocar copo na mesa”. O índice ‘k’ especifica o local exato onde o copo é colocado na / sobre, acima, em baixo, no meio, no lado direito/esquerdo, do lado direito perto da mesa enquanto locativo.

Para este tipo de verbo a frase se construirá sempre com o verbo em posição final porque é preciso apresentar antes o argumento-objeto (tema) que será colocado e onde este será colocado (locativo).

Como este tipo de verbo também possui marca para gênero animado/inanimado, a configuração de mão irá alterar conforme o tipo de objeto que será colocado (objeto arredondado grande/pequeno; objeto plano).

Portanto, algumas configurações de mão, como foi visto acima, também em relação a outras línguas de sinais, quando associada a verbos

¹² Para a descrição dos sintagmas na LIBRAS, é preferível usar o termo ‘sintagma locativo’ em lugar de ‘sintagma preposicional’ porque sempre o verbo incorpora, através da direcionalidade do movimento e do ponto de articulação, a preposição. Por exemplo, para o verbo COLOCAR, a mudança nesses parâmetros iconicamente representará o objeto sendo colocado ao lado, em baixo, em cima, dentro, acima, em relação ao locativo. Ver alguns exemplos de preposição da LIBRAS apresentados por Gama (1876), no **Apêndice (a)** As Categorias Gramaticais da LIBRAS - **Estampa 18**. Algumas delas estão sendo utilizadas diferente ou foram excluídas, como as preposições: a, de, em cima de, sem.

classificadores, podem ter a função de flexão de gênero, que pode ser sincretizada a um quanta, a um arranjo e a um locativo.

Finalmente, a frequência no movimento da raiz-Movimento pode expressar flexão para aspecto e as expressões faciais e corporais podem expressar casos modais ou tipos de frase.

Concluindo, pode-se esquematizar o sistema de flexão verbal, na LIBRAS, se realizando a partir de alguns dos elementos que compõem os seguinte parâmetros:

- | | | |
|--|---|--|
| 1. flexão de pessoa do discurso | → | parâmetro direcionalidade - mov. retilíneo |
| 2. flexão de gênero e número | → | parâmetro configuração de mão - classificadores |
| 3. flexão de lugar | → | parâmetro ponto de articulação - locativos |
| 4. flexão de aspecto | → | frequência do parâmetro movimento |
| 5. flexão de caso modal e intensificador | → | parâmetro expressões facial e corporal e frequência do parâmetro movimento |

CAPÍTULO 3
EVIDENCIA

CAPÍTULO 3

CAPÍTULO 3

A REDE VERBAL

3.1. O CONCEITO DE *FRAME* E DE *FRAME* TEMÁTICO

Para se entender a forma-função-significado-uso dos verbos, esta pesquisa está o concebendo como uma rede.

A partir dos pressupostos teóricos apresentados nos Capítulos 1 e 2, analisou-se a LIBRAS enquanto língua flexional-classificadora. devido ao seu processo de formação de palavra, especificamente, o verbo e seu sistema de flexão. Neste Capítulo, será analisado o comportamento sintático, semântico e pragmático do verbo partindo da premissa que o significado pode determinar, com relação às expressões e interpretações dos argumentos, o comportamento de um verbo. Portanto, o verbo será correlacionado com seus argumentos e os papéis temáticos.

Uma frase constituída com verbo está sendo aqui denominada de sentença e, como na lógica proposicional, está sendo tratada como uma proposição que possui uma forma lógica subjacente à estrutura de superfície (Cook, 1989:185). Esta estrutura lógica é formada por elementos, que são os predicados e argumentos. Cada proposição possui apenas um predicado, mas pode ter um ou mais argumentos. O predicado é um elemento relacional que estabelece a ligação dos argumentos, enquanto elementos referenciais e sintagmas obrigatórios exigidos pela valência do verbo.

Portanto, o verbo enquanto elemento relacional expressa um intervalo de tempo e um conjunto de condições que determinam sua ocorrência (Chung & Timbarlake, 1985:203).

Como estas questões foram analisadas em profundidade nas gramáticas de caso¹, o enfoque aqui será a partir destes pressupostos teóricos, pelo fato destas gramáticas trabalharem com a estrutura lógica da sentença, representando seu nível semântico e sua correlação com o nível sintático em uma forma que pode ser considerada universal.

Ao analisar várias gramáticas de caso, que possuem pressupostos teóricos diferentes, como em:

- Fillmore (1968, 1971) que, com sua visão não-localista gerativista-transformacional, apresenta um sistema de casos centrado no nome já que é este que propicia um *frame* de caso onde o verbo pode ser inserido²;
- Chafe (1970) que, com sua visão não-localista gerativista-funcionalista, apresenta um sistema de casos centrado nas estruturas semântica e pragmática da frase, apresentando o verbo sempre com uma raiz marcada por uma informação nova. No enunciado, o verbo será o novo somente se o nome estiver na função sujeito (dado e novo);
- Anderson (1971) que, com sua visão localista gerativista, apresenta um sistema de papéis temáticos centrado na estrutura semântica do verbo,

¹ A gramática de caso que será mostrada aqui refere-se às teorias mais recentes, relacionadas aos casos ou papéis temáticos, portanto, são casos semânticos e não sintáticos com os casos: nominativo, ergativo, acusativo. Esta observação se faz necessário para se evitar confusões terminológicas como foi comentado por John M. Anderson (1971):

“... confusion resulting from the (well-established -cf. Baker, 1931) use of a single term to refer both to case (-relations) and case (-inflections); part of the reaction against case-grammars is thus merely terminological”.

² À frente, este sistema será detalhado quando for comparado com o de Jackendoff, a partir também de seu novo modelo, Fillmore e Kay (1992).

que determina os casos, sendo todos estes, com exceção do agente e objetivo, reduzidos ao locativo estático e aos direcionais origem e meta³;

Pode-se observar, segundo Cook (1989:185), que todas estas teorias têm em comum o fato destes gramáticos terem tentado encontrar:

“(1) o modo mais simples de caracterizar as estruturas lógicas (2) o modo mais simples de relacionar a estrutura lógica à sintática e (3) um sistema de representação das estruturas lógicas que é universal⁴.”

Fillmore, nos seus artigos *Frame Semantics* (1982) e *Frame and the Semantics of Understanding* (1985), fez referências a muitos autores que desenvolvem pesquisas nas áreas da ciência da cognição, da análise do discurso, da semântica gerativista e da pragmática para propor seu conceito de *Frame*⁵.

³ Mais à frente será, também, detalhado este sistema quando for apresentado o sistema de regras temáticas de Jackendoff.

⁴ “The case grammarian seeks to find (1) the simplest way to characterize logical structures, (2) the simplest way to relate logical structure to syntactic, and (3) a system of representing logical structures that is universal.”

⁵ Fillmore (1985: 223; 1982: 111) afirma e conceitua:

"Actually a fairly wide variety of terms have been proposed for the kinds of structures we have in mind: "frame", Minsky (1975), Winograd (1975), Charniak (1975); "schema", Bartlett (1932), Rumelhart (1975); "script", Schank and Abelson (1977); "global pattern", de Beaugrand and Dressler (1981); "pseudo-text", Wilks (1980); "cognitive model", Lakoff (1983); "experiential gestalt", Lakoff and Johnson (1980); "base" (in contrast to profile), Langacker (1984); "scene" Fillmore (1977); etc. The terms are used in a fairly wide variety of ways, and some scholars use several of them, distinguishing among them according to whether they are static or dynamic, according to the kinds of inference making they support, etc..."

"... By the term "frame" I have in mind any system of concepts related in such a way that to understand any one of them you have to understand the whole structure in which it fits; when one of the things in such a structure is introduced into a text, or into a conversation, all of the others are automatically made available. I intend the word "frame" as used here to be a general cover term for the set of concepts variously known, in the literature on natural language

Segundo Fillmore (1968), o termo "*frame semantics*" está ligado a uma tradição da semântica empírica, já que quer enfatizar a relação língua e experiência, pelo fato das palavras representarem categorizações da experiência e, por isso, o *frame* estruturar os significados da palavra e a palavra "evocar" o *frame* que vem do conhecimento geral que existe independentemente.

Há *frames* que são inatos, os *frames* cognitivos, ou seja, aparecem naturalmente com o desenvolvimento cognitivo de cada um; outros são aprendidos através da experiência ou do treinamento, nestes estão também incluídos os *frames* interacionais: falante-ouvinte ou autor-leitor, portanto o nível pragmático da língua deve ser considerado.

Ao utilizar a língua, um falante "aplica" um *frame* para uma situação e mostra que pretende que este seja aplicado às palavras utilizadas. As categorias gramaticais impõem seus *frames* próprios no material que estrutura. Daí, os falantes vão estruturando as frases de acordo com estes *frames* possíveis. Os *frames* são, portanto, organizadores da experiência e ferramentas para o entendimento, podendo ser utilizados para a descrição e explicação do significado lexical e gramatical.

Entendendo o *frame* como um sistema de conceitos relacionados de tal forma que a compreensão de um implique a compreensão de outro, formando um arcabouço de uma situação, pode-se conceituar o *frame* temático como um sistema de papéis temáticos que é adquirido quando se apreende o significado de um item lexical. Assim, ao inserir este item lexical em um contexto já se tem um *frame* das situações lingüísticas

understanding, as "schema", "script", "scenario", "ideational scaffolding", "cognitive model", or "folk theory"."

possíveis que representam a realidade, condicionando o tipo de participante(s).

Para Fillmore e Kay (1992), os papéis temáticos são conceitos relacionais derivados da noção de *frame* temático e devem ser compreendidos como a relação entre um argumento e o evento no qual ocorre.

Assim, os verbos possuem basicamente duas características relevantes: a primeira é que todo verbo possui uma valência na estrutura semântica, ou seja, um *frame* temático; a segunda é que os substantivos, enquanto argumentos de verbos em uma determinada situação, estão sujeitos a papéis temáticos.

Nesse sentido, os papéis temáticos são os relacionamentos sintáticos do verbo com os substantivos nas estruturas onde estão inseridos. Esses papéis são relevantes semanticamente e se constituem de um conjunto finito específico e as considerações em relação a eles têm validade translingüística.

Portanto uma classificação de verbos dependerá do *frame* temático dado pela sentença onde o verbo está inserido. Assim, esta classificação será complexa porque há uma variedade de ambientes temáticos possíveis e também porque muitos verbos podem ocorrer em mais de um ambiente, que são as alterações diatesis, por exemplo o verbo 'abrir' nas sentenças com o verbo abrir: Maria abriu a porta; a porta abriu; o vento abriu a porta; Maria abriu a porta com a faca.

Os verbos distinguem-se uns dos outros não somente por esta especificação dos *frames* temáticos em que podem ser inseridos, mas também por suas propriedades transformacionais⁶.

Segundo Fillmore e Kay (1992), os papéis temáticos existem somente nas perspectivas relacionais de eventos porque são os *frames*, dados pela língua, que permitem ao falante a descrição dos eventos. Como um evento pode ser visto por mais de um *frame* temático, os papéis temáticos relacionadas aos eventos devem ser considerados em relação aos *frames* temáticos nos quais ocorrem e são derivados.

Como estes papéis temáticos se aplicam à estrutura semântica da frase onde o verbo está inserido, pode ocorrer os casos encobertos ou papéis temáticos implícitos.

⁶ Segundo Blake (1994: 64):

“All modern theories allow for some kind of semantic relations that are always reflected directly in the morfo-syntax, but they differ in the extent to which they use syntactic rather than semantic evidence to isolate the semantic relations. There is a lot of confusing variation in the terminology. Fillmore began by positing a universal set of relations with traditional case-like label (agentive, instrumental, dative, factive, locative, objective) (1968:24-5), but later switched to agent, experiencer, instrument, object, source, goal, place and time, which, except for object, are more semantically transparent and less confusable with traditional case label (1971). He called these ‘syntactic-semantic relations cases’ and his conception of grammar and its congeners came to be referred to as case grammar (1968:19). It has become common over the last generation to refer to Fillmore-type cases as deep cases and traditional cases as surface cases. The most widespread terms for purely semantic relations are semantic roles, case role, thematic roles (Lexical Functional Grammar) and theta role (as in Government and Binding). I will use semantic role or simply role for a semantic relation.”

Posteriormente, Fillmore e Kay (1992) retomam aos casos, mas nomeando-os de papéis temáticos (*thematic roles* ou *Theta roles*), e retomam também o conceito de *frame*, mas na forma composta *frame* temático (*frame-specific participant roles*, *theta frame*).

3.1.1. Os papéis de Caso Implícito

Trabalhando com o termo “*covert category*”, que foi uma adaptação da expressão tirada do *Case for Case*⁷, Cook (1989) estabelece uma divisão dos casos em: **explícitos**, casos que estão sempre presentes na estrutura de superfície da frase, e **implícitos**, aqueles que pertencem à sua estrutura semântica mas geralmente não aparecem na estrutura de superfície e, por isso, podem ainda ser subdivididos em: totalmente implícitos, casos que nunca aparecem na estrutura de superfície, e parcialmente implícitos, casos que aparecem somente às vezes.

Estes casos são papéis que Fillmore (1971), denominou de papéis de caso deletável, papéis correferenciais e papéis lexicalizados.

1. Os **papéis deletáveis** são unidades semânticas que não têm realização na estrutura de superfície por estarem implícitos no verbo ou no contexto, por exemplo, a segunda pessoa do sujeito da forma imperativa: “Vá estudar”; ou a forma reflexiva: “Maria quebrou a perna”; ou os complementos de verbos como cantar, correr, jantar.
2. Os **papéis totalmente implícitos** são:
 - os *papéis correferenciais*, que são papéis diferentes atribuídos a uma categoria gramatical, dependendo do tipo de verbo, por exemplo, na frase: João foi para o Recife, na qual João é ao mesmo tempo agente e tema;

⁷ Em Fillmore (1968:5), as relações de casos são descritas como sendo categorias que geralmente são:

“covert, but nevertheless empirically discoverable”.

- os *papéis lexicalizados*, que são papéis que estão incorporados semanticamente no predicado e, por isso, não aparecem na estrutura de superfície, por exemplo: em verbos de movimento, que podem incorporar a maneira, o meio ou o médium: Maria esbofeteou João; em verbos de colocação ou de remoção, que freqüentemente incorporam seus substantivos-objetos, como em vestir, pintar, encerar; e em verbos que incorporam o instrumento: escovar, parafusar.

Ao se trabalhar tanto as papéis temáticos como os papéis de caso implícito, está se pensando uma teoria semântica de valência que analisa a frase em termos de predicado-argumento, independentemente das relações gramaticais como sujeito e objeto. Portanto os dados estão não na expressão lingüística mas por trás delas.

3.1.2. O Conceito de Valência: seleção e subcategorização do argumento do verbo

A gramática de cada língua é equipada com um conjunto de *frames* temáticos. Quando se estudam os verbos, pode-se buscar estes *frames* e os papéis temáticos derivados deles para cada sentença, classificando os verbos a partir de sua valência.

Tomada como unidade proposicional, a sentença pode ser segmentada em componentes, ou seja, em uma ordenação hierárquica das palavras, que seria a estrutura constituinte. Esta estrutura traz informações sobre a forma lingüística (morfológica e sintática), o significado (semântica) e, também, o nível pragmático, ou seja, a realização em uma situação específica.

Para a construção de estruturas constituintes, tem que haver uma dependência: dois constituintes, que estejam em um mesmo sintagma, têm que concordar em certas características que especificam as valências dos itens lexicais unificados, portanto, a valência corresponde às idéias de subcategorização e seleção na gramática gerativa.

A valência é, portanto, a especificação dos requisitos de coocorrência impostos pelo item lexical individual ou pela classe de itens lexicais.

Em relação ao verbo, sua valência é o número de participantes em qualquer cena na qual exibe o estado de coisa designado pelo verbo, podendo ter duas espécies de papéis de argumento: os papéis de *frame* específico, que são os *frames* temáticos, e os papéis temáticos. Os verbos intransitivos precisam somente de um argumento, os transitivos precisam de dois e os bitransitivos precisam de três. Os verbos podem ser especificados com valências mínimas, ou seja, somente com aquelas partes de uma valência estrutural a qual necessita ser tomada como idiossincraticamente ligada ao item lexical particular em questão.

Na ligação dos papéis de argumento de *frame* específico com os papéis semânticos detalhados (agente, tema), geralmente leva-se em consideração apenas estes últimos, ou seja, não se faz menção aos *frame* temáticos, mas aos papéis temáticos⁸.

⁸ Vilela (1992) faz uma classificação dos verbos do português a partir da gramática de valências e Borba (1990), no *Dicionário Gramatical de Verbos do Português Contemporâneo*, apresenta, em cada verbete, o verbo enquanto membro de um determinado grupo devido ao seu comportamento sintático-semântico.

3.1.3. O *Frame* Proposicional

Considerando-se as funções sócio-cultural, psico-emotiva e estética na linguagem humana, pode-se apreender três domínios funcionais principais: o semântico lexical, o semântico proposicional e o pragmático discursivo.

O domínio **semântico lexical** compreende o conhecimento culturalmente compartilhado, incorporado no léxico. É uma rede, um mapa cognitivo do universo fenomenológico.

Nas línguas de modalidade oral-auditiva, este domínio é o mais arbitrário em relação à forma-referente-conteúdo, pelo menos em uma perspectiva sincrônica. Diferentemente destas línguas, as de modalidade gestual-visual possuem uma iconicidade marcante nesta relação forma-função, já que uma grande maioria dos signos são governados por princípios de iconicidade havendo uma motivação em relação ao referente na convenção do signo.

O domínio **semântico proposicional** compreende as informações específicas expressas nas proposições que são codificadas sintaticamente como frases. Esta codificação envolve a caracterização da proposição enquanto estado, evento ou ação e a caracterização dos papéis temáticos com relação ao predicado.

O domínio **pragmático discursivo** compreende a contextualização de proposições no discurso. Neste está todo o conhecimento partilhado no ato de fala, implicando no tipo de discurso, na seqüência de ação, na organização temática, nos traços referenciais, no *background* de informação, nas funções interativas e nas expectativas e contra-expectativas.

Estes três domínios são hierarquizados, podendo-se referir a eles como **significado** (item lexical), **informação** (proposições) e **função** (discurso). Cada um pode ser caracterizado isoladamente; mas, as palavras, embora com significado, só possuem um sentido se inseridas em uma proposição que, por sua vez, só tem uma função se inserida no discurso.

Se a informação semântico-lexical for abstrata, ou seja, não estiver inserida em um contexto, o estado, o evento e a ação serão caracterizados somente como **tipos**, e esta caracterização será um **frame proposicional** da língua. Para pesquisar uma língua específica, pode-se, metodologicamente, estabelecer sua tipologia dos predicados, mostrando seu *frame* proposicional. Mas para trabalhar com a sintaxe, os três domínios precisam ser considerados, porque a sintaxe estabelece a ligação entre o domínio semântico proposicional e o pragmático discursivo, havendo uma motivação na correlação entre código e mensagem⁹.

Sendo a proposição a unidade básica de informação, que implica uma informação enviada por um falante em um contexto, a frase nuclear, no sentido gerativista (Chomsky, 1978:99), é a proposição codificada através da estrutura sintática, que expressa somente a informação semântica proposicional, não possuindo a função pragmática discursiva.

Esta **oração simples**, portanto, é o **caso neutro** desta função pragmática discursiva. É a oração principal, declarativa, afirmativa e ativa que exprime a maior parte da informação proposicional nova quando no

⁹ Segundo Givón (1984:33):

"It is only because the coding relation between structure and function in syntax is non arbitrary, or in some sense iconic, that one could proceed to infer common function from common message"X".

discurso. Nesta informação está também a natureza do estado/evento/ação e o tipo de argumentos/participantes.

Esta frase nuclear, ou seja, a oração simples, compõe as **orações complexas**, porque, quando inserida em um contexto, expressa uma função dual semântico-pragmática que implica em mudanças, às vezes, radicais na estrutura sintática, quanto à ordem das palavras e entonação nas línguas de modalidade oral-auditiva. Este ponto de vista é partilhado pelos gerativistas-funcionalistas, como Chafe (1970) e Givón (1984), entre outros.

Nas línguas de modalidade gestual-visual as transformações se dão em relação à ordem das palavras, expressões faciais e/ou corporais. Por exemplo, na LIBRAS, a ordem neutra é SVO, para certos tipos de verbo. Ao topicalizar ou focalizar o objeto, este, temporalmente, antecede o sujeito e simultaneamente uma expressão facial, com o sentido de ênfase, é coarticulada ao sinal que está na função de objeto. A expressão facial também é o traço que marca os tipos de frase: interrogativa, exclamativa e imperativa (Felipe, 1988 e Felipe et al., 1997).

Estas estratégias compensatórias, encontradas nas orações complexas são resultantes do fato da sintaxe ter que codificar, simultaneamente, a informação semântica proposicional e a função pragmática discursiva, criando uma **ligação funcional**.

Ao se estabelecer uma relação sintático-semântica com o nível pragmático da língua, pode-se repensar os argumentos obrigatórios enquanto atores que possuem papéis temáticos em um frame proposicional.

3.2. A REPRESENTAÇÃO LEXICAL, SEGUNDO JACKENDOFF

Jackendoff (1972/1983/1987/1990/1992), refletindo sobre a diferença chomskyana entre língua externa (LE) - um artefato externo, existe no mundo independente dos usuários, e língua interna (LI) - representações mentais, um corpo de informações codificado internamente pelos usuários, mostrou como a forma de conhecimento, chamada conceito, pensamento ou idéia, se liga à sintaxe de uma língua natural.

Sua semântica conceitual lida com a forma de representações mentais internas, que constituem a estrutura conceitual, e com as relações formais entre este nível e os outros (fonológico e sintático). Propôs os termos: Conceito I - existe somente como representações mentais para aqueles que o utilizam, e Conceito E - existe independentemente de sua utilização, optando pelo primeiro para desenvolver a sua semântica conceitual.

Partindo do pressuposto da existência de uma *gramática dos conceitos universais*, que tem aspectos adquiridos e outros inatos que ajudam na aquisição de uma língua particular, admite que uma criança que está aprendendo uma língua deve adquirir os princípios para construir os conceitos sentenciais correspondentes aos princípios para a construção de sentenças bem-formadas porque, da mesma forma que na sintaxe, o estoque de conceitos lexicais de uma pessoa é construído a partir de uma base inata de conceitos possíveis, modulada pela experiência lingüística e não-lingüística.

Esta base inata das línguas naturais é constituída por um conjunto de primitivos e princípios de combinação que juntos determinam um conjunto de conceitos lexicais. Portanto, aprender um conceito lexical é estar a

pensar, enquanto construção, uma expressão composta pela *gramática dos conceitos lexicais*, associando-a às estruturas fonológica e sintática. Esta estrutura semântica possui também um número finito de primitivos e um conjunto finito de princípios de combinação que geram as classes de sentenças possíveis, havendo portanto, também, uma *gramática dos conceitos sentenciais*.

Vendo por este prisma, segundo Jackendoff, a organização da gramática de uma língua, enquanto supra-estrutura informacional mental, possui três componentes autônomos: o semântico, o sintático e o fonológico. Cada estrutura tem seu conjunto finito de primitivos e seu conjunto finito de princípios de combinação que geram as estruturas bem-formadas. Estes três componentes são igualmente "criativos", ou seja, um não depende do outro; daí as línguas possuírem um *componente de regras de correspondência* que liga os constituintes uns aos outros.

Jackendoff (1990), trabalhando o par sintático-semântico, mostrou e justificou as regras que ligam o componente semântico ao sintático.

O componente sintático é formado por um conjunto de primitivos (traços que definem as categorias lexical e frasal, categorias de elementos anafóricos, flexão) e princípios de combinação (teoria "X-bar", teoria do movimento, ordenação dos elementos) que juntos definem um conjunto de estruturas sintáticas possíveis. Além disso, as línguas particulares, a partir de suas regras e parâmetros próprios, formalizam um conjunto de estruturas possíveis.

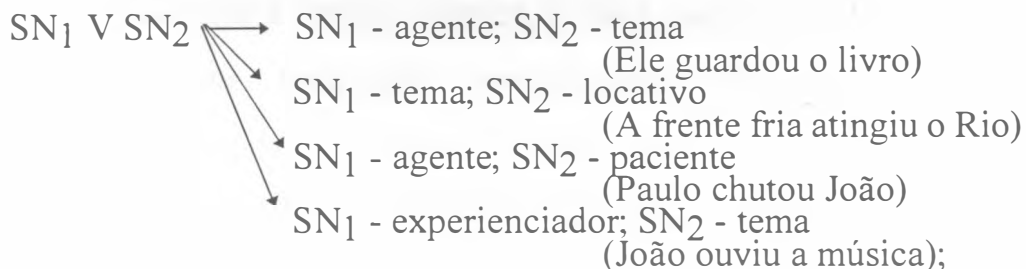
O componente semântico é formado por um conjunto de primitivos conceituais (as categorias ontológicas, as camadas temática e de ação, as funções espaciais básicas, as características de campo semântico) e

princípios de combinação (estrutura Função-Argumento, modificação restritiva, ligação) que juntos definem um conjunto de estruturas conceituais possíveis, independente da realização lingüística.

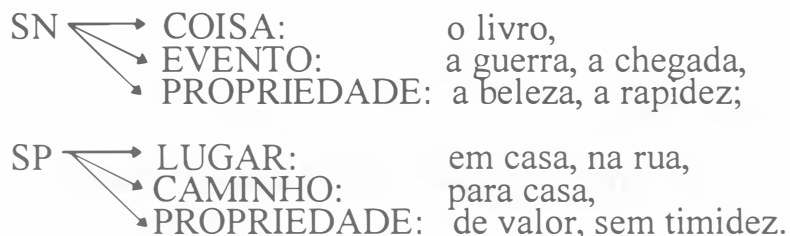
O componente de regras de correspondência também possui propriedades próprias e tipologia, portanto deve ter descrições estruturais e forma geral do tipo "A estrutura sintática S corresponde à estrutura conceitual C". Já que o componente sintático e o semântico são autônomos, eles também possuem representações mentais separadas, daí devem existir regras que ligam estes dois, são estas regras que Jackendoff mostra e justifica.

A correspondência é de constituinte sintático para constituinte conceptual porque não há correspondência de categoria a categoria, já que a relação é de um para muitos, por exemplo:

- uma mesma estrutura sintática pode ter estruturas semânticas diferentes:



- um mesmo tipo de sintagma pode ter categorias conceituais diferentes:



As unidades essenciais da estrutura conceitual são constituintes conceituais que pertencem a um pequeno conjunto de *categorias ontológicas maiores* (ou "partes do discurso conceitual"). Estas categorias conceituais possuem pontos de similaridade:

- cada constituinte sintático maior de uma sentença mapeia um constituinte conceitual no significado da sentença;
- várias categorias podem ter a relação tipo/ocorrência;
- algumas das categorias podem ser associadas à quantificação;
- cada categoria conceitual tem algumas realizações que se decompõem em uma estrutura de argumento-função e cada argumento é, por sua vez, um constituinte conceitual de alguma categoria maior;
- a estrutura de um item lexical é uma entidade com argumento zero ou com um lugar aberto para argumentos.

Ao considerar a oração simples, a frase nuclear, pode-se coadunar o conceito de *frame*, trabalhado anteriormente, acrescentado à proposta semântica de Jackendoff, dois aspectos formais do significado da frase:

- a) o *frame proposicional*, que dá o tipo de verbo e o tipo de papel temático dos argumentos;
- b) os *itens lexicais reais*, que preenchem essas posições.

Na combinação dos dois, tem-se o significado proposicional de uma sentença que, enquanto proposição, pode expressar:

- **estado:** quando as condições existentes não envolvem mudança no tempo, sendo este estado temporário ou permanente, como nas frases em Língua Portuguesa: João está doente, João é doente;
- **processo:** quando as condições envolvem: a) mudanças no tempo, do estado inicial para o final, exemplos: chutar, bater; b) mudanças no processo, exemplos: comer, cantar, trabalhar;
- **ação:** quando há eventos onde um agente responsável é identificado como o causador, exemplo: João prendeu o passarinho.

Para a organização do verbo enquanto evento (estado, processo e ação), Jackendoff, como Anderson, J. (1971), adota a Teoria Localista de Gruber (1976)¹⁰, segundo a qual, o formalismo para codificar conceitos de espaço, localização e movimento pode ser generalizado para muitos outros campos semânticos. Assim as funções conceituais básicas para cada categoria conceitual são:

¹⁰ Para esta tese foi pesquisada a versão revisada da Tese de Doutorado de Gruber (1965) em que Jackendoff se baseou. Esta relação da semântica e sintaxe é bem ressaltada em Gruber (1976: 3) onde, citando Chomsky (1965), escreve:

“It is “In what way are the syntactic patterns in a given language connected to relationship of meaning”. We will consider semantic not only the description of the use of words. We will also concentrate on meaning relationships among the elements of one sentence and among different sentences, thereby studying the semantic patterns in sentence structure. These patterns will be reflected in the patterns of the prelexical categorical structure. We will also maintain that semantic notions are of a decided use in syntax. Since our prelexical level will be as relevant to semantic as to syntactic interpretation, we will have a formal basis for establishing the relevance. We wish to show that syntax should not be considered as a formal system which can be studied independently of semantics. Various patterns in a sentence must be considered of semantic relevance as well as of syntactic. This will be shown, demonstrating the existence of a prelexical system which has properties that are basic both to the syntactic and semantic relationships. Syntax and semantics will have the same representation at the prelexical categorical level.”

a) **EVENTO**
(Processo)

IR EVENTO	([COISA] [CAMINHO]) tema	
INCH EVENTO	[SER [COISA] [PROPRIEDADE]] ESTADO paciente LUGAR	

b) **ESTADO**

SER ESTADO	[COISA] [PROPRIEDADE] LUGAR	
ORIENTAR ESTADO	[COISA] [LUGAR]	
EXT ESTADO	[COISA] [CAMINHO]	

c) **EVENTO**
(ação)

CAUSAR	[[COISA] EVENTO]	[EVENTO]
LET EVENTO	[COISA] [EVENTO]	

d) **LUGAR** → FUNÇÃO DE LUGAR [locativo]
COISA

e) **CAMINHO** → FUNÇÃO DE CAMINHO []
LUGAR
COISA

f) **COISA**¹¹

g) **PROPRIEDADE**

- FUNÇÃO DE LUGAR: EM, SOBRE, SOB, CONTRA, DENTRO, FORA;

¹¹ Todas estas categorias e funções estão num plano conceitual, ou seja, não são itens lexicais, mas "idéias", "conceitos", relações, por isso estão sendo transcritas em letras maiúsculas.

- FUNÇÃO DE CAMINHO: DESDE, PARA, DE, VIA, POR.

A relação entre a estrutura conceitual e a sintática em um campo semântico é estabelecida pelos papéis temáticos. Estes papéis, na estrutura conceitual, estão em duas camadas:

1. A *camada da ação*, que é composta pelos papéis:

- **agente** - é o primeiro argumento da função EVENTO CAUSA;
- **paciente** - é a COISA afetada pela ação, é o segundo argumento da função EVENTO CAUSA, ou o primeiro argumento da função ESTADO SER.

2. A *camada temática*, que é composta pelos papéis:

- **tema** - é a COISA em movimento ou sendo localizada, é, também, o primeiro argumento de todas as funções EVENTO e ESTADO, exceto da função CAUSA e da função ESTADO SER, nas relações ESPAÇO FÍSICO ou IDENTIDADE;
- **origem** - é a COISA ou LUGAR da qual o tema procede, é o primeiro argumento da função CAMINHO-LUGAR;
- **meta** - é a COISA ou LUGAR para a qual o tema procede, é o segundo argumento da função CAMINHO-LUGAR;
- **locativo** - é a COISA, o argumento da função LUGAR.

Jackendoff denominou estes papéis de temáticos porque, como no sistema localista de Gruber (1976), há um tema obrigatório em toda frase. Estabeleceu, também, uma hierarquia temática, na seguinte ordem: (1) agente; (2) locativo, origem, meta; (3) tema.

Em Jackendoff (1990:259) há outra proposta de hierarquia:

- a) [AFF (X*, < Y>)] (Ator)
- b) [AFF (<X>, Y*)] (Paciente (AFF⁻) ou Beneficiário (AFF⁺))
- c) [Evento/Estado F (X*, <Y>)] (Tema)
- d) caminho/Lugar^F (X*)] (Locativo, origem, meta)

O verbete lexical de um verbo, no modelo de Jackendoff, é apresentado a partir de suas propriedades fonológicas, sintáticas e semânticas. A primeira informação apresenta a forma fonológica do verbo, a segunda, as características de seleção e subcategorização, e a terceira, os papéis temáticos.

O mérito da proposta de Jackendoff está no fato dele ter utilizado as relações temáticas como parte do componente semântico e, também, no fato dele ter proposto, como Gruber (1976), o caso tema como um caso subjacente e obrigatório a todos os outros casos porque, aproximando-se do modelo de J. Anderson (1971), que adotou a Hipótese do Objetivo Obrigatório, seu modelo induz ao questionamento de que se há um caso tema em cada *frame* e se ele não aparece na estrutura de superfície, talvez seja devido ao uso de casos deletável, lexicalizado ou correferencial.

3.3. O VERBO E AS ALTERNÂNCIAS DIATESIS

O verbo, como foi visto anteriormente, em relação à sua valência, determina o número de argumentos, mas o seu sentido pode variar em um contexto em relação à ordem destes argumentos em uma frase específica. Estas alternâncias diatesis (*diathesis alternations*) são alternâncias nas

expressões dos argumentos do verbos e, algumas vezes, são acompanhadas por mudanças de significado (Levin, 1993). Estas alternâncias podem ser:

- Alternância Locativa: alguns verbos podem expressar seus argumentos de modo diferente, algumas vezes com “efeito holístico/partitivo”: a alternância locativa pode mudar o significado em relação a totalmente cheio, cheio pela metade, etc, por exemplo:

(1) a. O homem amontoou jornais no caminhão;

b. O homem amontoou o caminhão com jornais.

Na LIBRAS, esta alternância pode se dar através de classificadores acrescentados à raiz verbal, ou de verbos que, possuindo raiz mimética, terá realização diferenciada na Raiz-Movimento, como por exemplo: para dizer que se colocou um líquido em um copo e que este foi totalmente preenchido, usa-se o classificador para objetos arredondados e, com a outra mão passando na superfície, mostra-se que este está totalmente cheio. Se se quer mostrar um preenchimento pela metade ou outra especificação, em relação ao copo, mostra-se o líquido na metade deste, etc.

- Alternância Causativa/Incoativa: alguns verbos podem participar de alternâncias na transitividade que envolvem uma mudança na sua transitividade. O argumento na função de sujeito, quando o verbo está sendo usado como intransitivo, possui a mesma relação semântica do argumento na função de objeto, quando este mesmo verbo está sendo usado como transitivo.

(2) a. O carro quebrou (variante incoativa);

b. O homem quebrou o carro (variante causativa).

‘O carro’ nas duas frases está associado ao papel temático ‘paciente’. As alterações sintáticas mostram uma consistência em relação às construções na estrutura profunda dos argumentos e seus papéis temáticos. Esta alternância se diferencia da locativa pelo fato desta não acontecer o efeito holístico/partitivo.

- Alternância Medial: esta alternância é como as alternâncias causativa e incoativa, mas aqui a variante intransitiva não necessita ter um referente temporal específico porque não denota um evento e sempre pode ser inferido um agente. Hale e Keyser (1992) propuseram que as construções mediais fossem consideradas somente para uma certa classe de verbo semanticamente definida, ou seja, verbos cujos significados envolvem uma noção de causa mudança de estado.

(3) a. Vasos de cristais quebram com facilidade

(alternância medial - variante intransitiva)

b. O menino quebrou o vaso de cristal

(alternância medial - variante transitiva)

c. O vaso de cristal se quebrou

(variante incoativa)

- Alternância Conativa: esta alternância é também transitiva, mas diferentemente das alternâncias causativa/incoativa e medial, o argumento do verbo na função de sujeito da variante transitiva e intransitiva possui a mesma relação sintática. Guerssel et al. (1985) sugeriram que os verbos que possuem a alternância conativa tivessem o significado cujos componentes estariam relacionados a movimento e contato. A construção com variante conativa é diferenciada das demais

devido ao seu significado, já que não há precisão de que a ação expressa pelo verbo seja completada:

- (4) a. Maria corta o pão (ou seja, Maria está tentando cortar o pão);
 b. Maria bate à porta.

- Alternância Possuidor Parte do Corpo: esta alternância é uma mudança na expressão de uma parte do corpo possuída: tanto a parte do corpo possuída pode ser expressa como objeto direto dos verbos quanto o possuidor pode ser expresso como objeto direto do verbo, com a parte do corpo possuída expressa em um sintagma de preposição; por exemplo, as frases 'a' e 'b' respectivamente:

- (5) a. Maria cortou o braço de João;
 b. Maria cortou João no braço.

Na LIBRAS, não há este tipo de alteração já que os verbos que têm o significado de partes do corpo possuem raiz mimética e verbos, como CORTAR, têm concordância de locativo em relação à parte específica do corpo que está sendo referida:

- (6) MARIA JOÃO CORTAR-COM FACA_k BRAÇO_k
 (Maria cortou o braço de João com a faca)

Essas alternâncias podem ser correlacionadas a classes de verbos, já que estas formam conjuntos de verbos que compartilham aspectos de seus significados, como por exemplo: verbos de colocação, de mudança de estado, fenômenos da natureza, percepção, etc.

A partir dessas reflexões sobre frames temáticos, papéis temáticos, frame proposicional, as categorias conceituais e as alternâncias diatesis,

pode-se correlacioná-los com as propriedades semânticas do verbo, descritas por Talmy (1985), permitindo uma visualização do verbo como uma rede que permite combinações específicas, criando contextos específicos.

3.4. A REDE VERBAL NA LIBRAS

Sendo o verbo o item lexical mais central de uma sentença, pode-se estabelecer o sistema verbal de uma língua e prever o comportamento de um determinado tipo de verbo na proposição, que estabelece a relação usuário-língua-mundo.

Segundo Talmy (1985), as características semânticas do verbo podem ser agrupadas e se manifestar através da raiz verbal, de flexões ou de satélites¹²:

¹² Segundo Talmy (1985), os satélites são certos constituintes imediatos de uma raiz verbal que não podem ser classificados de flexão, auxiliares ou argumentos nominais. Seriam periféricos ou modificadores da raiz verbal. Não são uma categoria gramatical, mas sim uma espécie de relação gramatical.

Uma tendência universal na formação do satélite parece ser o fato de que ele se constitui de elementos que, possuindo um significado determinado, poderia estar na frase, em um lugar que poderia ser ocupado por uma determinada classe gramatical, mas ele se move para a rede verbal, compondo assim o verbo como um todo. Eles podem ser o que tradicionalmente chama-se de partícula do verbo, como por exemplo, nos verbos da língua inglesa: *star over, misfire*; os prefixos em verbos da língua portuguesa, como por exemplo: *acorrentar, acalmar, enlatar, encobrir*; e a incorporação da negação e de modais na LIBRAS. Por isso é pertinente utilizar aqui também este termo “satélite” para caracterizar a “net” verbal na LIBRAS.

Vilela (1992) também utiliza o conceito de satélite, mas o utiliza diferentemente: “... os satélites encontram-se numa relação mais ou menos exclusiva com seu regente. Se temos os determinantes como satélites exclusivos dos nomes, etc, temos também satélites exclusivos de verbos, que, como predicados, constituem o núcleo da frase e os seus complementos definem os verbos com os quais podem ocorrer. A valência é assim a propriedade de um elemento exigir, permitir, excluir complementos específico” (1992:31).

3.4.1. A Raiz Verbal Principal

Os verbos, em relação à sua raiz principal podem ser de:

- a) **estado**: expressam situações estáticas;
- b) **processo**: expressam um evento dinâmico não-agentivo;
- c) **ação**: expressam um evento dinâmico agentivo.

3.4.2. Casos Proposicionais e Modais

A rede verbal é composta por um *frame* e cada *frame* consiste de um verbo e um, dois ou três casos semânticos ou papéis proposicionais. A partir do estudo sobre os papéis temáticos, feito anteriormente, pode-se repensá-los e subdividi-los em:

1. **Proposicionais**, que são os papéis temáticos exigidos pela valência do verbos:
 - a) **agente**: ator exigido, na função gramatical de sujeito, por um verbo de ação. Inclui agente animado: pessoa e comunidades, e inanimado: objetos físicos, máquinas, forças naturais;
 - b) **tema**: é ator obrigatório em todo frame, mas pode não aparecer na estrutura de superfície por ser deletável, correferencial, ou lexicalizado por isso não há verbos de valência zero. É o ator que está sendo movido;
 - c) **paciente**: é específico a certos tipos de verbo, em verbos de estado, ele é o ator que é descrito, em verbos de processo ou de ação, é o ator que está mudando ou sendo mudado;
 - c) **experienciador**: é o papel temático exigido por um verbo de experiência relacionada à pessoa que experimenta uma sensação, emoção ou um processo de cognição;

d) **benefativo**: é o papel temático exigido por verbo de posse, é o possuidor de um objeto ou a parte não-agentiva na transferência de posse. O beneficiário pode ser um ganhador - benefício positivo, ou perdedor - benefício negativo;

e) **locativo**: é o caso exigido por verbo de localização, está restrito à localização física no espaço, incluindo localização estática, com verbos de estado, e localização direcional (origem, caminho e meta) com verbos de processo e ação.

2. **Modais**: são casos opcionais que podem coocorrer com os papéis proposicionais e, por isso, podem estar na raiz, em satélites ou advérbios. Serão descritos aqui os seguintes casos: meio/medium/instrumento, tempo, modo, propósito, causa, resultado:

a) O modo refere-se a uma alternância que pode:

(i) estar incorporada à raiz principal, como nos verbos em português, andar > andar + modo = saltitar; cavalgar > cavalgar + modo = trotar. Esta incorporação à raiz principal também acontece na LIBRAS;

(ii) ser expressa por satélite, como a mudança na frequência do verbo ou nas expressões faciais e corporais na LIBRAS: CAMBALEAR, OLHAR-ATENTAMENTE, TAGARELAR etc;

b) a causa é diferente da causalidade. Aquela expressa o motivo ou resultado do processo e esta estabelece a agentividade da ação, por isso, geralmente, a causa faz parte da raiz principal, como no verbo 'ventar', na frase: "ventava na cortina da janela". Nesta frase a uma causa mas não uma causalidade expressa por um agente. A causa (o vento) está implícita na raiz verbal;

- c) o resultado está diretamente relacionado com a causa e por isso eles compõem a raiz principal dos verbos causais;
- d) o propósito compõe a raiz principal dos verbos de propósito, por exemplo: lavar “que significa colocar um líquido com a finalidade de limpar” e caçar;
- e) o tempo compõe a raiz principal dos verbos que estabelecem cronologicamente uma distinção: almoçar, lanchar, jantar, passear, viajar, mas este pode estar na frase, em muitas línguas, como sintagma preposicional;
- f) o meio, médium, instrumento estabelece o meio de realização de uma ação e pode ser incorporado na raiz principal, como nos verbos: escovar, pentear ou estar na frase como sintagma preposicional.

3.4.3. Qualidades Semânticas do EVENTO e dos Participantes

A relação do verbo com seus argumentos acontece a partir de qualidades tanto do evento quanto dos participantes, que são:

1. a causalidade que relaciona a raiz principal a uma agentividade voluntária ou não e por isso vem na raiz principal, por exemplo: matar que é diferente de morrer;
2. a polaridade que estabelece se o evento tem uma existência positiva ou negativa podendo estar na raiz principal, como nos verbos de consideração: elogiar (polaridade positiva) x criticar (polaridade negativa), perdoar (polaridade positiva) x ofender (polaridade negativa); ou podem vir como satélites, como a incorporação da negação na

LIBRAS nos verbos: GOSTAR x NÃO-GOSTAR (polaridade negativa), QUERER x NÃO-QUERER (polaridade negativa), etc;

3. o aspecto que estabelece a distribuição da ação ou do estado em relação ao tempo ou espaço. Pode estar na raiz, como o verbo espancar, que tem o aspecto durativo incorporado, ou através de satélite, ou através de flexão como em português e, na LIBRAS, expresso pela frequência ou repetição da raiz-movimento;
4. o grau de realização, que sendo um tipo de aspecto, exclui os outros tipos acima expressos pelas flexões e acrescenta ao verbo o sentido de “quase, apenas, mal”, expressões adverbiais que podem vir como satélites na LIBRAS, através de expressões corporais ou mudança na raiz-movimento;
5. a velocidade que refere-se a uma ação ou movimento que podem ser realizados mais rapidamente ou lentamente em relação ao normal. Pode fazer parte da raiz principal, como em ANDAR e CORRER, ou podem ser satélites, como na LIBRAS, ao executar a raiz-movimento mais aceleradamente ou lentamente, acrescenta ao verbo o sentido de velocidade de execução: ANDAR-LENTAMENTE, ANDAR-APRESSADAMENTE, COMER-LENTAMENTE, CORRER-APRESSADAMENTE;
6. a personificação que refere-se às relações monádica e diádica associadas à ação. Pode estar na raiz principal, como no verbo beijar, que implica a relação diádica, mas geralmente é expressa pela flexão que correlaciona o verbo com a agentividade: BARBEAR_{1s} “Barbear-a-si-mesmo”, BARBEAR_{2s}, “barbear você”, BARBEAR_{3s} “barbear alguém”;

7. o número de atores que refere-se à quantidade de participantes enquanto argumento do verbo. Na LIBRAS esta categoria é expressa por classificadores de quantidade (quanta) que estabelecem a relação um, dois, três, quatro, muito, quando sincretizados ao classificador para pessoa: _{pessoa}MOVER, _{2pessoas}MOVER, _{3pessoas}MOVER, como foi visto no *Capítulo 2*.
8. a distribuição dos atores que refere-se ao arranjo do argumento no caso objetivo em relação à distribuição espacial e temporal (nesta última, sincretiza-se ao aspecto). Na LIBRAS, este arranjo é associado a um classificador para gênero: animado e inanimado e é expresso através de uma raiz mimética, como nos verbos: _{muitas-pessoas}ENFILEIRAR, _{coisa-redonda}EMPILHAR.

3.4.4. Características relacionais do EVENTO com os participantes em um contexto

1. tempo verbal refere-se à relação temporal em relação ao momento de interação emissor-receptor: passado, presente, futuro. Pode ser expresso por flexão, como em português, ou sintaticamente através de advérbios, como na LIBRAS;
2. modo verbal refere-se ao modo indicativo, subjuntivo, optativo, desiderativo e conativo em relação ao evento. Pode ser expresso através de flexões, como em português, ou por satélite;
3. voz refere à voz ativa ou passiva expressa por flexão;

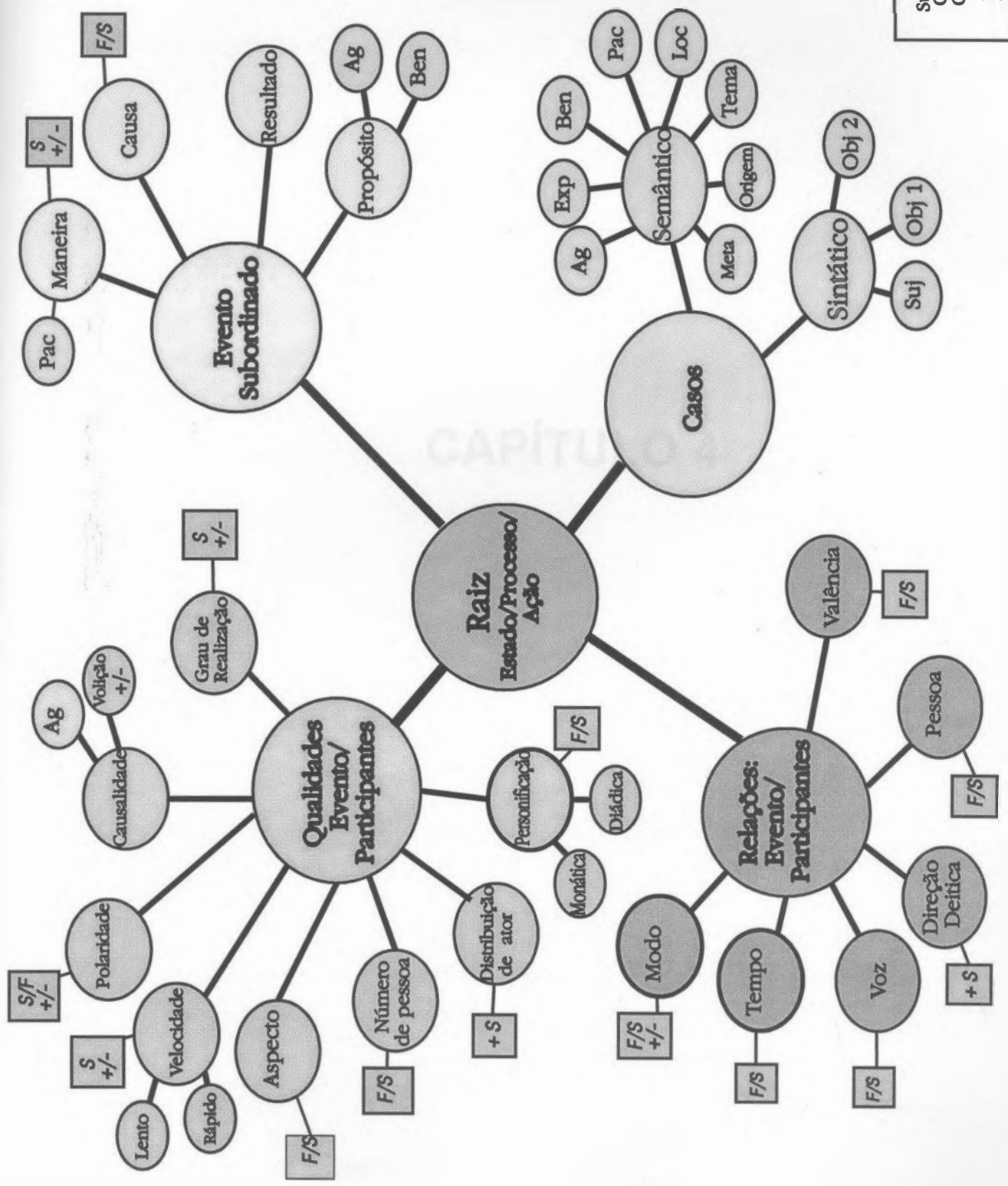
4. deixis direcional refere-se ao movimento do verbo em relação ao emissor. É expressa através da raiz, como os verbos ir/ vir. Na LIBRAS é expressa pelas raízes De_ (IR, FECHAR) e _Para (VIR, ABRIR);
5. pessoa refere-se às pessoas do discurso e é expressa pela flexão;
6. valência refere-se aos argumentos obrigatórios exigidos pelo evento em um contexto determinado.

Levando-se em consideração todas estas questões, pode-se traçar uma tipologia para verbos a partir de seus frames, dos frames proposicionais e dos papéis temáticos em relação aos seus argumentos.

Portanto, a proposta deste Capítulo foi apresentar o verbo enquanto categoria gramatical que, sendo uma rede verbal, vai determinar o tipo de argumento que terá um papel temático específico e que poderá estar nas funções de sujeito, objeto 1 ou objeto 2 porque é a valência do verbo como um todo, incluindo nela a transitividade, que determinará a estrutura frasal a partir da possibilidade de alternâncias diatesis.

Abreviaturas:
 Suj -> Sujeito
 O1 -> Objeto1
 O2 -> Objeto2
 F -> Flexão
 S -> Satélite

3.4.5. ESQUEMA DA REDE VERBAL



CAPÍTULO 4
A RELAÇÃO SINTÁTICO-SEMÂNTICA
DOS VERBOS NA LIBRAS

METODOLOGIA PARA COLETA DE DADOS

ETIQUETA DE

CAPÍTULO 4

CAPÍTULO 4

A RELAÇÃO SINTÁTICO-SEMÂNTICA DOS VERBOS NA LIBRAS

4.1. METODOLOGIA PARA COLETA DE DADOS

4.1.1. Teoria da Gramática ou Teoria do Uso?!

Sempre que um lingüista quer pesquisar uma língua vem a indagação: *quais serão os critérios para a descrição de um aspecto em algum componente desta língua?* A opção será entre uma **teoria da gramática** ou uma **teoria do uso**.

Adotando-se a primeira opção, o pesquisador descreve o que é constante, o sistema de convenções que se tem de adquirir para aprender uma língua particular e, em suas generalizações, subjaz uma gramática universal de base cognitiva; trabalhando com a Língua Interna, dá um enfoque com base na *competência lingüística*.

Adotando-se a segunda opção, o pesquisador descreve o que pode ser mutável, mas gramaticalmente *aceitável*, trabalhando com a Língua Externa, dá um enfoque com base no *desempenho lingüístico* do falante, ou de grupos, trabalhando com a *fala*, o *uso*.

Generalizou-se, com estas duas posturas, que se se opta pela primeira, basta ao pesquisador, assumindo uma tradição mentalista, seguir sua "intuição lingüística" para a análise de uma língua particular, uma vez que a

intuição é per se, também, um dado lingüístico. Se opta pela segunda, de tradição empirista, o pesquisador terá que, exaustivamente, coletar dados.

A radicalização destas posições tem dividido os lingüistas, aqui no Brasil: de um lado, os gerativistas e, de outro, os funcionalistas, sociolingüistas e os que trabalham com análise do discurso.

Os lingüistas que propõem uma semântica gerativista optaram por um meio termo. Como afirmaram Fillmore e Kay (1992), para uma descrição da sintaxe de uma língua, pode-se trabalhar com enunciados testados: a fala espontânea; com a língua escrita e editada; com enunciados elicitados e, também, com a intuição lingüística.

Quando se trabalha com uma língua, às vezes, totalmente desconhecida e até ágrafa, como as pesquisas com línguas indígenas e línguas de sinais, é muito importante fazer uma coleta de dados e que esta seja feita com usuários que tenham um bom domínio de sua língua para não haver problemas de interferência lingüística do pesquisador ou para evitar a não correspondência dos dados com a realidade, uma vez que falta o dado da intuição.

Em pesquisas com línguas que não têm uma tradição de estudos gramaticais, prioritariamente, está se buscando a regularidade, a gramática a partir do uso. Daí a necessidade da coleta dos dados.

A pesquisa de uma língua de sinais é ainda mais complexa porque muitos surdos não têm um bom domínio da sua própria língua por terem aprendido esta após a adolescência, quando começam a freqüentar as associações de surdos, havendo interferência da língua portuguesa, ou por utilizarem um bimodalismo, ou ainda um pidgin (Felipe et al., 1991d). Para contornar estes problemas, precisa-se selecionar um informante ideal que

seja filho de pais surdos e que seus pais realmente utilizem esta língua como primeira língua, mas como somente 5% dos surdos são filhos de pais surdos e muitos surdos filhos de ouvintes não dominam esta língua devido à tradição oralista na educação de surdos que proibia o uso da LIBRAS, este informante torna-se ainda mais difícil de ser encontrado.

Devido a toda esta problemática, para a coleta dos dados desta pesquisa foi organizada uma equipe com Instrutores Surdos¹, que são respeitados pelas comunidades surdas, como sendo conhecedores da

¹ Em todo o Brasil, há algumas décadas os surdos vêm ensinando sua língua para ouvintes, mas como ainda não existe uma formação acadêmica para eles se tornarem professores de LIBRAS, eles se denominam de Instrutores de LIBRAS. Desde 1993, na Federação Nacional de Educação e Integração de Surdos - FENEIS - Rio de Janeiro, foi criado um Centro de Pesquisa, onde vários Instrutores de LIBRAS, aproximadamente quarenta, reúnem-se para discutirem questões metodológicas e políticas sobre o ensino de sua língua, esta iniciativa por parte dos surdos também está ocorrendo em São Paulo, Belo Horizonte, Porto Alegre, Recife, Curitiba, Caxias do Sul e Maceió.

Alguns dos instrutores da FENEIS, que estavam mais interessados em discussões lingüísticas e metodológicas para o ensino de sua língua, estavam participando do Projeto "Metodologia para o ensino de LIBRAS para ouvintes", financiado pelo MEC/SEESP/FNDE, coordenado pela autora desta tese, e inseriram-se também nesta pesquisa sobre os verbos e se prontificaram a ir à FENEIS duas vezes por semana para a coleta dos dados.

Foi um trabalho enriquecedor mas exaustivo, durante dois anos. Primeiro, apresentava-se o desenho do verbo, o grupo de instrutores olhava o desenho e discutia sobre os vários usos. Depois, após um consenso, fazia-se a filmagem do verbo nos contextos.

Para que os surdos pudessem ajudar também na transcrição dos dados, foi dado um curso sobre o trabalho de transcrição, diferenciando-o do trabalho da tradução, em que foram explicadas questões lingüísticas sobre a LIBRAS. Este curso foi muito importante para todo o grupo e, quando eles compreenderam o que seria uma transcrição de dados, eles criaram o sinal que está sendo divulgado para o Brasil para outros instrutores surdos que estão também interessados em conhecer mais profundamente sua língua.

Embora dez instrutores tenham feito o curso, apenas duas Instrutoras Surdas, a Prof. Myrna Salerno Monteiro (UFRJ) e Prof. Ana Regina (BANERJ) conseguiram fazer o trabalho de transcrição dos dados desta pesquisa, por serem bilíngües, terem paciência para fazer um trabalho tão meticuloso e terem facilidade para trabalhar com o Sistema de Transcrição que está sendo utilizado nesta pesquisa.

Alguns dos outros Instrutores Surdos da equipe ficaram com a digitação dos dados transcritos: Arthur, Sônia, Alex e João Carlos.

LIBRAS. Estes instrutores discutiam acerca dos verbos que lhes eram apresentados e, depois de um consenso sobre os usos desses verbos, eram feitas as filmagens dos mesmos em contextos.

4.1.2. A Coleta dos Dados

Para a classificação dos verbos da LIBRAS, foi feito um levantamento de 798 verbos que foram, posteriormente, divididos em classes e sub-classes, organizadas em quadros, em relação às suas propriedades sintático-semânticas.

Para cada verbo presente nos quadros, foram coletados dados para a análise de sua flexão em contextos.²

² Em um primeiro momento, de 1993 a 1994, para a coleta dos dados, foram feitos 265 desenhos de verbos. Como se tratava de um desenho técnico, foi necessário preparar, com a ajuda de Myrna, um surdo desenhista, Tadeu Pereira, para a realização desta tarefa (alguns dos desenhos feitos por Tadeu exemplificaram determinados tipos de verbos no *Capítulo 2*).

Esses verbos foram divididos classes e colocados em quadros. Este trabalho foi feito por Ana Felipe. O levantamento de outros verbos foi feito e também passado para os Quadros.

Como o trabalho de desenho de verbos não pôde ser continuado, foi necessário fotografar os verbos já desenhados e os novos para depois, escaneá-los para o computador e trabalhar a imagem com recursos gráficos. Este trabalho foi feito por Francisco Jofilsan (programação visual e fotografia) e pelo Prof. Hindenburgo F. Pires (UERJ) que também fez a programação visual e a impressão final do Apêndice das fotos e ajudou a organizar as páginas de figuras da tese. O informante nas fotos é de Alexandre Curior, Instrutor Surdo, que também é o informante na fita de vídeo.

Quando a autora desta tese não estava presente, a Prof. Emeli C. Marques (INES) ajudou Francisco e Alex nas sessões de fotografias, e os Instrutores Myrna e João ajudaram na coleta de dados das filmagens. Myrna também ajudou na organização dos verbos que já estavam filmados. Sem esse trabalho de grupo teria sido impossível organizar o Banco de Dados desta Tese. Foi uma experiência que valeu a pena porque todos os participantes se fortaleceram enquanto pesquisadores e grupo de pesquisa.

Estes dados foram transcritos pelo Sistema de Transcrição (Felipe, 1989, 1990, 1991, 1992). Como a transcrição das sete fitas de vídeo dos dados coletados correspondeu a um total de 1.332 páginas, estas foram digitadas e divididas em arquivos, contidos em três disquetes para serem consultados quando necessário, no **Anexo (b)** desta tese.

No **Apêndice (b)** está a relação dos verbos pesquisados. Para facilitar a busca, os verbos foram listados através de um índice em ordem alfabética, com seus respectivos números que correspondem às numerações das páginas onde estão as fotos e à fita onde eles podem ser vistos em contextos.

No **Apêndice (c)** estão as fotocópias das fotos escaneadas da maioria dos verbos pesquisados. Para diminuir os custos desta pesquisa, muitos verbos de raiz mimética e classificadores, que são icônicos, devido à facilidade de sua visualização mesmo para uma pessoa que não conhece a língua, não foram fotografados. O objetivo de fotografar os verbos foi facilitar ao leitor, através da visualização do sinal, a compreensão da análise.

O objetivo de organizar a lista em ordem alfabética foi para facilitar a tarefa de procurar um determinado verbo que está glosado em português, já que são poucos os leitores familiarizados com as convenções para descrição fonológica relacionadas aos parâmetros de configuração sígnica, o que dificultaria uma consulta rápida dos mesmos.

4.1.2.1. Sistema de Notação para a Transcrição de Dados

Os lingüistas que, a partir da década de sessenta, estão pesquisando sobre as línguas de sinais, por ainda não haver um consenso para a modalidade escrita para estas línguas³, vêm adotando certas convenções ao representarem essas línguas de sinais.

Para a transcrição dos dados da *American Sign language* (ASL), há dois sistemas de notação:

O primeiro, chamado de "**Sistema de notação em palavras**", utiliza palavras da Língua Inglesa para representar os itens lexicais da ASL correspondentes e uma simbologia específica para os traços não-manuais que são feitos simultaneamente com esses itens, como: marcadores de aspecto, frases interrogativas, negativas. Este sistema vem sendo utilizado por Friedman (1976), Liddell (1977), Klima & Bellugi et al. (1979) e Padden (1983), entre outros, e também por Deuchar (1984) para transcrever a Língua de Sinais Britânica (BSL), entre outros.

O segundo, proposto por Kegl (1985), é o "**Sistema de notação de base Locacional**". Este tipo de notação mostra a estrutura morfológica e sintática da frase na ASL em relação ao tipo de raiz verbal.

Para a transcrição dos dados da LIBRAS, nesta pesquisa, foram utilizadas as convenções já conhecidas, ou seja, o "Sistema de notação em palavras", acrescidos de modificações devido à necessidade de adaptar a Língua Portuguesa à LIBRAS. Portanto, serão utilizadas as seguintes convenções:

³ Há uma publicação de Valerie Sutton (1981) *Sign Writing for Everyday Use*. The Sutton Movement Writing Press, em que a autora cria uma escrita para a língua de sinais americana, mas ainda não está sendo adotada pela maioria dos pesquisadores.

1. Os **sinais da LIBRAS**, para efeito de simplificação, serão representados por itens lexicais da Língua Portuguesa (LP) em letras maiúsculas. Exemplos: CASA, ESTUDAR, CRIANÇA;
2. um **senal traduzido por duas ou mais palavras** em língua portuguesa, será representado pelas palavras correspondentes separadas por hífen. Exemplos: CORTAR-COM-FACA, QUERER-NÃO "não querer", MEIO-DIA, AINDA-NÃO;
3. um **senal composto**, formado por dois ou mais sinais, que será representado por duas ou mais palavras, mas com a idéia de uma única coisa, serão separados pelo símbolo ^. Exemplos: CAVALO^LISTRA "zebra", MULHER^BENÇÃO "mãe";
4. a **datilologia (alfabeto manual)**, que é usada para expressar nomes de pessoas, de localidades e outras palavras que não possuem um sinal, está representada pela palavra separada por hífen, letra por letra. Exemplos: J-O-Ã-O, A-N-E-S-T-E-S-I-A;
5. o **senal soletrado**, ou seja, uma palavra da língua portuguesa que, por empréstimo, passou a pertencer à LIBRAS por ser expressa pelo alfabeto manual com uma incorporação de movimento próprio desta língua, está sendo representado pela datilologia do sinal em itálico. Exemplos: *R-S* "reais", *A-C-H-O*, *QUM* "quem", *N-U-N-C-A*;
6. na LIBRAS não há desinências para gêneros (masculino e feminino) e número (plural). O sinal representado por palavra da língua portuguesa que possui estas marcas está terminado com o **símbolo @ - ausência de desinência** - para reforçar essa idéia e não haver confusão. Exemplos: AMIG@ "amiga(s) e amigo(s)", FRI@ "fria(s) e frio(s)", MUIT@

“muita(s) e muito(s)”, TOD@, “toda(s) e todo(s)”, ME@ “minha(s) e meu(s)”;

7. Os traços não-manuais: sons vocais e expressões facial e corporal, que são feitos simultaneamente com um sinal, estão representados acima do sinal ao qual está acrescentando alguma idéia que pode ser em relação ao:

a) **tipos de frase (expressões faciais):** ^{interrogativa} ou ... i ... ^{negativa} ou ... neg

...

Exemplos: ^{interrogativa} NOME ^{exclamativo} ADMIRAR;

b) **advérbio de modo ou um intensificador (expressões faciais):** ^{muito}
rapidamente exp.f "espantado"

Exemplos: ^{muito} LONGE ^{rapidamente} ANDAR ^{exp.f "espantado"} ESTRANHO

c) **bimodalismo**, ou seja, um item da LIBRAS sendo coarticulado com um item lexical da Língua Portuguesa

Exemplos: ^{<vou>} IR, ^{<viaja>} VIAJAR;

d) **sons que complementam o sinal.**

Exemplos: ^{<bbrrrrr>} MOTO, ^{<pppprrrrrr>} HELICÓPTERO

8. As categorias semânticas IDENTIDADE, POSSE e LUGAR, consideradas enquanto categorias gramaticais como sendo os pronomes pessoais, os possessivos, os demonstrativos e os advérbios de lugar são dêiticos na LIBRAS e se configuram, espacialmente, em relação ao emissor do ato de fala, por isso foram representados com relação às três pessoas do discurso:

a) **IDENTIDADE (pronomes pessoais):** ind_{1s} "eu", ind_{2s} "você", ind_{3s} "ele/ela"; ind_{1d} "nós dois/duas", ind_{2d} "vocês dois/duas"; ind_{3d} "eles dois/elas duas"; ind_{1p} "nós", ind_{2p} "vocês", ind_{3p} "eles/elas";

onde: ind = índice ou deixis;

b) **marca de flexão para as pessoas do discurso:**

$1s, 2s, 3s = 1^a, 2^a$ e 3^a pessoas do singular;

$1d, 2d, 3d = 1^a, 2^a$ e 3^a pessoas do dual;

$1p, 2p, 3p = 1^a, 2^a$ e 3^a pessoas do plural;

c) **LUGAR (locativo):** loc_i "este, esta, isso/aqui"; loc_j "esse, essa, isso/aí"; $\text{loc}_k =$ "aquele, aquela, aquilo/alí";

onde: variáveis: $i =$ ponto próximo à 1^a pessoa,

$j =$ ponto próximo à 2^a pessoa,

k e $k' =$ pontos próximos às 3^as pessoas

$e =$ esquerda do emissor

$d =$ direita do emissor;

d) **POSSE (pronomes possessivos):** ind_i "meu/minha/ nosso"; ind_j "teu(s)/tua(s); ind_k "seu/sua/dele/dela"; $\text{ind}_{k'}$ "seu/sua/dele/dela. O " k " foi usado quando mais de um ponto estava sendo convencionado para 3^as pessoas diferentes;

9. os verbos que possuem concordância de gênero (animado/inanimado), através de classificadores, estão representados com o tipo de classificador em subscrito.

Exemplos: pessoa ANDAR, veículo MOVER, coisa-arredondada COLOCAR;

10. os verbos que possuem concordância de lugar ou de número-pessoal, através do movimento direcionado, estão representados pela palavra

correspondente com uma letra ou número e letra em subscrito que correspondem às variáveis para locativo e pessoas do discurso.

Exemplos:

a) **EVENTO de raiz de...** \rightarrow $i \text{---} k$: i IR_k, i VIAJAR_k;

b) **EVENTO de raiz ...para** \rightarrow $k \text{---} i$: k VIR_i, k ABRIR-GAVETA_i;

c) **EVENTO multi-direcional**: k_d ANDAR_{k_e} "andar da direita para a esquerda;

d) **flexão para pessoa do discurso**: 1_s DAR_{2_s} "eu dou para "você";

e) **mudança de turno do discurso** (movimento do corpo para um lado e olhar direcionado);

11. A **marca de plural** é expressa também pela repetição do sinal. Esta marca será representada por uma cruz no lado direito acima do sinal que está sendo repetido:

Exemplo: GAROTA ⁺

12. quando **um mesmo sinal**, que geralmente é feito somente com uma das mãos, é feito **com duas mãos** ou **dois sinais estão sendo feitos pelas duas mãos simultaneamente**, serão representados um abaixo do outro com indicação das mãos: direita (md) e esquerda (me).

Exemplos: IGUAL (md) muit@-pesso@ ANDAR (me)
 IGUAL (me) 1-pesso@ EM-PÉ (md)

Estas convenções foram utilizadas para poder representar, linearmente, uma língua espaço-visual, que é tridimensional.

4.2. AS CLASSES DE VERBOS NA LIBRAS E SUAS REPRESENTAÇÕES SINTÁTICO-SEMÂNTICAS

Como foi mostrado nos capítulos anteriores, tomando o verbo como exemplo, há alguns componentes do significado das palavras que determinam seus usos e comportamento, portanto, quando falantes usam uma língua, eles têm um conhecimento lexical com o qual constroem suas expressões (Hale & Keyser, 1992).

Como Levin (1993) afirmou, a chave para o comportamento do verbo é seu significado. Se um falante conhece o significado de um verbo, pode prever seu comportamento porque as propriedades sintáticas particulares são associadas a verbos de um certo tipo semântico. Assim, verbos que pertencem a determinadas classes de acordo com seus comportamentos semelhantes apresentarão componentes semânticos também semelhantes.

Os membros de cada classe têm em comum tanto propriedades sintáticas como semânticas e, como foi mostrado em muitos estudos (Levin, 1993; Hale & Keyser, 1992), a diferença no comportamento verbal pode ser explicada se as alternâncias diatesis são percebidas em componentes particulares do significado do verbo.

Se se tomar como exemplo quatro verbos: tocar, esbofetear, cortar e quebrar; tocar é um verbo de contato, esbofetear é um verbo de contato com movimento, enquanto que quebrar e cortar são verbos de mudança de estado. Cortar causa mudança de estado por um agente mover alguma coisa em contato com a entidade que muda seu estado. Verbos como 'cortar' inerentemente envolvem um instrumento e requerem a existência de um

agente que usa um instrumento para causar uma mudança de estado em um paciente; assim, 'cortar' é basicamente um verbo que possui pelo menos dois argumentos e nunca poderia ser encontrado em construção incoativa.

Por outro lado, 'quebrar' é um verbo de mudança de estado mas não requer inerentemente um agente e por isso pode estar em construção incoativa, onde apenas um argumento é requerido, denotando uma entidade que muda de estado, como por exemplo na frase: O vaso quebrou.

Assim, quando uma pessoa utiliza um desses verbos, ela estará mobilizando as noções de movimento, contato, mudança de estado e causa que estão presentes na caracterização daqueles verbos por fazer parte de seus frames.

Para uma descrição de verbos, quando se apresenta um verbo como um membro de uma classe, devem-se mostrar os componentes do significado que todos os verbos dessa mesma classe têm em comum, podendo também correlacioná-los em relação à participação em alternância diatesis.

Assim, os verbos que têm a noção de contato correlacionam esta com a alternância posseção parte do corpo, enquanto a noção de contato e movimento está correlacionada com a alternância conativa. Os verbos de mudança de estado estão correlacionados à alternância causativa/incoativa, enquanto os verbos cujo significado envolve 'causa uma mudança de estado' estão correlacionados com a alternância medial.

Partindo desses pressupostos teóricos, apresentados nos capítulos anteriores, a classificação dos verbos da LIBRAS segue dois critérios:

1. morfológico, que classifica em termos de flexão;
2. semântico, conforme a estrutura semântica conceitual.

Assim, os verbos da LIBRAS foram divididos em quatro grupos: verbos sem flexão, verbos com flexão para pessoa do discurso, verbos com flexão para gênero e verbos com flexão para locativo/tema.

Estas quatro classes compreendem vários subtipos de verbos que vêm sendo estudados nas línguas orais auditivas, mas como na LIBRAS a estrutura sintática de muitos destes subgrupos é a mesma, eles foram reagrupados nessas quatro classes maiores:

4.2.1. VERBOS SEM FLEXÃO

Neste grupo estão os subgrupos dos verbos de:

- **aparência e ocorrência** (Levin, 1993): ACABAR, ACORDAR, ACONTECER, APARECER/SURGIR, DESAPARECER/SUMIR, REPETIR, VIVER, MORRER;
- **aprendizagem** (Levin, 1993): APRENDER, ESTUDAR;
- **clima e fenômenos de natureza** (Levin, 1993; Dixon, 1991; Ruwet, 1991): FAZER-CALOR/FRIO, CHOVER, CLAREAR, ESCURECER, NEVAR, RELAMPEJAR, VENTAR;
- **desejo e carência**: (Dixon, 1991; Levin, 1993; Talmy, 1985): FALTAR, QUERER;
- **funções e metabolismo do corpo** (Dixon, 1991; Levin, 1993): ACORDAR, ARROTAR, BABAR, CHORAR, DORMIR, OFEGAR, PISCAR, RIR, RONCAR, SORRIR, SOLUÇAR, SUAR, TER-SEDE, TER-VONTADE, TER-FOME, TOSSIR;

- **ingestão** (Dixon, 1991; Levin, 1993): BEBER, COMER, CHUPAR, ENGOLIR, LAMBER, MASTIGAR;
- **percepção** (Croft, 1990; Dixon, 1991; Emonds, 1985; Gruber, 1967; Levin, 1993): AVISTAR, ARREGALAR-OS-OLHOS,
com espanto / fixamente / furiosamente / timidamente / de relance
OLHAR, PERCEBER, PRESENCIAR,
SENTIR, OUVIR;
- **permanência** (Levin, 1993): ABRIGAR, ESCONDER, FICAR, MORAR;
- **sons de animais** (Levin, 1993; Salkoff, 1983): MIAR, LATIR, PIAR, ROSNAR, UIVAR, ZUMBIR.

Este grupo se caracteriza por ser composto de verbos cujo processo de formação se dá através de raízes miméticas, na grande maioria, ou através da derivação zero, como os verbos de clima / fenômeno da natureza e vários de ingestão, mas também há os verbos que são sinais arbitrários como os verbos de aprendizagem e os de permanência.

Os verbos sem flexão, quando intransitivos, possuem o primeiro argumento (sujeito) com a regra temática experienciador. Quando transitivos, são menos prototípicos, sendo verbos de estado ou de processo.

Alguns possuem o tema como caso implícito, como os verbos de clima / fenômeno da natureza e ingestão; outros possuem o caso modal, modo incorporado à raiz, como vários verbos de percepção:

atentamente	curiosamente	snope	espanto
OLHAR,	OLHAR,	OLHAR,	OLHAR.

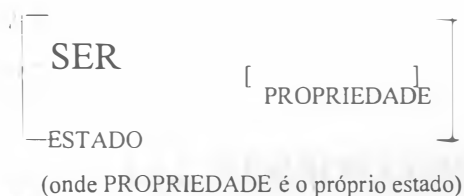
Este grupo de verbos sem flexão pode se subdividir, em relação à representação semântica de seus frames proposicionais em:

4.2.1.1. Verbos sem Sujeito

Este subtipo de verbo sem flexão denota fenômeno atmosférico ou natural, condição do mundo ou do tempo. Esses verbos não pode ser separado de um argumento implícito (tema) sobre o qual o evento/estado é predicado, por serem um e o mesmo, exemplos:

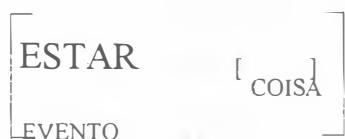
(1) HOJE MUIT@ QUENTE (Hoje está muito quente).

A representação semântica do frame proposicional de verbo de ESTADO será:



(2) ONTEM CHOVER (Ontem choveu).

A representação semântica do frame proposicional de verbo EVENTO será:



(onde a COISA é o caso tema implícito semanticamente à raiz)

Houve uma tendência dos informantes a usar a COISA em vez do EVENTO correspondente, assim, chuva em lugar de chover, neve por nevar, trovão por trovejar, mudando o tipo de predicação, exemplos:

(3) loc_k JAPÃO TER NEVE FRI@

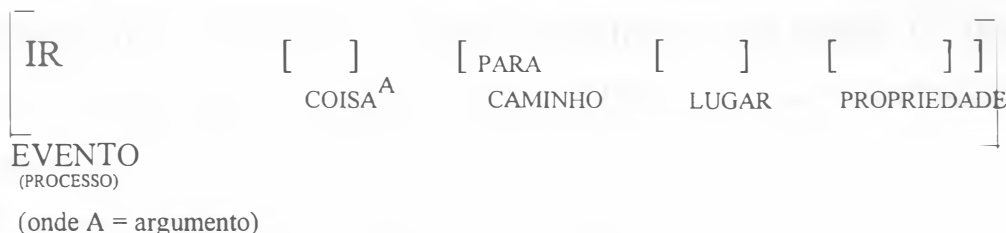
(Lá no Japão tem neve e é frio).

4.2.1.2. Verbos sem Objeto

A representação semântica do EVENTO sem objeto e com sujeito paciente ou experienciador não terá a camada de ação, ficando:

(4) ind_{1s} AMIG@ HOMEM MUIT@ ANTES JÁ MORRER

(Meu amigo de muito tempo já morreu).



4.2.2. VERBOS COM FLEXÃO PARA PESSOA DO DISCURSO

Neste grupo estão os subgrupos dos verbos de:

- **mudança de posse** (Croft, 1991; Jackendoff, 1992; Levin, 1993): ALUGAR, DAR, EMPRESTAR, NEGOCIAR / TROCAR, OFERECER, PAGAR, REPARTIR, SUBSTITUIR, VENDER;
- **comunicação** (Dixon, 1991; Levin, 1993): ACONSELHAR, AVISAR / INFORMAR, CONVERSAR, CORRESPONDER/ENVIAR, DISCUTIR, DIVULGAR, ENSINAR, EXPLICAR, FALAR, MOSTRAR, PERGUNTAR, PEDIR, RESPONDER, TELEFONAR;
- **interação social** (Dowty, 1991; Levin, 1993): AJUDAR, APRESENTAR, BEIJAR, BOXEAR, CONCORDAR, CONVIDAR, DUELAR, EXIGIR / MANDAR (dar ordem), JOGAR, NAMORAR, RESPEITAR, SEPARAR/DIVORCIAR, XINGAR, ZOMBAR.

Este grupo de verbos, também chamados de verbos direcionais nas línguas de sinais, como foi visto anteriormente, possui um movimento direcionado com um ponto inicial para a origem e o final para a meta, possuindo flexão par as pessoas do discurso.

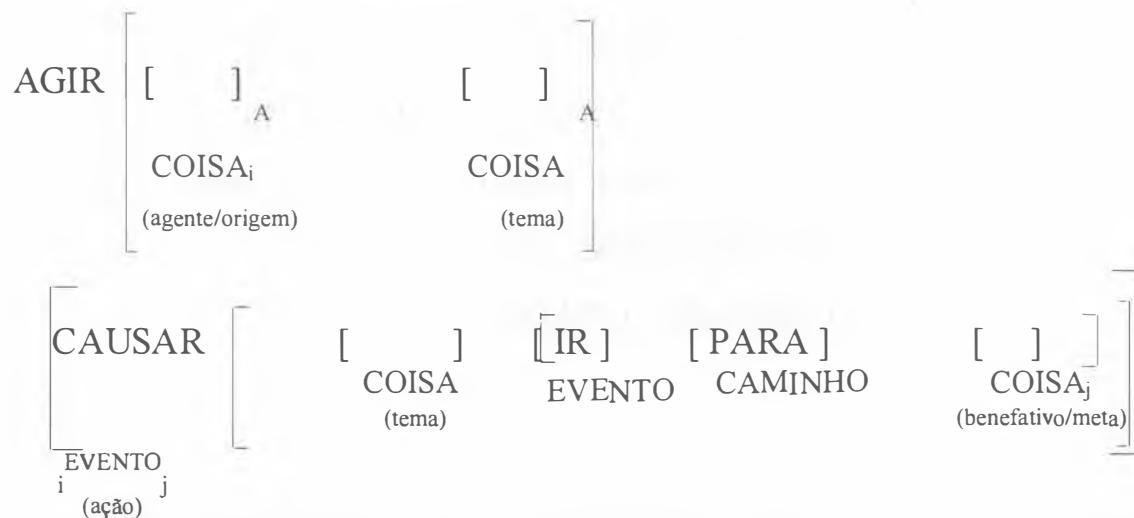
Este tipo de EVENTO é complexo por ser formado de um subevento causativo e um subevento de mudança, possuindo um sujeito - origem/agente, um objeto 2 - meta/benefativo, e um objeto 1 - tema que muda a localização do sujeito para o objeto 2, relacionando-se a uma estrutura bitransitiva, exemplos:

(5) ${}_{3s}$ DAR ${}_{2s}$ PRESENTE (Ela/ele dá o presente para você).

(6) ONTEM CARTA ${}_{3s}$ ENVIAR ${}_{2s}$

(Ontem ele/ela te enviou uma carta).

Estes verbos são de ação e por isso sua representação semântica terá duas camadas: a de ação (AGIR) e a temática. A representação semântica do frame proposicional destes verbos será:



Os verbos FALAR, ANUNCIAR, NOTICIAR, INFORMAR quando com um objeto direto abstrato, possui uma regência com a preposição "SOBRE", usada raramente na LIBRAS, perdendo a característica da direcionalidade, ficando sem flexão, exemplos:

(7) Ind₁ FALAR SOBRE VIDA SURD@

(Eu vou falar sobre a vida dos surdos);

(8) ind₁ FALAR SOBRE LINGÜÍSTICA (Eu vou falar sobre lingüística);

(9) ONTEM JORNAL NOTICIAR SOBRE LIBRAS

(Ontem o jornal noticiou a LIBRAS).

4.2.3. VERBOS COM FLEXÃO PARA GÊNERO

Neste grupo estão os subgrupos dos verbos de:

- **colocação** (Croft, 1991; Dixon, 1991; Gruber, 1976; Levin, 1993): AFASTAR, AGRUPAR, coisaARRUMAR⁴, COLOCAR/POR, EMPILHAR, ACHATAR, coisaABAIXAR, EMPOLEIRAR, ENROLAR, ETIQUETAR, GIRAR, IMERGIR/ Mergulhar, INCLINAR, JUNTAR, ROTULAR, coisaSEPARAR;
- **movimento** (Croft, 1991; Dixon, 1991; Gruber, 1976; Emonds, 1991; Jackendoff, 1990; Levin, 1993; Talmy, 1985): ACOMPANHAR, AMONTOAR, ANDAR, ANDAR, CAIR, DESCER, DESVIAR,

⁴ Quando em um grupo de verbos está especificado o gênero (coisa ou pessoa ou veículo) é porque somente estes verbos com este gênero específico se caracteriza como tão, havendo, portanto, raízes específicas para os outros sentidos. Por exemplo, os verbos SEPARAR (sentido de afastar), que é classificador, e SEPARAR/DIVORCIAR, que é do grupo dos verbos sem flexão.

DESLIZAR, FLUTUAR, ^{coisa}JOGAR, MOVER, PULAR, RODAR, ROLAR, PERSEGUIR, PLANAR;

- **mudança de posse:** DAR e OFERECER.

Os verbos deste grupo, quando usados bitransitivamente, são verbos classificadores e têm sua raiz modificada para concordar com o segundo argumento: objeto - tema e, quando usados transitivamente, têm sua raiz modificada para concordar com o primeiro argumento: sujeito - tema.

Os verbos de colocação e de movimento que são classificadores podem ter alteração medial e possuem uma flexão para concordar com o objeto, ou seja, o movimento final do tema é um ponto convencionalizado onde o locativo foi realizado, por exemplo:

(10) MUIT@ LIVRO_k ESTANTE_{E_k} ^{coisa plana}AMONTOAR_k

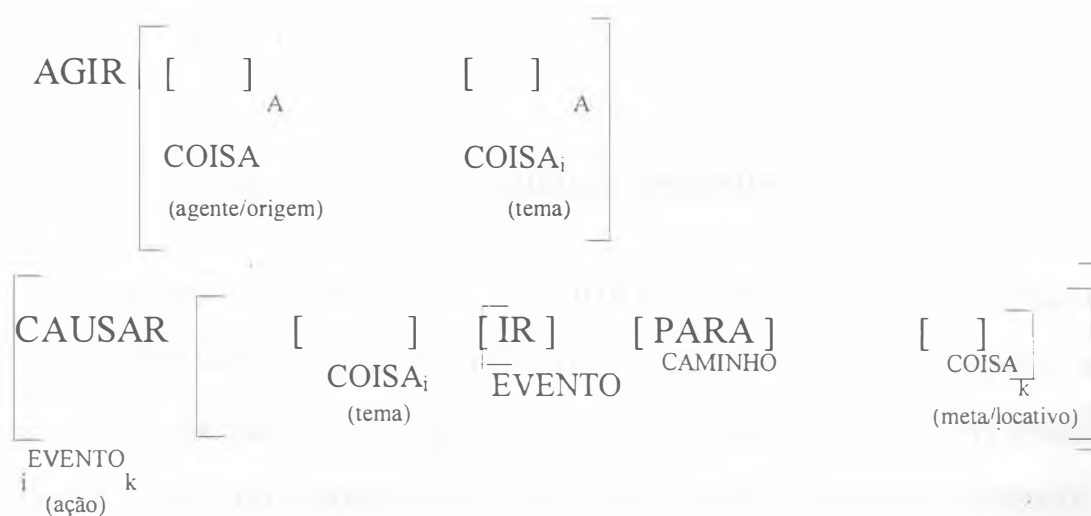
(Muitos livros estão amontoados na estante);

(11) ONTEM HOMEM ME@ CASA PORTA_k JORNAL_k

^{coisa plana}AMONTOAR_k

(Ontem um homem amontoou jornais na porta de minha casa)

A representação semântica do frame proposicional desse tipo de verbo será:



Alguns verbos, como os verbos de raiz mimética: APERTAR, CARREGAR, EMPURRAR, ESFREGAR, GOTEJAR, PINGAR, PUXAR, MARTELAR, REMAR, TORCER e os de derivação zero: GUIAR-CARRO/MOTO/BICICLETA/CARROÇA, por terem na LIBRAS esses processos de formação de palavra (raiz mimética ou derivação zero), não estão sendo incluídos nesse grupo de verbos classificadores.

Por outro lado, como eles mantêm a concordância com o locativo, a representação semântica deles será a mesma da dos verbos com flexão para locativo/tema:



Os verbos de movimento, devido a certas características sintático-semântica de alguns, podem ainda ser subdivididos em:

4.2.3.1. Verbos com direcionalidade implícita

Os verbos de movimento na LIBRAS, quando em um contexto transitivo incorporam ao EVENTO, através do movimento direcional as noções preposicionais. A raiz de alguns desses verbos realiza iconicamente o *movendo para* ou *movendo de* uma localização. Em uma perspectiva

semântico-pragmática, a codificação dessas orientações espaciais é expressa por movimentos direcionais em relação ao enunciador do ato de fala, por isso foram classificados de verbos direcionais de raízes diferentes:

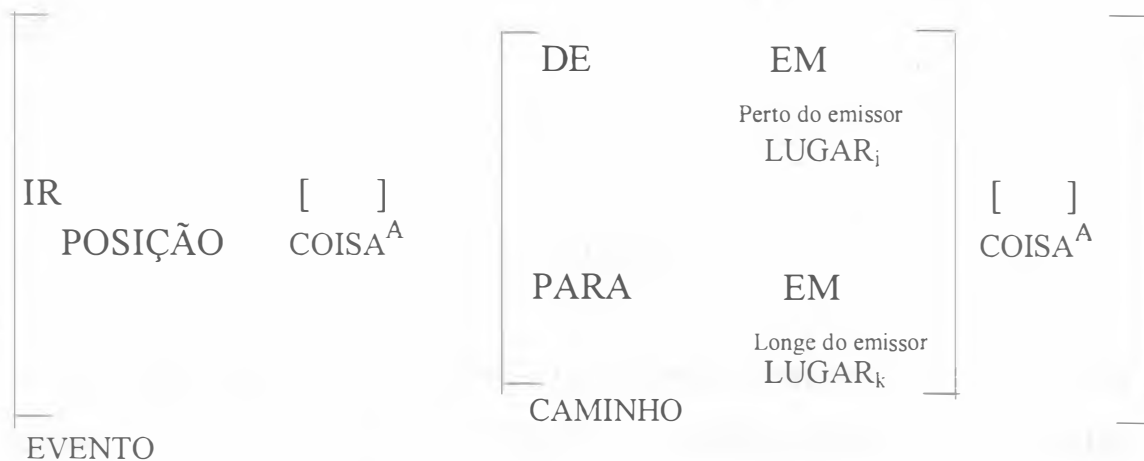
4.2.3.1.1. Verbos com Raiz "de_"

Os verbos desse tipo possuem movimento linear iniciado no espaço neutro próximo ao ponto convencionado para a primeira pessoa (loc_i) e finalizando no espaço neutro convencionado para a terceira pessoa (loc_k), como: IR, SAIR, SUBIR, VIAJAR; exemplos:

(12) HOJE ind_1 $VIAJAR_k$ R-I-O (Hoje eu viajo para o Rio).

(13) HOJE IR_k AMIG@ MULHER FESTA (Hoje vou para a festa de uma amiga).

A Representação semântica de EVENTO com raiz de_ será:



Os verbos FECHAR-JANELA, FECHAR-PORTA, FECHAR-GAVETA, embora possuam a mesma direcionalidade no movimento, não possuem este tipo de raiz, uma vez que essa direcionalidade não se refere a

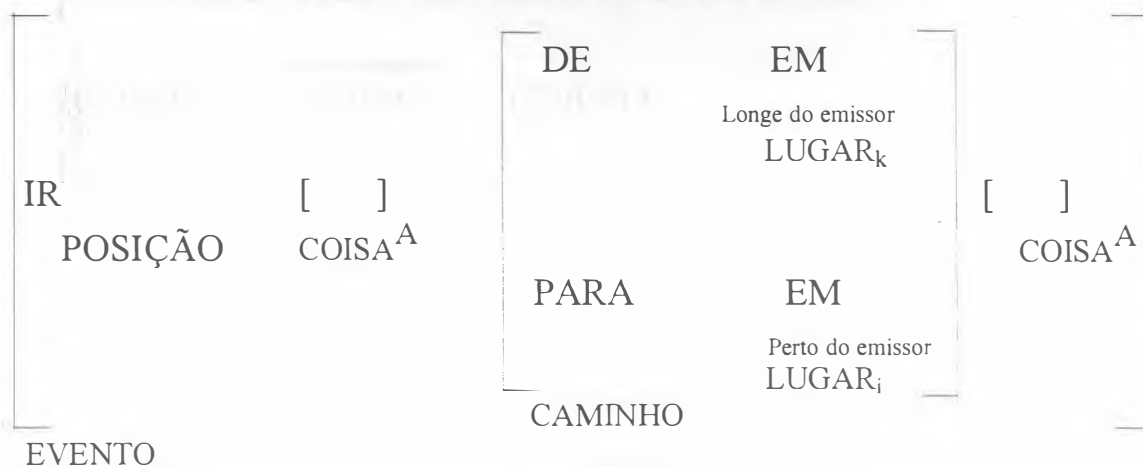
uma característica semântica desses verbos, mas está relacionada à iconicidade de sua representação sígnica.

4.2.3.1.2. Verbos com Raiz "_para"

São verbos com movimento linear iniciado no espaço neutro convencionalizado para a terceira pessoa (loc_k) e finalizando no espaço neutro próximo ao ponto convencionalizado para a primeira pessoa (loc_i), como os verbos: VIR, VOLTAR, CHEGAR, DESCER, exemplos:

- (14) AMANHÃ TARDE ^{... en ...} ${}_k$ VIR $_i$ loc_i FENEIS, ${}_k$ VIR $_i$ loc_i
 (Amanhã à tarde virei aqui na FENEIS, virei aqui mesmo).

A Representação semântica de EVENTO com raiz "_para será:



Na LIBRAS, o verbo “abrir”, bem como o verbo “fechar”, sempre incorpora o objeto (ABRIR-JANELA, ABRIR-PORTA E ABRIR-GAVETA), possuindo também iconicidade de representação sígnica. Sua direcionalidade é inversa a do verbo FECHAR mas, tanto o verbo FECHAR, em relação aos verbos de raiz _de, como o verbo ABRIR, em relação aos verbos de raiz para_ são casos de homonímia.

4.2.3.1.3. Verbos Multi-direcionais

Além destes dois subgrupos acima, há um outro subgrupo de verbos de movimento cujo movimento está relacionado, não ao emissor, mas ao sujeito - agente/tema, ou ao objeto - tema da frase, podendo ter várias direções pois estas dependem da localização inicial e da trajetória do sujeito ou do objeto, não tendo um ponto inicial ou final pré-determinados, já que estes pontos vão depender do contexto.

Este tipo de EVENTO, como os verbos: ANDAR, MOVER, CARREGAR, PEGAR, PUXAR, dá, simultaneamente, informações espaciais da localização e do movimento, como também, do sentido do movimento, que pode ser para qualquer direção. Esse tipo de verbo pode ainda incorporar à raiz o caso modal modo, por exemplo:

(15) HOMEM ^{apressadamente} _{Kd} ANDAR _{K'e} CINEMA

(O homem, que estava do lado direito da rua, andou apressadamente em direção ao cinema que ficava do lado esquerdo).

Nesta frase, um homem que foi mencionado no discurso, foi situado, pela perspectiva do emissor, em relação à uma rua onde estava do lado direito e o cinema do lado esquerdo, sua trajetória foi atravessar de um lado para o outro, estes pontos foram convencionalizados como os pontos de referência da terceira pessoa. Dependendo do modo de realização do EVENTO ANDAR, pode-se apreender se a pessoa anda devagar, apressada, se é gorda, se anda saltitando, se anda apoiada em bengala, cadeira de roda. Portanto, muitos verbos dessa classe podem incorporar à raiz os casos modais modo e instrumento, além do intensificador.

4.2.4. VERBOS COM FLEXÃO PARA LOCATIVO

Neste grupo estão os subgrupos dos verbos de:

- **contato por impacto** (Dixon, 1991; Dowty, 1991; Jackendoff, 1990): BATER, CHICOTEAR, CHUTAR, ESBOFETEAR, GOLPEAR, MARTELAR, PISAR;
- **criação e transformação** (Dixon, 1991; Dowty, 1991; Jackendoff, 1990): CORTAR, COSTURAR, DESENHAR, ESCREVER, FOTOGRAFAR, LER, MOLDAR, PINTAR, TOCAR (instrumentos), TRICOTAR;
- **criação de imagem** (Dowty, 1991): ASSINAR, BORDAR, COPIAR, DATILOGRAFAR, DESENHAR, ESCULPIR, FILMAR, GRAVAR;
- **cuidados corporais** (Atkin, Kegl & Levin, 1986): BARBEAR, CORTAR-CABELO/UNHA, ESCOVAR-DENTE/CABELO, PENTEAR, LAVAR-MÃO/CORPO;
- **remoção** (Gruber, 1976): ARRANCAR, LAVAR, LIMPAR, POLIR, RASPAR.

Esses verbos possuem raiz mimética e muitos se formam pelo processo de derivação zero, incorporando o papel temático paciente ou o caso modal instrumento.

Esse tipo de verbo possui um locativo enquanto segundo argumento obrigatório. A marca de locativo é o ponto final de realização do sinal verbal em relação a este locativo onde o paciente é localizado ou é parte do corpo ou do objeto afetado pela ação verbal. Por exemplo:

(16) ONTEM ALEX CABELO_k CORTAR-COM-TESOURA_k

‘Alex cortou o cabelo ontem’

(17) Ind₁ GOSTAR-NÃO PRATO_k LAVAR_k

‘Eu não gosto de lavar prato’

(18) HOMEM SUPERMERCADO PORTA_k ^{.....continuativo} PINTAR-COM-PINCEL_k

‘O homem está pintando a porta do supermercado com pincel’

Os verbos deste grupo podem apresentar a alternância holística/partitiva através do tipo de movimento que indicará a parte afetada. Assim, nos exemplos acima, em relação ao verbo CORTAR, pode-se ser incorporado à raiz o modo como está se cortando o cabelo e se este está sendo cortado somente em uma parte ou no todo; da mesma forma, com o verbo PINTAR, que incorporando também o instrumento, indica onde ele está. No exemplo acima, o instrumento do verbo PINTAR é o pincel, que poderá ser usado para se pintar uma parte da porta ou a porta por completo. Esta alternância holística/partitiva é permitida porque o locativo é sempre correferencial ao ponto inicial e final da raiz-movimento em relação ao objeto afetado.

Quando o verbo é usado intransitivamente, a raiz mimética incorpora o locativo. Por exemplo, o verbo ESCREVER:

(19) PROFESSORA ESCREVER-QUADRO-NEGRO_{na parte de cima} ^{.... contínuo}

‘A professora está escrevendo na parte de cima do quadro’

(20) PROFESSORA ESCREVER-QUADRO-NEGRO_{em baixo do lado esquerdo}

‘A professora escreve(u) em baixo do lado esquerdo do quadro’

(21) PROFESSORA ESCREVER-NO-QUADRO-NEGRO_{todo}

‘A professora escreveu no quadro todo’

Como os verbos de colocação também possuem marca para o locativo além da de gênero animado/inanimado, esses verbos também foram incluído neste grupo.

A representação semântica para os verbos com flexão para locativo será:



4.2.5. SENTENÇAS COPULATIVAS

Na LIBRAS, este tipo de frase possui o sujeito - paciente e o predicado, uma COISA - predicado nominal referencial, ou uma PROPRIEDADE - predicado nominal não-referencial ou atributivo. Os verbos copulativos "ser" e "estar", em geral, não são usados, ficando, na estrutura de superfície, apenas o sujeito e o predicativo; exemplos:

(22) HOMEM MUITO DOENTE NÃO PODER TRABALHAR

(O homem está muito doente e não pode trabalhar).

(23) HOMEM TRISTE PORQUE AINDA-NÃO PODER TRABALHAR

(O homem está triste porque ainda não pode trabalhar).

(24) ONTEM ind_{1s} ENCONTRAR HOMEM TRABALHAR FILMAR,

..... ênfase.....
 ind_{3s} MUIT@ FAMOS@

(Ontem eu encontrei um ator de cinema, ele é muito famoso).

(25) MARIA PROFESSOR@ (Maria é professora).

A representação semântica das sentenças copulativas com predicado PROPRIEDADE será:



Nos dados apareceram algumas construções com itens lexicais na LIBRAS correspondentes aos verbos ESTAR, FICAR e SER, este último usado somente na terceira-pessoa do singular; exemplos:

(26) loc_j TOD@ BRASIL Ê BONIT@, PARA loc_k FEI@ SUJ@

.. ênfase ..
 BAGUNÇAD@ MUIT@ PAPEL JOGAD@, OUTR@ COISA, FEI@

(Aqui o Brasil é bonito, para lá, é feio, sujo, bagunçado, muito papel jogado e outras coisas, é feio mesmo).

(27) ind_{1s} ESTAR ALEGRE PORQUE loc_i BRASIL COMEÇAR
 TRABALHAR LIBRAS

(Eu estou alegre porque aqui no Brasil começaram a trabalhar com LIBRAS).

A partir do exposto, pode-se concluir que a representação semântica dos verbos da LIBRAS, devido à iconicidade de sua estrutura sintática, mostra uma transparência do componente sintático em relação ao semântico.

O conhecimento do frame temático de um verbo propiciará a organização do frame proposicional a partir das regras sintáticas da língua.

Esta modalidade de língua compensa o tempo de articulação gestual, que é maior do que a prolação dos fonemas nas línguas orais-auditivas, através da flexão e de incorporações de conceitos preposicionais, modais e holístico/partitivo à raiz verbal.

A mímica não é a língua, mas parte da substância do plano de expressão, que tendo um plano de conteúdo universal pode facilitar a compreensão do significado mas, para se produzir enunciados, esta mímica precisará estar sob as regras morfológicas e sintáticas de uma língua gestual-visual.

CONCLUSÃO

CONCLUSÃO

CONCLUSÃO

Após quase três décadas de pesquisas sobre as várias línguas de sinais no mundo, esta pesquisa, primeira tese de doutorado no Brasil que fez um estudo sobre a LIBRAS.

Repensando sobre as classificações para as línguas, pode-se concluir que a LIBRAS, em relação às categorias gramaticais e aos seus processos de formação de palavra, é uma língua flexional.

Pode-se concluir, também, que nas línguas classificadoras existe uma certa regularidade em relação à utilização dos classificadores e que as pesquisas, apontando diferentes tipos de classificadores, associam estes a uma função morfológica e sintática, já que o processo de classificar, através deles, ocorre como acréscimo a um radical nominal ou verbal, ou como uma derivação interna de raiz, ou mesmo em todos os elementos da frase, como nas línguas classificadoras coordenantes.

Na LIBRAS, há dezenove configurações de mãos que são usadas na expressão do sistema de flexão verbal para gênero animado/inanimado. Assim, elas expressam morfemas, sempre estão presos a uma raiz verbal, e portanto não ocupam uma posição sintagmática independente. Realizam-se como desinências que vêm sempre afixadas às raízes verbais e, anaforicamente, estabelecem concordância de gênero com o referente que é argumento do verbo.

Além do parâmetro configuração de mão, os parâmetros direcionalidade, ponto de articulação e movimento também têm elementos que compõem um sistema complexo de desinências que estabelece as flexões verbais na LIBRAS.

Assim, os verbos possuem basicamente duas características relevantes: a primeira é que todo verbo possui uma valência na estrutura semântica, ou seja, um *frame* temático; a segunda é que os substantivos, enquanto argumentos de verbos em uma determinada situação, estão sujeitos a papéis temáticos.

Nesse sentido, esses papéis temáticos são os relacionamentos sintáticos do verbo com os substantivos nas estruturas onde estão inseridos. Portanto, a classificação dos verbos levou em consideração o *frame* temático dado pela sentença onde o verbo estava inserido e, como estes papéis temáticos estão na estrutura semântica, é possível ocorrerem os casos encobertos.

Partiu-se do pressuposto de que a gramática de cada língua é equipada com um conjunto de *frames* temáticos. Ao estudar os verbos da LIBRAS, buscou-se estes *frames* e os papéis temáticos derivados deles para cada sentença, classificando os verbos a partir de sua valência, ou seja, do número de participantes em qualquer cena a qual exhibe o estado de coisa designado pelo verbo, podendo haver duas espécies de papéis de argumento: os papéis de *frame* específico, que são os *frames* temáticos, e os papéis temáticos.

O verbo foi apresentado a partir de suas propriedades morfológicas, sintáticas e semânticas. A primeira apresentou o verbo como uma rede complexa onde estão agregados um sistema de flexão e satélites, a segunda, as características de seleção e subcategorização, e a terceira, as regras temáticas.

O mérito desta proposta está no fato de se ter utilizado as relações temáticas como parte do componente e, também, no fato de se ter proposto a

subjacência do caso proposicional tema como um caso subjacente e obrigatório a todos os outros casos. Essa Hipótese do Objetivo Obrigatório induziu ao questionamento de que se há um caso tema em cada *frame* e se ele não aparece na estrutura de superfície, talvez seja devido ao uso de casos deletável, lexicalizado ou correferencial.

A partir das reflexões sobre frames temáticos, papéis temáticos, frame proposicional e as categorias conceituais, o verbo foi apresentado enquanto categoria gramatical que, sendo uma rede verbal, determina o tipo de argumento que terá um papel temático específico e que poderá estar nas funções de sujeito, objeto 1 ou objeto 2 porque é a valência do verbo como um todo, incluindo nela a transitividade, que determinará a estrutura frasal e a possibilidade de alternâncias diatesis.

Portanto, a chave para o comportamento do verbo é seu significado, conhecendo este, pode-se prever o comportamento do verbo porque as propriedades sintáticas particulares são associadas a verbos de um certo tipo semântico. Assim, verbos que pertencem a determinadas classes de acordo com seus comportamentos semelhantes apresentaram componentes semânticos também semelhantes. Os membros de cada classe apresentaram em comum tanto propriedades sintáticas como semânticas.

Os verbos da LIBRAS foram divididos em quatro grupos: verbos sem flexão, verbos com flexão para pessoa do discurso, verbos com flexão para gênero e verbos com flexão para locativo/tema.

Estas quatro classes compreendem vários subtipos de verbos que vêm sendo estudados nas línguas orais auditivas, mas como na LIBRAS a estrutura sintática de muitos destes subgrupos é a mesma, eles foram reagrupados nessas quatro classes maiores.

Devido à iconicidade da estrutura sintática da LIBRAS, ficou mais transparente a estrutura semântica e, conseqüentemente, a relação entre estas estruturas sintática e semântica.

Embora este trabalho não tenha um caráter conclusivo, os resultados obtidos neste estudo trouxeram uma contribuição que ultrapassa o entendimento das línguas de sinais, uma vez que ofereceu subsídios à teoria geral da linguagem, demonstrando a aplicação àquelas de princípios que vêm sendo propostos para a análise de línguas orais-auditivas.

Esta pesquisa, também, a partir do seu Banco de Dados, facilitará, a outros pesquisadores, o estudo de outras questões gramaticais sobre a LIBRAS não abordadas nesta Tese.

BIBLIOGRAFIA

BIBLIOGRAFIA

BIBLIOGRAFIA

BIBLIOGRAFIA

- AARONS, D., BAHAN, B., KEGL, J. NEIDLE, C. (1992) Lexical Tense markers in American Sign Language. *Sign, Gesture and Space*. Emmorey and Reily (eds.). Hillside, New Jersey: Lawrence Erlbaum Association.
- ADAMS, K. E CONKLIN, N. (1973) Toward a Theory of Natural classification. *Papers from the 9th Regional meeting of Chicago linguistics Society*, 1-10.
- AISSIN, J. (1982) Valence and Coreference. *Syntax and Semantics*. Vol 15. Hopper, P.J. and Thompson, New York : S.A. Academic Press . US, 7-36.
- ALLAN, K. (1977) Classifiers. *Language*, 53: 285-311.
- ANDERSON, J.M. (1971). *Towards a Localistic Theory*. Cambridge University Press. Cambridge.
- ANDERSON, S.R. (1971) On the Role of Deep Structure in Semantic. Interpretation, *Foundations of Language*, 7:387-396.
- (1985) Typological distinctions in word formation em SHOPEN, T. *Language typology and syntactic description - Volume III - Gramatical categories and the lexicon*. New York : Cambridge University Press, 3-55.
- ATKINS, B.T., KEGL, J. e LEVIN, B. (1986) Explicit and Implicit Information in Dictionaries. *Avances in Lexicology*. Proceedings of the Second Conference of the Centre for the New OED. Waterloo, Ontario: University of Waterloo.
- BACCELL, A. O. (1926) *A Surdo Mudez no Brasil*. Tese para obtenção do grau de Doutor em Medicina. Faculdade de Medicina de São Paulo. São Paulo: Martinelli, Maia & Cia.
- BAKER, C.L. (1992) Review of S.Pinker: Learning and Cognition: The Acquisition of Argument Structure, *Language*, 68:402-413.
- BORBA, F. S. (coord.) (1990) *Dicionário Gramatical de Verbos do Português Contemporâneo do Brasil*. São Paulo: Ed. UNESP.
- BELLETTI, A. and RIZZI, L. (1988) Psych-Verbs and θ -Theory," *Natural Language and Linguistic Theory*, 6:291-354.
- BERENEZ, N. (1993) Deixis ad referencial Practice: A View from Two Sign Language, *Anais do VII Encontro Nacional da ANPOLL*. Goiânia:Vol 2 - Linguística, 713-723.
- (1996) *Person and deixis in Brazilian Sign Language*. Dissertation for Doctor of Philosophy in Linguistics, University of California, Berkeley.
- BERENEZ, N. & FERREIRA BRITO, L. (1990) Pronouns in BCSL and ASL. *Sign Language Studies*, 87: 26-36.
- BLAKE, B.J. (1994) *Case*. Cambridge Textbooks in Linguistics. Cambridge University Press. USA.
- BLOOMFIELD (1933) *Language*. New York: Holt, Rinehart & Winston.
- BOLINGER, D. (1977) *The form of language*. London: Longmans.
- BORER, H. (1991) The Causative-Inchoative Alternation: A Case Study in Parallel Morphology, *The Linguistic Review*, 8:119-158.

- BOWERMAN, M. (1990) Mapping Thematic Roles onto Syntactic Functions: Are Children Helped by Innate Linking Rules?. *Linguistics*, 28: 1253-1289.
- BYBEE, J. L. (1995) Diagrammatic iconicity in stem-inflection relation. HAIMAN, J. (ed.) *Iconicity in syntax*, 11-48. Amsterdam: John Benjamins.
- CALDAS, B.F. (1993) Referências em LSCB. *Anais do VII Encontro Nacional da ANPOLL*. Goiânia: Vol 2 - Lingüística, 689-693.
- (1992) *Narrativas em LSCB: Um estudo sobre referência*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- CARTER, R. M. (1976) Chipewyan classificatory verbs. *International Journal of American Linguistics*, 42, nº 1: 24-30.
- CHAFE, W. (1970) *Meaning and the Structure of Language*. Chicago: Chicago University Press.
- CHOMSKY, N. (1978) *Aspectos da teoria da Sintaxe*. Armério Amado, Editor, sucessor. Coimbra. 2ª ed.
- (1980a) *Reflexão sobre a Linguagem*. Tradução de Carlos Vogt et al. São Paulo: Cultrix.
- (1980b) *Rules and Representations*. New York: Columbia University Press.
- (1987) *Language and Problems of knowledge*. Mass: The Managua Lectures. MIT Press.
- (1988) *Lectures Government and Binding*. The Pisa Lectures. Floris Publications. Dordrecht - Holland/providence RI - USA.
- (1992) *Some Concepts and Consequences of the Theory of Government and Binding*. Linguistic Inquiry. Monograph Six. Mass: MIT Press.
- CICCONE, M. (1995) *Comunicação Total*. Rio de Janeiro: Cultura Médica.
- (1990) *Comunicação Total*. Rio de Janeiro: Cultura Médica.
- CHUNG, S. & TIMBERLAKE, A. (1985) Tense, aspect, and mood. em SHOPEN, T. (ed.) *Language typology and syntactic description*. Volume III. Grammatical categories and the lexicon. Cambridge: Cambridge University Press, 202-257.
- COOK, V.J. (1988) *Chomsky's universal grammar - An introduction*. Oxford: Basil Blackwell. UK.
- COOK, W.A.S.J. (1989) *Case Grammar Theory*. Washington: Georgeown University Press. USA.
- (1990) Possible Verbs and Structure of Events. TSOHATZIDIS, S.L. (ed.) *Meaning and Prototypes: Studies on Linguistic Categorization*, London: Routledge.
- CROFT, W.A. (1991) *Syntactic Categories and Grammatical Relations*. Chicago: University of Chicago Press, IL.
- (1990) *Typology and Universals*. New York: Cambridge University Press.
- DENNY, J.P. (1980) The 'Extendedness' Variable in Classifier Semantics. In M. Mahiot (ed.) *Ethnolinguistics: Boas, Sapir and Worf Revised*. New York: Mouton Publishers. The Hague, 97-119.
- DEUCHAR, M. (1984) *British Sign language*. London: Routledge and Kegan, Paul, Londin, Boston, Melbourne and Henley.

- DIXON, R.M.W. (1991) *A New Approach To English Grammar, On Semantic Principles*. Oxford: Oxford University Press.
- DOWTY, D.R. (1991) Thematic Proto-Roles and Argument Selection. *Language*, 67: 547-619.
- DUBOIS, J. et al. (1993) *Dicionário de Lingüística*. São Paulo: Cultrix.
- EDMONDSON, W.H. (1990) A Non-Concatenative Account of Classifier Morphology in Signed and Spoken Languages. In Siegmund Prillwitz & Tomas Vollhaber (eds.) *Currents Trends in European Sign Language Research*. Hamburg: Signum-Press.
- EKMAN, P. (1978) Facial Signs: Facts, Fantasies and Possibilities. SEBEOK, T. (ed.). *Sight, Sound and Sense*. Bloomington, Ind. : Indiana University Press, 1978.
- EMONDS, J.E. (1985) *A Unified Theory of Syntactic Categories*. Foris Publications, Dordrecht - Holland/Cinnaminson - U.S.A.
- FARIA, C. V. S. (1995) *Atos de fala: O Pedido em Língua Brasileira de Sinais*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: UFRJ.
- FELIPE, T.A. (1988) *O Signo Gestual-Visual e sua Estrutura Frasal na Língua dos Sinais dos Centros Urbanos Brasileiros*. Dissertação de Mestrado, UFPE, PE.
- (1989a) Bilingüismo e Surdez. *Trabalhos de Lingüística Aplicada*. Campinas, (14): 101-112, jul./dez.
- (1989b) A Estrutura Frasal na LSCB. *Anais do IV Encontro Nacional da ANPOLL*. Recife, 663-672.
- (1990) Bilingüismo e Informática Educativa. *Revista Integração*. Brasília: SENE/MEC, Ano 3, (6):11-14.
- (1991b) Do Discurso à gramática da LSCB. *Seminário sobre FUNCIONALISMO EM CURSO*. Rio de Janeiro: UFRJ, 52-55.
- (1991c) *Coesão Textual em Narrativas Pessoais na LSCB*. Monografia de conclusão da disciplina "História da Análise do Discurso". Curso de Doutorado em Linguística. Rio de Janeiro: UFRJ.
- (1992a) Por uma proposta de Educação Bilingue. *Revista Espaço* (INES), Ano 2, (2), 75-94.
- (1993) Por uma tipologia dos verbos da LSCB. *Anais do VII Encontro Nacional da ANPOLL*. Goiânia: Vol 2 - Lingüística, 724-744
- (1996a) Um estudo diacrônico de Verbos da LIBRAS e da ASL. Trabalho que seria apresentado no Encontro da ANPOLL. João Pessoa.
- (1996b) Um estudo diacrônico de Verbos da LIBRAS e da FSL. Rio de Janeiro: FENEIS, FENEIS (a sair).
- FERREIRA BRITO, L. (1989) Classificadores em LSCB. *Anais do IV Encontro Nacional da ANPOLL*. Recife, pp.640-654.
- (1984) Similarities & Differences in two Brazilian Sign Languages. *Sign Language Studies*. Linstok press Inc. Silver Spring. Vol. 42: 45-56.
- (1990) Uma abordagem fonológica dos Sinais da LSCB. *Revista Espaço*: INES, ano 1, nº 1:20-43, R.J.
- (1992) Convencionalidade e iconicidade em língua dos sinais. *Anais do I Congresso ASSEL-RIO*. Rio de Janeiro: PUC.

- (1993a) Correferência em uma Língua de Sinais Brasileira. *Anais do VII Encontro Nacional da ANPOLL*. Goiânia: Vol 2 - Lingüística, 705-712.
- (1993b) *Integração Social & Educação de Surdos*. Rio de Janeiro: Babel Editora.
- (1995) Atos de fala: o pedido e as estratégias de polidez em LIBRAS. LOPES, L.P.M. e MOLLICA, M. C. (org.) *Espaços e interfaces da lingüística e da lingüística aplicada*. Rio de Janeiro: Cadernos Didáticos. UFRJ, 121-147.
- FERREIRA BRITO et al. (1995) *Por uma gramática de Língua de Sinais*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro: UFRJ, Depto. Lingüística e Filologia.
- FERREIRA BRITO, L & LANGEVIN, R. (1994) Negação em uma Língua de Sinais Brasileira. *Delta*, Vol. 10, nº 2: 309-327. São Paulo: PUC/SP.
- FILLMORE, C.J. (1968) The Case for Case. BACH, A. and HARMS, R.T. (eds.), 1-88.
- (1969) Lexical Entries for Verbs, *Foundations of*
- (1971) The Case for Case Reopened. COLE, P. and SADOCK, J.M. (eds.) *Syntax an Semantics* 8, Grammatical Relations. New York: Academic Press, 59-81.
- (1977) Topics in Lexical Semantics. COLE, R.W. (ed.,) *Current Issues in Linguistic Theory*. Bloomington: Indiana University Press, 76-138.
- (1981) Frame Semantic. *Linguistics in the Morning Calm* - Selected papers from SICOL Hanshin, Publishing Company, Seol, Korea.
- FILLMORE, Ch. e KAY (1992) *Linguistics 220*. Berkeley: University of California.
- FISCHER, S. & GOUCH, B. (1978) Verbs in American Sign language. *Sign Language Studies*, 18: 17-48.
- FISCHER, S. (1973) Verb inflections in American Sign Language and their acquisition by the deaf child. Paper presented to the Linguistic Society of America, 1973. Presented at 66th Annual Meeting of the LSA.
- (1990) Verbs Sandwiches in American Sign Language. *Current Trends in European Sign Language Research*. Vol 9. Prillwitz, S. V. Vollhaber (eds.). Verlag, Hamburg: University Signum.
- FISCHER, S. & SIPLE, P. (eds.) (1990) *Theoretical Issues in Sign Language Research*. Volume 1. The University of Chicago Press.
- FISHBERG, N. (1975) Arbitrariness and iconicity: historical change in American Sign Language. *Language*, 51: 696-719.
- FONSECA, F.V.P. (1985) *O Português entre as Línguas do Mundo*. Coimbra: Liv. Almedina.
- FRIEDMAN, L.A. (1976) The manifestation of Subject, object, and topic in the American Sign Language. Reprinted from: *Subject and Topic*. Academic Press, Inc. New York, San Francisco, London, 127-147.
- FRIEDRICH, P. (1970) Shape in grammar. *Language*, 46: 370-407.
- FRISHBERG, N. (1975) Arbitrariness and Iconicity in American Sign Language. *Language*, 51: 696-719.
- GAMA, F. J. (1875) *Iconographia dos Signaes dos Surdos-Mudos*. Rio de Janeiro: Typographia Universal de E. & H. Laemmert.

- GIVÓN, T. (1979) *On Understanding Grammar*. New York : Academic Press.
- (1984) *Syntax: A Funcional-Typological Introduction*. Vol. I. Amstedam: J. Benjamins.
- (1985) Iconicity, isomorphism and nonarbitrary coding in syntax. HAIMAN, J. (ed.) *Iconicity in Syntax*. Amsterdam: John Benjamins.
- GLADSTONE, Ch.M. (1975) *Iniciação à Filologia e à Lingüística Portuguesa*. Rio de Janeiro: Liv. Acadêmica.
- GÓES, M. C. R.(1996) *Linguagem, Surdez e Educação*. Campinas: Ed. Autores Associados.
- GREEN, G. (1972) Some Observations on the Syntax and Semantics of Instrumental Verbs, *Chicago Linguistics Society*, 8: 83-97.
- GREENBER, J. H. (ed.) (1963) *Universals of Language*. New York: MIT Press.
- GRIMSHAW, J.(1990) *Argument Structure*. Cambridge: MIT Press, MA.
- GRUBER, J.S. (1967) Look and See. *Language* 43: 937-947.
- (1976) *Lexical Structures in Syntax and Semantics*. (North-Holland linguistic series; 25). Amsterdam: North-Holland Publishing Company.
- GUERSSSEL, M. K. HALE, M. LAUGHREN, B. LEVIN e J.WHITE EAGLE (1985) A Crosslinguistics Study of Transitivity Alterntions. *Papers from the Parasession on Causative and Agentivity*. *Chicago Linguistics Society*. Part 2. Chicago: 48-63.
- HAAS, M. R. (1967) Language and taxonomy in northwestern California. *American Anthropologist*, 69: 358-362.
- HAEGEMAN, L. (1991) *Introduction to Government and Binding Theory*. Oxford: Basil Blackwell. UK.
- HAIMAN, J. (ed.) (1985) *Iconicity in Syntax*. Amsterdam: John Benjamins.
- HALE, K.L. and KEYSER, S.J. (1992) The Syntactic Character of Thematic Structure. ROCA, I.M. (ed.).107-143.
- HJELMSLEV, L. (1956) Animado e Inanimado, Pessoal e Não-pessoal. L. Hjelmslev. *Ensaios Lingüísticos*. Trad. Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Debates - Ed. Perspectiva, 1991.
- HOCKETT, Ch. F. (1961). The Problems of Universal in Language. GREENBERG, J. (ed.). *Universal of Language*, 1-29.
- HOEMANN, H. et al. (1983) *Linguagem de Sinais do Brasil*. Porto Alegre: Centro Educacional para deficientes Auditivos.
- (1983a) Major Features of Brazilian Sign Language. *Sign Language Research*, 274-280.
- HOFFMAN, M.C. (1991) *The Syntax of Argument-Structuring-Changing Morphology*, Doctoral Dissertation, MIT, Cambridge, MA.
- HOIJER, H. (1945) Classificatory verb stems in Apachean language. *International Journal of American Linguistics*, 11: 13-23.
- HOPPER, P. J. e THOMPSON, S. A. (eds.) (1982) *Syntax and Semantics*. Vol. 15: *Studies in Transitivity*. New York: Academic Press.
- HOPPER, P. J. e THOMPSON, S. A. (1984) The discourse basis for lexical categories in universal grammar. *Language*, 60.

- JACKENDOFF, R.S. (1972) *Semantic Interpretation in Generative Grammar*. Cambridge: MIT Press, MA.
- (1976) Toward an Explanatory Semantic Representation. *Linguistic Inquiry*. Vol 7, nº 1: 87-150.
- (1983) *Semantics and Cognition*. Cambridge: MIT Press, MA.
- (1987) The Status of Thematic Relations in Linguistic Theory. *Linguistic Inquiry* 18: 369-411.
- (1990) *Semantic Structure*. Cambridge: MIT Press. MA.
- (1992) *Languages of the Mind: Essays on Mental Representation*. Cambridge: MIT Press, MA.
- KAY, P. (1975) Synchronic Variability and diachronic change in basic color terms. *Language and Society* 4: 257-270.
- KAKUMASU, J. (1968) Urubu Sign Language. *International Journal of American Linguistics* 34: 275-281.
- KAKUMASU, J. e KAKUMASU, K. (1977) *Dicionário por Tópicos: Urubu-Português*. Belém: Summer Institute of Linguistics.
- KARNOPP, L. B. (1994) *Aquisição do parâmetro configuração de mão na língua brasileira dos sinais (LIBRAS): estudo sobre quatro crianças surdas, filhas de pais surdos*. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: PUC.
- KEGL, J. & WILBUR, R. (1976) Where does structure stop and style begin? Syntax, morphology, and phonology vs. stylistic variations in American Sign Language. *Papers from the 12th Regional Meeting, Chicago Linguistic Society*, 376-396.
- KEGL, J. (1985) *Lacative Relations in American Sign Language Word Formation, Syntax and Discourse*. Thesis Document (Doctor of Philosophy), MIT.
- KIYOMI, S. (1992) Animateness and shape in classifiers. *Word - Journal of the International linguistic Association*. Vol.45, no 1: 1-36
- KLEIN, H.E.M. (1980). Nouns Classifier in Toba. In M. Mahiot (ed.). *Ethnolinguistics: Bas, Sapir and Worf Revised*. New York: Mouton Publishers. The Hague, 87-95.
- KLIMA, E., BELLUGI, U. et Al. (1979) *The Signs of Language*. Cambridge MA: Harvard University Press.
- LANE, H. (1980) A Chronology of the Oppression of Sign Language in France and United States, in LANE, H. & GROSJEAN, F. *Recent Perspectives on American Sign Language*. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, Publishers, Hillsdale, 119-159.
- LEVIN, B. (1993) *English Verbs Classes and Alternations: A Preliminary Investigation*. The University of Chicago Press Chicago and London.
- LIDDELL, S. (1977) *An Investigation into the Syntactic Structure of ASL*. San Diego: University of California, Doctoral Dissertation, CA
- (1978) Nonmanual Signals and Relative Clauses in American Sign Language. SIPLE, P. (ed.).
- LIDDELL, S. (1980) *American Sign Language Syntax*. The Hague: Mouton.
- LUCAS, C. ed. (1990) *Sign Language Research: Theoretical Issues*. Massachusetts: Gallaudet University Press.
- LYONS, J. (1977) *Semantics*. New York: Cambridge University Press.
- LYONS, J. (1979) *Introdução à Linguística Teórica*. São Paulo: Ed. Nacional.

- MARTIN, J.W. (1975) Gênero?, *Revista Brasileira de Linguística*. Nº 2. Petrópolis: Vozes, 3-8.
- MIKOS, K. (1983) *Classifiers en ASL - A manual for Instructors*. ASL Community College Network. Berkeley, California: Vista College.
- MOODY, B. (1983) *La langue des Signes*. Tome 1 - Histoire et Grammaire. Vincennes: Ellises - Edition Marketing
- MOORE, M.S. & LEVITA, L. (1993) *For Hearing People Only*. Rochester. NY: Deaf Life Press.
- MORFORD, J.P. (1993) The Role of Iconicity in Manual Communication. *Chicago linguistic Society*. Illinois USA, 243-252.
- MOURELATOS, A.P.D. (1978) Events, Processes and States, in *Linguistic and Philosophy* 2: 415-434.
- NEWMEYER, F. (1992) Iconicity and generative grammar. *Language*. Vol 68, number 4: 756-796.
- OATES, E. (1969) *Linguagem das Mãos*. Rio de Janeiro: Gráfica Ed. Livro
- PADDEN, C. (1990) The Relation between Space and Grammar in ASL Verbs Morphology. *Sign Language Research: Theoretical Issues*. C. Lucas (ed.). Washington Dc: Gallaudet Press - An Anthropology, Linstok Press, Burtonsville, Maryland, 118-132.
- PADDEN, C. (1983) *Iteration of morphology and Syntax in American Sign Language*. Doctor of Philosophy in Linguistics. Dissertation. San Diego: University of California.
- PEDERSEN E. & PEDERSEN, A. (1983) Proforms in Danish Sign Language, Their use in figurative signing. *Sign language Research*. Linstok Press Inc, Silver Spring.
- PEIRCE, Ch. S. (1980) *Semiótica*. Estudos. Perspectiva, São Paulo.
- PEREIRA M. C. (1989) *Interação e construção do sistema gestual em crianças deficientes auditivas, filhas de pais ouvintes*. tese de Doutorado. São Paulo: UNICAMP.
- PRILLWITZ, S. & VOLLHABER, T. (eds) (1990) *Current trends in European sign language research: proceedings of the 3rd European Congress on Sign Language Research*. Hamburg: Signum.
- POLLOCK, I. (1989) Verb Movement, Universal grammar, and the Structure of IP. *Linguistic Inquiry* 20: 365-424.
- QUADROS, R.M. (1995) *As categorias Vazias Pronominais: uma Análise Alternativa com Base na LIBRAS e Reflexos no Processo de Aquisição*. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre : PUC. RS
- ROCA, J. Ed. (1992) *Thematic Structure: Its Role in Grammar*. Berlin: Mouton de Gruyter.
- RUWET, N. (1991) *Syntax and Human Experience*. Chicago: University of Chicago Press.
- SALKOFF, J. M. (1983) Bee are Swarming in the garden. *Language* 59: 288-346.
- SAPIR (1939) *Language*. New York (Na tradução portug. de Matoso Câmara Jr. *A Linguagem*. Editora Perspectiva, 1980.
- SIPLE, P. (ed.) (1978) *Understanding Language through Sign Language Research*. New York: Academic Press Inc.
- SCHACHTER, P. (1985) Parts-of-speech systems. SHOPEN, T. (ed.). Vol. 1: 3-61.

- SHOPEN, T. (1985) (ed.) *Language Typology and Syntactic Description, Grammatical Categories and the Lexicon*, Vol. 3. Cambridge: Cambridge University, MA.
- STOKOE, W., CASTERLINE, D. & CRONEBERG, C. (1965) *Dictionary of American Sign Language*. Washington: Gallaudet College.
- STOKOE, W. (1960) Sign Language Structure: An outline of the visual communication system of the American deaf. *Studies in Linguistics*, Occasional Papers N° 8.
- SUPALLA, T. & NEWPORT, E. (1978) How many seats in a Chair? The derivation of nouns and verbs in American Sign Language. In P. Siple (ed.) *Understanding Language Through Sign Language Research*. New York: Academic Press.
- SUPALLA, T. (1978) Morphology of verbs of motion and location in American Sign Language. F. Caccamise (ed.), *Proceedings of the Second National Symposium on Sign Language Research and Teaching*. Silver Spring, MD: National Association of the Deaf.
- (1982) *Structure and Acquisition of Verbs of Motion and Location in ASL*. Doctoral dissertation. San Diego: University of California.
- (1986) *The Classifier System in American Sign Language*. Offprint from Colette Grai (ed.) *Noun Classes and Categorization*. Typology Studies in Language 7. Philadelphia: John Benjamins Publishing Co.
- TALMY, L. (1985) Lexicalization patterns: semantic structure in the lexical form. SHOPEN, T. (ed.) *Language typology and syntactic description*. Volume III. Grammatical categories and the lexicon. Cambridge: Cambridge University Press. Cambridge, 57-127.
- TAYLOR, J.R. (1991) *Linguistic Categorization - Prototypes in Linguistic Theory*. New York: Clarendon Press. Oxford.
- TROMBETTI, A. (1923) *Elementi di Glottologia*. Bolonha.
- VALLI, C. and C. LUCAS (1992) *Linguistics of American Sign Language: A Resource Text for ASL Users*. Washington: Gallaudet University Press.
- VILELA, M. (1992) *Gramática de valências: Teoria e Aplicação*. Coimbra: Liv. Almedina.
- VOTRE, S. (1992)
- WILBUR, R. (1987) *American Sign Language: Linguistic and Applied Dimensions*. 2nd ed. Boston: Little Brown.
- WILLIAMS, E.S. (1980) Predication. *Linguistic Inquiry* 11: 203-238.
- (1981) Argument Structure and Morphology. *The Linguistic Review* 1: 81-114.
- (1994) Thematic Structure in Syntax. Linguistic. *Linguistic Inquiry*. Monography:23. Massachusetts: MIT Press. Cambridge.
- WOODWARD, J. (1980) Some Sociolinguistic Aspects of French and American Sign Languages. LANE, H. & GROSJEAN, F. (ed.). *Recent Perspectives on American Sign Language*. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, Publishers, Hillsdale.